

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: ELYSIO DE CARVALHO



LUIS DE

CAMÕES

DESENHO DE CORREIA DIAS

Anno III.

N. 34.

Outubro de 1924.

Preço 1\$000.

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

SUMMARIO DESTE NUMERO

O ENDEREÇO D'“OS LUSIADAS”	AFRANIO PEIXOTO
VENUS CAMONIANA	CELSO VIEIRA
OS LUSIADAS, PADRÃO DE CULTURA	J. M. GOMES RIBEIRO
UMA ESTANCIA DOS LUSIADAS	RAUL SOARES
CAMÕES, GENTIL GARÇÃO	ELYSIO DE CARVALHO
CAMÕES COMO HEROE	TEIXEIRA SOARES
A LIBERTAÇÃO DA REALIDADE	RAMON GOMEZ DE LA SERNA
LAUREIS DE CAMÕES	(POESIAS)
SOBRE O “LIVRO DOS AMORES”	ALBERTO FARIA
FORMAÇÃO DOS LIMITES DO BRASIL	CAPISTRANO DE ABREU
UMA ESPECULAÇÃO DE LIVREIROS DE IMPORTANCIA INTERNACIONAL	ISAAC GOLDBERG
CARTA DA ITALIA	N. A.
SMETANA	REDACÇÃO
PORTUGALIA	REDACÇÃO
NOTAS E COMMENTARIOS	REDACÇÃO
REPERTORIO	REDACÇÃO
PORTUGALIA	REDACÇÃO.
NOTAS E COMMENTARIOS	REDACÇÃO.
REPERTORIO	REDACÇÃO..

EXCERPTOS

DE

Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, José Verissimo, Miguel Lemos e
Annibal Falcão

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. 10\$000
Para o Exterior 12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez . 1\$000
Numero atrasado. 2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

OFFICINAS: Avenida Rio Branco, 117/21

Tel.: Norte 6011

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Caixa Postal, 1223

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Gerente: CARLOS RUBENS

NUM. 34



RIO DE JANEIRO — OUTUBRO DE 1924



ANNO III

O ENDEREÇO D' "OS LUSIADAS"

"Empurrar a porta aberta", de uma certeza, que ha tres seculos e meio se discute... quando a evidencia nos está desde muito, saltando aos olhos seria obra descariosa, se tratar de novo o assumpto não nos permittisse estudar as razões "artísticas" e "ethicas", de duas ou tres, das duas grandes injustiças d'Os Lusíadas... São os casos de Vasco da Gama, de Bartholomeu Dias e de Fernão de Magalhães.

Começam os Portuguezes sua vocação marítima. A fé leval-os-ia á terra de Infiéis, perseguidos até ahí, depois de expellidos da Peninsula:

*E assi não tendo a quem vencer na terra
Vai cometer as ondas Oceano. (II 48.)*

E' D. João I:

Este é o primeiro rei que se desterra. (II 48.)

Ceuta é tomada em 1415; o infante D. Henrique armado cavalleiro na Mesquita moura, transformada em Igreja christan, recebe ahí a iniciação das noticias e fabulas, de terras a descobrir, na costa d'Africa, caminho talvez das Índias, e além dessa, da Africa occidental, para as bandas da Ethiopia, do lendario Preste João das Índias, cuja piedade seria arri-mo das pretensões possiveis dos Portuguezes: a Fé de D. João I teria duas filhas heroicas, na Ambição e na Curiosidade do Infante de Sagres.

Porto Santo foi descoberto em 1418; a ilha da Madeira em 1419. Em 1432, completava-se a descoberta do archipelago dos Açores. Em 1434, dobrava-se o Cabo Bojador. A malograda expedição de Tanger, em 1437, se arrefece o ardor militar de D. Henrique, não diminuiu em nada suas aspirações marítimas. Para diante!

Em 1443, é vingado o Cabo Branco. O Senegal alcançado em 45; em 47 o Rio Grande; em 48 a Serra Leoa. Em 56 é a vez das ilhas de Cabo Verde; em 62 é a Costa de Guiné. Quando, em 60, morre o Infante, a impulsão para o ainda desconhecido seria irreprimivel, pois 1.700 milhas geographicas, de Cabo Não, ao Cabo Mesurado, ficavam reveladas ao mundo. O sonho do caminho marítimo das Índias realizava-se...

Em 71 é a Costa da Mina; em 84 é o Zaire ou Congo; em 1486, finalmente, Bar-

tholomeu Dias, com duas pequenas caravellas, alcança o Oriente, sem o saber, em meio de uma tempestade, e, só tornado, descobre que passara a meta antártica do continêntê Africano que elle chamou o Cabo das Tormentas, e que Dom João II, que via mais longe, na aspiração, mudou em Cabo da Bôa Esperança.. Proseguia o sonho Português e este era o seu momento capital.. Agora, achado o caminho, era só alcançar a India.

Camões que não esquece D. João I, como vimos, rende a sua homenagem a D. Henrique: a fama "nos mares o pubrique por seu descobridor" (VIII 39), tendo já falado das "novas ilhas", "e os novos ares que o generoso Henrique descobriu". (V. 4) De Bartholomeu Dias,



Camões compreendeu que a gloria Portuguesa não seria insensível dar a volta à terra, completando o periodo do mundo, ainda que não fosse mais que por este verso immortal):

E se mais mundo houvera lá chegara (IX 14.)

E compreendeu tanto, que não recuou diante de um anachronismo... Jupiter invocado por Venus, durante a viagem do Gama, em 1497, refere-se ao estreito de Magalhães, só descoberto em 1520:

*Que nunca se verá tão forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano
Nem das Boreais ondas ao estreito
Que mostrou o aggravado Lusitano.* (II 55.)

Retenha-se esse "mostrou", passado, e esse "aggravado Lusitano", que é a mesma linguagem de Thetis, quando, desta vez, prophetiza:

*Mas é razão também que no Ponente
De um Lusitano um feito inda veais
Que de seu rei mostrando-se aggravado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.* (X 138.)

Que a façanha era bem digna de *Lusitadas* está na insistencia:

Ao longo desta costa que teréis

(isto é, desta costa do Brasil, que será vossa, depois de 1500)

*Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães.* (X 140.)

*E mais avante o estreito que se orrea
Co nome delle agora o qual caminha
Para outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o austro a esconde* (X 141.)

(este "agora" de Thetis, é anachronico, como o "mostrou" de Jupiter)

Depois, outro signal dessa importancia, é que o Poeta não esquece nunca de nomear ao Magalhães, devidamente de "Lusitano", e até com a justificativa da pecha que lhe imputa: "aggravado Lusitano", e por duas vezes (II 55 e XI 38)

E' o epitheto de João de Barros, "aggravado del-Rei" (*Decadas* III, liv. C. cap. VIII) e virá a ser Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India* (t. II p. II), resumindo os autos do processo... "o qual Fernão de Magalhães indo ao reino allegando a el-rei seus serviços e pedindo em satisfação que lhe acrescentasse cem réis em sua moradia por mês, o que lhe el-rei denegou, por lhe não cair em graça, ou porque assim estava permitido que havia de ser; Fernão de Magalhães disto aggravado, porque muito pediu a el-rei e elle o não quiz fazer, lhe pediu licença para ir viver com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com elle. El-rei lhe disse que fizesse o que quizesse pelo que lhe quiz beijar a mão, que lhe El-rei não quiz dar"

Injustiça e severidade que iriam dar a Castella a gloria da circumnavegação do globo. A Camões, taes deslizes do poder real não deviam ser extranhos para não

falar das proprias injustiças que soffre-ra, aquellas que eram sorte geral:

*Culpa de reis, que as vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber
tenham* (VIII. 41.)

Como, apesar disso, de reconhecer a qualidade de "aggravado", exaltando a proeza, diz que o heroe era, "no feito, com verdade Português", "porém, não na lealdade"?

Evidentemente, uma injustiça. E' que, para Camões, acima dos agravos dos reis

lando furioso, a Messiada, á Henriada, o poema podera ter um endereço pessoal; poderá ter o do fim a attingir, perdido ou recuperado, ou evocado, como a Iliada, a Pharsalia, a Jerusalem libertada, a Divina Comedia, o Paraiso perdido, a Lenda dos seculos: o poema de Camões podera chamar-se "Vasco da Gama", ou "As Indias". Não, — chama-se, inconfundivelmente, — "Os Lusitadas"

Não precisaria de mais, se não fosse proprio do caracter humano a contradi-



Luiz de Camões

(Por Gérard, ed. Morg. de Math.)

injustos estava a Patria, sem culpa, e que se deve servir sem reserva e sem infidelidade, ainda a provocada: o homem não terá nunca razões contra o patriota; a deslealdade contra Portugal, implicita num serviço, e glorioso, a Castella foi causa da severidade.

Injustiça opposta seria attribuir o Poeta a Vasco da Gama toda a gloria portuguesa das navegações, por havê-las completado: o que evidentemente é sem razão. Como a *Odysséa*, a *Eneida*, o *Or-*

ção, até á verdade. Não é de um camoniano e dos maiores, de Epiphanio Dias, isto que clama á razão: "Negar que Vasco da Gama é o heroe dos *Lusitadas* e fallar de um "heroe colectivo" é fingir desconhecer o valor tecnico do termo heroe, e cerrar os olhos á evidencia!"

Entretanto, na pagina anterior, que o seu mau humor contrariante, até de si mesmo, inspiraria a este sabio, fugira, a esta evidencia, repetindo o que vinha

sendo visto de longe: "Pondo em effeito o intento de cantar:

O peito illustre Lusitano

A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Camões" ... etc.

Felizmente, o que esse lusiada contraditorio vê mal, outra grande autoridade, e de estrangeiro, não vacilla: "O poema dos *Lusiadas* contem, de facto, diz D. Carolina Michaelis, a historia poetizada das obras gloriosas do povo inteiro, tanto por terra como por mar. A confirmar esta definição temos declarações formaes do poeta. Logo no introito: "As armas e os

na monumental edição de 1817, e por um Whielm Storck, nesse outro monumento a "*Vida de Camões*", nos nossos dias...

Camões fez entretanto tudo para ser entendido. O endereço patriotico, tradicional, e o propheticó, nacional, antes que dynastico ou pessoal, mil e uma vezes está apontado no poema. Quando a Vasco da Gama, bem que seja immensa, a honra que lhe confere, pessoalmente, ha sombras no esboço de sua figura, como se o Poeta tivesse querido, e quis, marcar que elle ou outro lusiada, comtanto que fosse lusiada, seria capaz de levar a cabo a empresa irresistivel de conduzir os Portugueses ás Indias.

O final do Canto V no-lo revela, com meridiana clareza. Sim "estas navegações que o mundo canta", são inferiores, certo, a esta", "que o céu e a terra, espanta" (V 94); sim, mas ao envés, os outros tem tido reis e heroes, que sabem prezar "a quem os faz cantando gloriosos" (V. 82).. Os nossos não, duros e robustos apenas, não tem mais fama, porque não prezam as artes, e, sem Virgilios e Homeros, não ha Enéas e Achilles (V. 98). Assim tambem seria, e o Gama seria es-

"E' somente" e na bocca delle proprio, o Gama, define o Poeta:

*Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente. (VIII. 59.)*

Injustiças, para menos ou para mais; a Bartholomeu Dias, a Fernão de Magalhães, a Vasco da Gama; é culpa so- menos, pois se trata apenas da Patria, que isto é tudo: "é somente" o que existe para um lusiada, tal qual Camões, ainda á revelia della, com a ingratição della, não importa:

... amor da patria não movido

De premio vil, mas alto e quasi eterno (I.10.)

CAMÕES

O que mais admiro em Luiz de Camões não é o sentimento profundo e intimo da natureza, principalmente da natureza maritima; não é o seu entusiasmo épico pelo passado nacional; não é o seu respeito de artista do Renascimento e de cavalleiro pela mulher, pela dama; não é a sympathia do seu espirito pelo pantheismo hellenico; não é nem a sua graça inimitavel, o seu lyrismo suave, nem a sua "furia grande e sonora": é a intuição positiva que reluz na sua obra, é a comprehensão genial da larga e funda influencia dos descobrimentos na historia da civilização. E' verdade que elle interpretou essa influencia no sentido do alargamento de fé catholica, e o fez como épico em cuja alma enlevada o sentimento do passado glorioso, em que a lei de Christo dominára fortemente, accentuava-se, enchendo-o d'assombros; é verdade que para elle a nova era iniciada, que o novo estado social que se formava resolver-se-hia na christandade, que os velhos reis portuguezes estenderam pelas "terras viciosas de Africa e da Asia" Mas o que é tambem certo é que no seu espirito illuminado pelas noções das sciencias astronomicas e phisicas, foi grandiosa e altamente sentida a impressão daquella renovação e genese social; o que é certo é que o movimento que impellia a humanidade, que a agitava, que lhe dava uma nova alma, uma nova comprehensão das coisas, presentiu-lhe Camões toda a grandeza e importancia. E essa intuição genial, que é o que constitue a força dos grandes espiritos, é precisamente o que forma a gloria maior de Luiz de Camões.

1880.

ANNIBAL FALCÃO.

barões" (I, 1). Barões no plural. E não *Arma virumque cano*. Depois: "Que eu canto o peito illustre lusitano (I 3).. Leitores discretos assim o entenderam em todas as idades. O censor da primeira impressão, Padre Bartholomeu Ferreira fala em dez cantos "dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia e Europa!"

Cita a insigne camonista outros documentos. Para a unanimidade não precisaríamos mais que ver esse "heroe colectivo", *Os Lusiadas*, apontados como a razão do poema por um Souza Botelho.

A Patria e o Amor foram as grandes inspirações do genio de Camões: todos os que amam sua terra, que soffrem por vel-a infeliz ou se gloriam de sua grandeza e seu poder, o admirarão sempre; todos os que amam, que soffreram as angustias do coração que não se pertence mais, e vivem apenas para as doces emoções que dá a adoração do ente amado, terão nelle interprete sincero e fiel. Adoração da Mulher, amor da Patria, não está ahí o que conduz a esse pleno desabrochar do coração, o culto da Humanidade?

MIGUEL LEMOS.

Luis de Camões — Pariz, 1880 — pag. 22.

quecido, se não fôra o amor da patria que fez a Camões cantar:

As musas agradeça o nosso Gama

O muito amor da patria que as obriga

A dar aos seus na lyra nome e fama

De toda a illustre e bellica fadiga (V. 99.)

Que elle, nem quem na estirpe seu se chame

Caliope não tem por tão amiga

Nem as filhas do Tejo, que deixassem

As telas de ouro fino e que o cantassem.

(V 99)

Mas, não importa:

Porque o amor fraterno e puro gosto

De dar a todo o Lusitano feito

Seu louvor é somente o prosuposto

Das Tagides gentis, e seu respeito. (V. 100.)

GLORIA HUMANA E GLORIA NACIONAL

Os Lusiadas, no ponto de vista de historia geral da Humanidade, não serão uma obra prima perfeita. Produção desigual, serão semelhantes a esses edificios em que collaboraram muitos architectos e que essa diversidade revelam na falta de equilibrio das partes. Aqui, surprehende a magestade dos porticos gregos; adiante um estylo ecletico, não sem graça e sem encanto, mas que denota pouca independencia; mais avante, entretanto, dir-se-hia que um genio original traçou o plano e fixou com a mão possante os ousados delineamentos de uma nova architectura. Mau grado dessas desigualdades, a obra será classificada sempre entre as grandes epopéas, e seu auctor merecerá o renome de altissimo poeta. E' talvez a ultima na hierarchia das grandes obras primas épicas, de Homero a Milton, mas está entre ellas.

Mas se tal é a sua collocação no conjuncto da historia do espirito humano, não se esqueça, entretanto, que ha detalhes que á comparação, podem affrontar tudo o que o genio esthetico produziu de mais bello. E, ao demais, para Portugal, *Os Lusiadas* são tudo. E enquanto viver o nome desse pequeno povo que tantas grandes cousas fez no mundo, permanecerão *Os Lusiadas* o livro sagrado da religião patriótica, o relicario bendito da gloria nacional.

MIGUEL LEMOS.

Luis de Camões — Pariz, 1880 — pag. 259.

Essa nobreza do Poeta tem tal sublimidade, que se duvidarmos, blasphemamente, que o heroe cantado n'*Os Lusiadas* como já o fizeram, com outra intenção, —, é o Povo Português, só um outro endereço condigno haveríamos de adoptar, tomando o Poeta pelo Poema.. "*Lusiada*" (*)... de Camões.

Afranio PEIXOTO

(*) "A ridicula deturpação "*Luisiada*" (obra de alemães), como se o titulo derivasse do nome do Poeta, não se propagou felizmente". (D. Carolina Michaelis de Vasconcellos.

VENUS CAMONIANA

1

Eram cem os altares de Paphos, onde as rosas se entrelaçavam cada manhã, na sua opulencia e no seu frescor, celebrando a gloria carnal de Venus. Deante desses altares, que idealmente reverdejam sobre templos e mythos derrocados, toda a humanidade passou, continúa a passar, incendiada num só desejo, para a treva da mesma voragem. Nesses degrãos ainda hoje se prosterna, golpeada e vencida pelas armas de Eros, a soberania da intelligencia e da vontade.

Ahi resôam todas as festas de nupcias, todos os lamentos da viuvez, todos os gritos e coleras da paixão infeliz, e ardendo no fogo dos proprios corações humanos, desfolhando rosas matinaes sobre velhos altares carcomidos, a deusa invicta esplende. Um por um, sob o manto real, conduzidos pelo signo da Lyra ao culto de Paphos, acercam-se do oratorio os magos e os genios: Homero, saudando Aphrodite de ouro entre lanças e escudos, nas rhapsodias da "Iliada"; Virgilio, trazendo-lhe a offerta melodiosa dos cantos da "Eneida"; Shakespeare, humanizando-a em lagrimas candentes, allucinada pelo desejo incontentavel, soluçante, de "Venus e Adonis"; Camões, vestindo-lhe a nudez radiosa de perolas na ondulação espumea e salsa dos "Lusiadas". O proprio mysticismo de Alighieri, no "Paraizo", sobe pelos degrãos etheros da crença, ao terceiro céu — que é o céu de Venus illusoria, — em cujo brilho o poeta imagina mais formosa e adoravel a sua Beátriz.

Quantas vezes o nosso adolecer não mediu com tristeza, inflammado pelo sangue tropical ou embebido no sonho hellenico, essa distancia que ennevôa, esfuma os ritos claros de Venus! Como não desejaríamos galgar para a iniciação da antiguidade, mirando estatuas e colendros, as alturas fragrantas de Cythera, Amathonte, Idalia! Tarde chegamos, decerto, e melancolicamente vemos o dia esmaecer, declinar, como Renan viu o Passado entre as derradeiras sombras monumentaes da Acropole. Mas outras eminencias restam, accessiveis aos que tardaram: sobre a imagem do Capitolio ou a de Gnido os poemas votam á deusa um culto espirital. Reflorescem com elles, dest'arte, os velhos altares de Paphos, onde somos agora iniciados pelo genio.

Venus maternal, deslisa a primeira entre os carros de guerra e as flechas sibilantes da quinta rhapsodia, em Ho-

mero, quando o seu filho bem amado, Enéas, tomba ao peso da rocha deslocada por Diomedes, o bravo. Ella tenta esconder nas dobras aromaticas do peplos o vencido: ergue-o nos braços, os mesmos braços amorosos, niveos, que cingem e perfumam a divindade. Corre. Mas, através da batalha, o vencedor implacavel e ousado persegue a densa, fere-lhe a mão transparente, clama:

— Filha de Zeus, foge da guerra e do combate. Pois não é bastante illudir frageis mulheres? Ainda que não tornes á liça, creio bem que só o nome de guerra te fará tremer

O sangue de Aphrodite orvalha os muros de Troya, subtilmente; crispa-se todo o alabastro do seu corpo, ennegrecido pelas dores; as suas queixas e lagrimas consternam Iris, commovem o proprio Arés, que lhe empresta os ginetes eolios, cujo vôo transporta a fugitiva ao Olympo, sob um fremito de plumas douradas. E a illustre Dione, afagando-a, narra-lhe a desventura de outros deuses na terra, o infinito Zeus aconselha a imprudente:

— Minha filha, não te cabem os trabalhos guerreiros, mas ao impeto de Arés e á Pallas Athene. Vive só para as doces alegrias dos Hymineus.

Aphrodite de ouro, gemendo, parece haver comprehendido o seu destino. Porque não volta ao campo de batalha, através da "Iliada", e na decima quarta rhapsodia apenas tem sorrisos amaveis para a inimiga Hera, confiando-lhe o cinto multicolor de todas as volupias e fascinações.

Tal é Venus homérica, na realidade tão indecisa, a empallidecer e desmaiar de susto, como intrepida e forte assoma a Venus virgiliana da "Eneida". O amor materno, cobrando animo sobre as ruinas fumegantes de Troya, não mais se arreceia dos venabulos, das chammas, dos gritos de carnagem, do tropear e elular com que as amazonas diffundem nos ares o panico. Assim a deusa invoca e persuade Jupiter, bendizendo os troyanos; vigilante, a cada passo envolve e encoraja o filho; astuta, consegue para elle os beijos de uma rainha e as armas fundidas pelos cyclopes; infatigavel, adorna-o de todos os encantos, preserva-o de todos os embustes; e a sua magia cura-lhe instantaneamente as feridas; a sua benção renova-lhe a coragem para vencer o medonho Turnus. Sentimos o valor das romanas lendarias nesta segunda encarnação de Aphrodite, heroica e maternal. Advinhamos o bronze das armaduras,

chocando-se, retinindo, vibrando á luz, na impeccavel serenidade estatuaría.

Venus bellicosa revolve a natureza, subjuga os temporaes, desprende as setas arraigadas, quadrando-lhe bem o colthurno de purpura das virgens de Sidon, ainda melhor, sem duvida, a aljava do seu nobre disfarce. Guerreira, soffre, resplende... Só pela ventura do filho, Enéas, bate-lhe o coração ardente e presago de mãe. No lance formoso em que a tunica se despréga, vindo-lhe dos seios aos pés, e a cabelleira se desata, fulva, dando um olor de ambrosia ao rescaldo igneo de uma selva da Lybia, o andar manifesta a deusa, segundo o poeta. Mas a nudez symblica da Venus virgiliana, mesmo no leito aureo de Vulcano disforme, com a supplica de armas para o filho entre caricias, não é outra senão a da maternidade, evocada pela musa do Lacio, como já o fôra pela musa grega.

A essa Venus Genetrix do mundo greco-romano, fructificando em soberbos heroes, conforme as leis da sua harmonia procreadora, oppoz William Shakespeare a luxuriosa Venus Pandemos das cento e noventa e nove estrophes mais dionysiacas, mais crepitantes, mais rubras, que o desejo sexual tem produzido nas linguas europeas. Louca, estorcendo-se num chão adusto, requeimado pela febre e pelo suor do seu corpo, a Venus shakesperiana immobilisa, com vigor e olhar de "aguia faminta", o Adonis equestre, roseo, pueril, mas Adonis só ama os prazeres da caça ao javali. Não se inflamma o coral desses labios; esses beijos não desalteram, colhidos prematuramente; e echoam nos arredores os gritos da bacchante sequiosa, a errar sob um vinhedo sem uvas... Adonis foge, para morrer, logo depois, caçando na espessura bravia. Inconsolavel, desilludida, Venus atrela ao carro as leves pombas argenteas e vôa por solidões glaciaes até ao seu oratorio de Paphos, onde se refugia, eternamente viuva, não sem haver primeiro amaldiçoado todos os amores:

— Pois que morreste — ai de mim! eis o que prophetiso. D'ora avante, os passos do amor serão os do soffrimento; escoltado pelos ciumes, elle ha de saborear todas as doçuras do começo, mas o travo final o espera; e os seus gosos serão apenas o reverso das suas angustias.

Nem a maternidade glorifica, nem a lubricidade exaspera o typo da Venus camoniana. Intellectual e abstracta, seguindo o curso dos povos no seu estellario, a Venus do primeiro canto irradia a mesma pureza da Venus de Milo, destacada pelo maravilhoso impressionismo

de Paul Saint Victor: "nesse marmore augusto não palpita um só atomo de carne" E' a deusa enamorada através da História, da Moral, do proprio Idioma, seduzida pela fortaleza de coração dos lusos, pelo seu heroismo contra os mouros, pelas suas viris qualidades romanas, pela sonora lingua vernacula:

... na qual quando imagina, Com pouca corrupção crê que he Latina.

Demais, no sulco espumoso das cavellas (tão penetrantemente a visão celestial descortina as edades) Cytheréa não acompanha só o roteiro de uma força descobridora ou emigratoria. Antevê as fusões intertropicaes, de sangue luso, africano e mongoloide (para nosso bem ou nosso mal?), os cruzamentos de raças no amago virgem das brenhas, onde selvas borbotam, o captivo propiciando a fecundidade. E mais estima os lusos:

... porque das Parcas claro entende Que ha de ser celebrada a clara Déa. Onde a gente belligera se estende.

II

Baccho, senhor das Indias, tendo as origens gregas do seu mytho desfiguradas na épopea christã, recapitula os numes asiaticos e oppressores, carregados millenariamente de trevas, emquanto Venus Cytheréa exalça os numes occidentaes, que são os da harmonia, da justiça, da liberdade. E' no segundo canto dos "Lusiadas" que ella, trespassando nuvens para acautelal da insidia do rei de Mombaça a frota portugueza, vôa do arco-iris como setta despedida por Zeus: "Vôa do céu ao mar como uma setta".

Que é esse corpo mythologico, assim vibrado, senão uma esguia frecha de luz, com que o divino arco se elastece, um desejo novo de espaço, um ideal de renascença e amplitude, ferindo o Mar Tenebroso pela primeira vez? Dupla significação a desse instante genial. Com a aguia da "Illiada" e o cysne de Mantua só andara Venus por florestas, vulcões, nuvens, longe das espumas de que nascera; com os *Lusiadas* reponta Venus Anadyomene, filha do oceano, quasi desconhecida na épopea greco-latina. E ao mesmo tempo a noiva sem igual do Mediterraneo — volupia de homens e deuses, conforme Lucrecio — aventura-se por "mares nunca dantes navegados", fluctua á mercê de outras ondas, floresce á margem de outras plagas, boiando na esteira do genio lusitano.

Ao roçar o Atlantico espumejante, a primeira Venus Anadyomene da poesia logo se faz Venus "Victrix", suspensa no alvor e no azul das vagas, que aos seus pés, marulhando, se desembravecem e amainam. Triumphalmente, desvia ella as náos para Melinde, antepondo-lhes ao

rijo castello de prôa o eburneo peito das nymphas. Vai entre caudas argenteas, nos hombros de um tritão, orgulhosa como se houvesse, de feito, submettido e cavalgado Neptuno. Beijada pelas auras, pelas ondas, pelo sol, ganha, ao contacto do mar, entre sargaços, o esplendor e a eloquencia de uma inspiração transfugadora — a inspiração camoniana, toda em versos musicaes e aligeros, dealbandos os cimos, ou prateados e fluidos, correndo num longo murmurio para o seu destino. Venus Cypria, Venus Paphia,

dos christãos, e é Venus que lhe ouve as preces, commovida — ou antes, aquella Venus-Dione, mãe e filha, distinctas uma da outra, mas consubstanciadas no mysterio das aguas e dos versos:

Ouvio-lhe estas palavras piedosas A formosa Dione, e commovida, De entre as Nymphas se vai, que saudosas Ficaram desta subita partida.

A grande Venus parte, deixando as nereidas saudosas num efflorescer de amores e desejos universaes: bebendo por ellas os ares perfumados, na vizinhança do Olympo, estremecem os deuses ciumentos; a fascinação abrange os céos, que se escurvam, cheios de astros rendidos ao miraculoso fulgor; incendeiam-se as geleiras do Norte; um calafrio passa na esphera solar... E tão deslumbradora magnificencia, perante Jupiter, acaba num effeito de suavidade angelical, entre soluços e lagrimas:

Co'o riso uma tristeza misturada, Como Idama que foi de incauto amante. Em brincos amorosos mal tratada, Que se queixa e se ri n'hum mesmo instante. E se mostra entre alegre e magoada!

Effeito de tal delicadeza é este, que outro mais requintado não o acharia em portuguez senão o proprio genio de Camões:

... os soluços e lagrimas augmenta, Como menino da ama castigado, Que quem o affaga o choro lhe accrescenta.

Dessas lagrimas vencedoras sae a deusa maior, encadeando Jupiter á promessa de um futuro oceanico e de novos mundos abertos aos lusitanos: vencem com ella os fios de ouro das madeixas, a neve humana do collo, neve e ouro em que se arnam os laços do amor, fatalidade suprema para os immortaes, como para os homens na replica do terceiro canto:

... quem pôde livrar-se porventura Dos laços que Amor arma brandamente Entre as rosas, e a neve humana para, O ouro, e o alabastro transparente?

Outra metamorphose reluz no canto sexto, porque a Aphrodite Camoniana é de todas a mais inesperada em suas transformações (de alto symbolismo. Tanto rebôam os mares procellosos, tanto assopram os ventos furibundos contra os lusiadas, que os proprios montes se despenham, como titans derribados por Eolo, e as arvores contorcidas baqueiam, voltando as raizes para o céu. Entre a celeuma da marinhagem, colhendo velas, quebram-se os mastros ás náos alagadas, no abysmo. De onde em onde, num zigzague instantaneo, rasga-se a caligem tormentosa, sulcada por meteoros, phosphorescencias, clarões. Os mareantes des-

A INFLUENCIA DE CAMÕES NO BRASIL

De tudo quanto de grande tem-se dito de Camões — há um lado que não tem sufficientemente sido estudado, e que, para nós os brasileiros, é talvez o mais interessante. Quero falar da influencia do celebre poeta no Brasil. E' assumpto que não pôde agora ser discutido: *non est hic locus*. Contento-me com indical-o á critica nacional. Este paiz começou a ser colonizado quando se ia fechando o cyclo das grandezas, das victorias e do velho heroismo portuguez. Diante de raças barbaras e ferozes, como a negra e a vermelha, os portuguezes não podiam nem deviam apresentar-se como um povo decadente. Era necessario occultar, até certo ponto, a realidade e este prestigio deve-se aos... *Lusiadas*. Foi este livro que, mostrando os heroes da patria em todo o vigor de força e prestigio, espalhou entre os colonos o amor e a admiracão pelo *ninho seu paterno*. As novas gerações que se iam formando no Brasil eram alimentadas pelo mesmo espirito, e na lingua que com pouca corrupção *criam latina*, tambem memoravam grandezas luzitanas. Camões para o mundo colonial portuguez deve ser contado como um dos factores de seu progresso, sua cohesão e amor á *mãe-patria* durante tres seculos. Foi elle que, como a luz de um astro já onaco, já morto, ainda por muito tempo illuminou as colonias com seus brilhos posthumos. O Brasil mais que nenhuma outra, muito lhe deve a aos canticos de entusiasmo que tributa ao grande genio de Luiz de Camões, pôde juntar o hymno suave e consolador dos povos agradecidos aos seus benefitores!...

Rio, Maio de 1880.

SYLVIO ROMERO.

Venus Erveina, Venus Acidalia, mutaveis formas e nomes de Aphrodite, com que se recama e estrelleja o poema, desmaiam agora, confusamente, ao raiar da grande Venus Lyrica do segundo canto.

Nas telas da Renascença italiana e da Renascença hespanhola surgiam madonas imprevistas pompeando em belleza carnal, exuberantemente, não obstante a alma religiosa dos seus pintores.

Aqui, sob os traços pagãos, a deusa anadyomene reflecte o christianismo dos navegadores lusos. Vasco da Gama exora a Divina Providencia, a Guarda Divina

esperam. E é quando Venus estellar scintilla no horizonte, fulmina com os seus raios de astro a ira cavernosa de Boreas. Aquilo, Noto

Acorrentando furias oceanicas, attraindo ventos domados, os seus raios de estrella d'alva são Oritya, Galathea, as nymphas engrinaldadas de rosas com que ella povoa o caminho tempestuoso das Indias, afasta do perigo e da traição as caravellas, orna toda uma ilha para deleite dos navegantes. E' depois de brilhar como estrella, fendendo o reino aereo, Venus Camoniana ainda uma vez se transforma em Venus saggitaria.

Nenhuma passagem dos "Lusiadas", interpretada para a humanidade, supera as estancias do canto nono, em que a deusa se aproxima dos montes Idalios, no seu carro tirado por cysnes. Todos os amores sublimes ahi estão — o do Bello, o do Direito, o da Fé, o da Verdade, o do Bem, forjando contra o mundo que os renegou as armas de uma campanha inexoravel. Ahi estão, por igual, todos os amores perversos, cujos tiros desordenados abatem as grandezas moraes e sociais. Rudes amores da plebe ahi desfecham as settas venenosas — settas de ferro em brasa — e uma dor sem esperanza, que nos lembra a do inferno danresco, sobe das chammas onde outros retemperam os dardos":

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, orações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas são de miseros amantes...

Então, sorrindo na atmospheria tragica dos montes Idalios, cortejada pelos sylphos, que em redor tunultuam, Venus saggitaria quer divinamente feridas do amor dos lusitanos as nereidas. Repouse no jardim secreto e olente das Hesperides, á beira mar, o guerreiro invencivel! Multiplique-se a especie em força e belleza, como Venus manda! Gigantea de cem olhos coruscantes, com mil boccas violentas, soprando a tuba, espalha nos antros maritimos o seu clangor, chovem as settas, desferidas contra as nymphas que tombam, escravas do igneo desejo de amar, da vontade ferrea do poder. E a ultima apparição da Venus Camoniana é a de Acidalia omnipotente, levando nos braços a Ilha dos Amores, cheia de nymphas, como um ramallete sobrenatural, ao encontro das náos e dos barões que voltam.

Zeus dissera na quinta rhapsodia da "Iliada", paternalmente, á ingenua Aphrodite de ouro: "Não procures os trabalhos da guerra, filha: vive só para as doçuras dos esponsaes". Com os sorrisos e as graças, que lhe deixara Zeus, com arrufos e prantos dominadores, o collo fragil das nymphas algumas rosas e boninas

entretrecidas, um delgado sendal vetando-lhe á florescencia da imagem os lyrios brancos e roxos, Aphrodite Camoniana vence o furor bacchico e o poder neptunio, ciladas, tormentas, escolhos. Tanto nos "Lusiadas", como na "Iliada", a soberba imagem fica eternizada em refulgencia de chrysoprasso, porque são helianthos desabrochados para o sol dos seus cabellos, os versos de Homero e de Camões. Singularmente, num paiz de mulheres trigueiras, Luiz de Camões não exalta senão as louras. O ouro crespo da sua Venus ondeia atravez das estancias: as nymphas que seduzem Boreas e Austro, sob o verdor e entre o aroma das grinaldas humidas, têm cabellos louros; Ephyre, o seu ideal de mulher, tão perseguido e requestado na Ilha dos Amores, levante a alma presa em fios de ouro reluzente.

Poeta de um só amor, embora outros lampejassem, ás vezes, para o ermo do seu caminho, e uma só ideação do Eterno Feminino, constantemente reproduzida sob as mesmas côres, no mesmo perfil, Camões aureolou a epopéa com reminiscencias lyricas de Natércia — a illustre D. Catharina de Atahide, que elle conheceu e adorou na côrte de D. João III. O peregrino vulto da phase outomnal e oriental, Dinamene, é já uma sombra melancolica, perpassando no desterro de Gôa, desapparecendo nas brumas do Oceano Indico. Acima de todas as nevoas e todas as Dinamenes, rebrilha a Venus incomparavel, dama do paço e deusa luni-solar, musa de seios lacteos e cabelleira flava, que está omnipresente nas odes camonianas.

Grandes formosuras constellariam, por certo, o Emypyreo lusitano de D. João III, descendendo muitas dellas do typo mosarabe, com o negror de olhos e cabellos em que se perdiam trovadores, soldados, principes, e antes de ser ferido pela radiante, unica senhora, o poeta galanteava sem escolha:

... agora livre, agora atado,

Em varias flammis variamente ardia.

Mas a flamma dos louros cabellos de D. Catharina de Atahide vem apriional-o e consumil-o: d'oravante, arde a poesia das estancias, dos sonetos e das canções num deslumbramento, que lhe não permite ver o reflexo de ebano, mesmo o reflexo louro cendrado a outras madeixas. E' como se uma onda luminosa, espraçando-se, tudo envolvesse, tudo sobredourasse. Cambiantes e contornos de esphynges, de sereias, de musas, enfeitam os poetas na sua generalidade, mas a flavescencia dos cabellos de Natércia dá o proprio matriz aos versos de Camões, lavrados agora em chrysoberyl, faiscando por dezenas os sonetos aureos, onde a cabelleira astral nos offusca. Se a dama põe um laço nos cabellos, já o

poeta murmura, encordoando a lyra, que os raios do sol não valem "aquellas tranças de ouro". A um franzir dos seus labios, já o poeta vislumbra sorrisos incrustados em perolas e rubis, "debaixo de ouro". E pelos quartetos, pelos tercetos, desprendem-se, rolam, fulgem camonianamente os "ondados fios de ouro", os "cabellos louros e escolhidos", os que alardeam o "valor do metal louro", os que lhe trazem o pensamento enredado nas scintillações, o diadema e os auneis, as pompas e os mimos, os véos côr de fogo e côr de ambar:

... do cabelo que inveja ao sol fazia,
porque fazia o seu menos dourado.

Camões viveu e morreu nessa luz, reflectida e reenviada pelas tranças enleantes da sua naiade, que deveria chamar-se Fulvia: de ouro são para elle as aguas do Tejo, o arco do amor, os cabellos da aurora, as metaphoras predilectas. Quer no lyrismo, quer na epopéa, todas estas scintillas camonianas ressaltam do mesmo idolo — a excelsa e dourada senhora Catharina de Atahide.

Magnifica e louro, Venus Camoniana attrahe os navegadores a uma ilha, cujas areias brancas estão semeadas... de conchas ruivas. Inflammalhe a sêta, decorrida em prazeres, soltando cabellos fulvos de nymphas ao vento, que os leva consigo, entre perfumes da Asia languida, sensual. E assim victoriosa, nua sob o ouro da coma, dourando os mares entenebrecidos pela barbaria, a deusa faz relampear na onda curva e jalde o seu espelho de topazio, magneticamente voltado para a Gloria.

III

No decimo canto dos "Lusiadas", como se volvessemos agora á idealidade transcendente do primeiro, o intellectualismo reabsorve o paganismo, com a Venus de ouro metamorphoseada pelo genio em duas figuras harmonicas, symbolizando a Historia e a Cosmographia. Ambas surgem do mar, o tão insondavel quanto inexaurivel mar, de onde provieram todas as cousas, segundo Homero, e todas as formas allegoricas nasceram, para Camões, num leve berço de algas. Sirena, porque tem a voz musical, Sibylla, porque tem a alma vidente, é uma Nympha reveladora da Historia, e a Cosmographia é a propria Thetys, deusa de pés argenteos sobre as ondas, magnificada acima dos orbes pelo estro de Camões.

Thetys camoniana, semelhante á Venus Urania dos antigos, desvenda ao heroe, num globo suspenso, illuminado, mobil, a propria imagem concentrica do Universo:

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada



(Retrato por Columbano)

Assi foi do saber alto, e profundo,
Que é sem principio, e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, a sua superficie tão limada,
E' Deus: mas o que é Deus ninguem o
entende,
Que a tanto o engenho humano não se
estende.

Metamorphose suprema! Venus ce-
lestial, descrevendo o Cosmos, ainda o
faz pelo systema ptolomaico, erro situado
no caminho da Verdade, conforme La-
place. A grande iniciadora astral do can-
to decimo folheara o "Tratado da
Sphera", de Pedro Nunes, versão da
"Sphera" de Sacrobosco, eruditissimo
frade inglez, que namorava as estrellas
no seculo XIII. Folhear talvez o ulti-
mo livro da "Margarida Philosophica"

Mas desconhecia, evidentemente, o "De
celestium, orbium revolutionibus", de Co-
pernico, publicado em 1543. O seu erro
necessario, modelo physico-mecanico de
Ptolomeu e de Purbachio, será destruido
no caminho da Verdade pelos continua-
dores geniaes de Copernico, desde Kepler
a Newton. Pouco inporta. A belleza
eterna das suas estancias revê constel-
lações:

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo:
Olha a carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pae, e o Drago hor-
rendo:
Vê de Carsiopéa a formusura,
E do Oriente o gesto metuendo;
Olha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre, e os Cães, a Náo, e a doce Lyra.

Venus Urânia, sob o pseudonymo de
Thetys, recita divinamente o systema de
Ptolomeu. Diriamos que o imprevisto des-
sa arbitraria mythologia resulta da natu-
reza oceanica do poema. Vacillam de
quando em quando as allegorias no seu
nevoeiro, esmaecendo; confundem-se os
hymnos pagãos no muralhar das suas oi-
tavas; atropellam-se os deuses no seu flu-
xo. Dentre a onda sonora, placida ás ve-
zes, outras empolada, resahem prôas e
mastros de náos, errando em busca das
Indias, com o sibilo do vento na enxarcia,
tritões e nymphas derredor, nuvens de
tormenta que se lastimam, penedos que
são gigantes infelizes. Quem não sentio
alguma vez, lendo Camões, a perfeita il-
lusão de navegar, correr para desconhe-
cidos horizontes, ir com elle á procura
de terras e gentes apartadas, não o com-
preendeu. Porque a inspiração creado-
ra dos "Lusiadas" é o mar, ondulado,
estremecendo, tudo mais cingindo na
fluidez potente dos seus braços, ou an-
tes, é como o alvor de uma vela que se
desprende, se enfuna, palpita sobre o
mar. Levantam-se do abysmo, para o
abysmo voltam, silenciosamente, as fi-
cções mythologicas da epopéa — nereí-
das, colossos, deuses irados, mesmo Ve-
nus. Só o adejar das náos, desferrado o
velame, continúa pela immensidade glau-
ca das aventuras, dos perigos, das subli-
mes descobertas — alma de um povo
medindo-se com as forças naturaes, se-
duzida por especiarias e thesouros no
intercambio das civilizações, mas lan-
çando ao tempo a sua palavra de eterno
vigor e eterna resonancia; christianismo
já ennobrecido pela cavallaria e afor-
moseado pela Renascença nos dez can-
tos de um poema.

Todas as nymphas e todos os numes,
todas as graças e festas da Ilha dos Amo-
res passam como bellezas irreaes, entre
a Cosmographia e a Historia, tanto vale
dizer, entre o céu e a terra. Dissipam-se
como Iris, Ceres, Juno, ceifeiros e nari-
des, visões e danças, com que a magia de
Prospero, na "Tempestade", ephemera-
mente celebra os esponsaes de Miranda
e Fernando. Sob um crepusculo de altos
sonhos pagãos finaliza a tempestade ca-
moniana, desde que as nupcias de Por-
tugal e da onda se completam no Ocea-
no Indico: estemmas de flores, véos de
espuma, canções e beijos sob as arvores,
tudo isso não era senão encantamento
illusorio e fugaz. Apenas, a magia insu-
lar de Shakespeare traduz chimericamen-
te o Nada, em que todas as pompas se
esfumam; a de Camões, desvendando-se,
põe a florir sob os astros mais uma con-
cepção heroica da Vida:

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Thetys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deliciosas
Honras, que a vida fazem sublimada.

Nessa transmutação de vultos e scenarios apprehendemos a finalidade esthetica do poema, esboçada em linhas dominantes: o culto do heroico e do justo, produzindo a Belleza, com ella se amplifica e se adorna; a Ilha verdejante e voluptuosa, onde os fortes repousam, converte-se para elles numa escola de ousadia e trabalho, santuario em que se honram e se prophetisam esplendidos feitos.

Os triumphos, a fronte coroada
De palma, e louro; a gloria, e maravilha.
Estes são os deleites desta Ilha.

Antes das paginas illustres de Carlyle e de Emerson, muito antes das varias philosophias a que attribuímos reverentes, o prestigio dos mysterios de Eleusis, e que nenhum mysterio occultam na folheada espessura graphica dos seus tomos, Luiz de Camões interpretara o mundo como heroismo e vontade em sonoras estancias. Venus de ouro e marfim, a sua Venus rival da estatua-joia de Phidias, allegorisa todos os ideaes enfeixados na concepção aryana da raça, na pureza dos typos eleitos, no odio instinctivo dos amalgamas, procreadores de fealdade e fragilidade, ao conceber o enlace dos Barões herculeos e das alvas nereidas, que os esperam á orla do mar — "donzellas aquaticas", semelhantes ás terras moças e virgens por elles descobertas:

Quero que haja no Reino Neptunino.
Onde eu nasci, progenie forte e bella...

Do elemento oceanico e poderoso, assim fecundado, é um raiar de aurora o que se annuncia e o que se eleva para outros mundos e outros reinos com o super-homem camoniano, autor de obras valorosas, mediante as quaes tornamos ao Olympo e ás estrellas como deuses. Não só o principio da nossa redempção — e tanto basta á Fé — mas o da nossa propria divinização — e tanto quer o Amor — consubstancia-os a vontade humana, segundo o poeta. Moldando soberbos padrões historicos, accendendo novos pharões aos vindouros, o homem avassallou o tempo, fez de uma chimera inimiga o seu corseil rutilamente ajaezado, ergueu sobre um despenhadeiro o seu arco triumphal — e as divindades pagãs, mercê de esforço e arte, sahiram do mesmo barro quebradiço, da mesma scintilla inapagavel.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama.

.....
Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes, e soberanos,
O mundo co'os Barões, que esforço, e arte.

Divinos os fizeram sendo humanos.
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Enéas e Quirino, e os dois Thebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

São attributos dessa natureza solar, nos graves ensinamentos do poema, o destemor e o engenho, a equidade e a prudencia, a temperança e a virtude. Com a sua religiosidade pugnaz, desde o assalto de lanças enristadas contra os mouros á catechese do gentio, com o seu vivaz sentimento do direito, exigindo leis que não dêem aos grandes o dos pequenos, ou maldizendo a tyrania, o privilegio, o favoritismo, o inutil rigor, Camões idealisa o super-homem, num aspecto de força guerreira ou de força juridica, sempre deificado pelos valores do christianismo. Alma de tempos formosos e cavalleirescos, extrema-se a delle na

A LINGUA DE CAMÕES

Literariamente, Camões é o instituidor da lingua portuguesa, qual ainda a falamos e escrevemos hoje. Elle vale, disseram excellentemente, uma literatura inteira, e basta acaso a sua obra para definir o seu povo e o genio de sua raça.

A lingua que falamos, nós Brasileiros, e a literatura que escrevemos, derivam della. A superioridade da intelligencia é que nada se perde de sua acção. A impressão da obra de Camões na sua raça é talvez unica na historia das literaturas, e nós a experimentamos. O sentimento épico na nossa literatura as nossas epopéas, vêm directamente da sua. Todo o nosso pensamento literario, no que ha nelle de melhor, sentiu o influxo directo ou indirecto de Camões. Lendo *Os Lusíadas*, remontamos ás mesmas fontes da nossa lingua e da nossa literatura e conformamo-nos na idéa salutar e auspiciosa — um consolo e um estímulo — de que a nossa lingua e a nossa raça são capazes de obras immortaes.

JOSÉ VERISSIMO.

Os Lusíadas, ed. Garnier — Rio.

bravura e na gentileza, no culto da mulher e no serviço da patria, na lealdade ao rei, inquebrantavel como um juramento feito naquelles tempos sobre a cruz de uma espada. Mas pela serenidade altiva, que a miseria, a injustiça e a dor não logram turbar, pelo refreamento de instinctos e ambições, attinge os visos Moraes da philosophia stoica, ensinando a coragem na desventura aos fortes, depois de suggerir entre os louros e os beijos de Cythera a conquista do mundo asiatico.

Inesperadamente, pois, á sombra do myrtho de Venus, patentea-se a musa celeste e elucadora, guiando-nos para jardins luminosos, onde se cultiva a perfeição. Os limpidos accents da sua voz, erguendo-se com o proprio dia no campo de rosas da alvorada, incitam o homem a deixar o *somno do ocio ignavo*, conter os vicios, fulgir para a liberdade.

Aponcam as honras vãs e os titulos imerecidos; reclamam leis egunes e constantes; dizem a omnipotencia do querer; elogiam a victoria das armas contra os infieis; sagram heroes os que enaltecem a vida e affrontam a morte:

Impossibilidades não façais;

Que quem quiz sempre pode; e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recebidos.

Os augurios de Thetys e da Sereia echôam pelos vergeis da Ilha. Metamorphoses de uma Venus oracular, tão diferente da Venus Cypria e da Venus Paphia, reinam agora as duas bellezas propheticas, mas um bando de torvos flagellos acompanha as glorias prophetizadas. A maneira de todos os genios embebidos na realidade essencial do Universo, teve Luiz de Camões o sentimento dessa infinita, mysteriosa dor, que povôa a Natureza e a Historia, multiplicando-se atravez da especie com os nossos desejos e os nossos destinos. Por isso, descobrindo aos navegantes os fados que pairam sobre as Indias, canta a Sirena melodicamente nas plagas acolhedoras, mas o seu canto de suavidade angelical revôa sobre a ira dos homens, a braveza das ondas, naufragios e pestes, cercos e fomes, o estrondear dos pelouros, o horror sangrento dos corpos mutilados. E ao revelar, depois, a fulguração das zonas estellares, climas e aspectos do globo em que soffremos, Thetys avista sob a influencia contrastante da Lyra e do Dragão a mesma fatalidade:

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os damnos,
Mas ainda o mar instabil experimentam...

Espiritualizando as transfigurações, que nos aventurámos a seguir, Venus camoniana identifica-se com a propria musa dos astros, das nebulosas, dos remotos céos intangiveis. Semelhante á Venus Urania, que o platonismo idéou entre as harmonias cosmicas, perdura sobre o apogeu e o occaso das nações, intemerata, indefinivel, attenta ao curso das éras e dos orbes num halo victorioso de estrellas. Respira a eternidade, enquanto se desvanecem as imagens auriformes do tempo, sombras amadas de outras Natercias e Dinamenes, sombras gloriosas de outras nautas e cavalleiros. Os nossos olhos, porém, humanamente seduzidos, não buscam através do poema e através da vida senão aquella Erycina gentil, que abandona pelos homens os deuses, passa no mar das Indias com o sequito de nereidas, os louços cabellos desatados ao sol reverberante, as promessas de Venus enganadora... como todas as Venus.

CEL SO VIEIRA

OS LUSIADAS, PADRÃO DE CULTURA

A Edade-Media, numa incubação dolorosa, creou o pensamento christão; a Renascença, dando-lhe a forma esthetica, civilizou-o, tornou-o mais humano. A Igreja comprehendeu, emfim, que a verdade não repugna a belleza; e Leão X viu que as opulencias da estatuaria grega não profanavam nem os museus, nem os templos.

O pensamento novo reconciliara-se com a forma antiga; e a corrente da civilização occidental incorporava ao seu patrimonio a cultura mediterranea, da Grecia e de Roma.

Houve como que uma nova encarnação do espirito divino; e o mysticismo deixou a feição barbara dos agiologios e dos primitivos, para hellenizar-se, para adaptar-se melhor ao progressivo adiantamento do homem novo, que Nietzsche deveria chamar o "bom europeu". Foi neste ruidoso periodo de penetração na historia moderna que nasceu Camões, o cantor do espirito aventureiro dos descobridores, dos guerreiros, dos missionarios, de todos aquelles que haviam de projectar em mundos novos as idéas amadurecidas do mundo antigo.

A Renascença é sobretudo a grande época da cultura occidental. A imprensa diffunde os velhos codices que dormiam na meia luz dos conventos e das universidades, e a ansia de perfeição e de saber pôde emfim saciar-se, e penetrar os mysterios de Athenéa.

Camões é justamente considerado, no mundo inteiro, como um dos grandes representativos, senão o maior dos filhos literarios dessa cultura.

O que no seu poema se nos apresenta, á primeira vista, como mistura de paganismo e de christianismo, não é mais do que a fusão dessas duas correntes; e, se alguma confusão havia no emprego dos velhos mythos, esse facto comprova o exaggero que acompanha todas as revoluções, e que serve tambem de melhor caracterizar-lhes o espirito.

Os "Lusiadas" são uma vasta encyclopedia do saber antigo e do saber moderno. Claro está que não devemos procurar no poema a sciencia contemporanea.

Na leitura meditada e silenciosa dos poetas latinos, assimilou Camões a forma classica dos seus versos, e a indole que os irmanou á epopéa de Virgilio, e ás de Homero por conseguinte, que serviram de modelo ao cysne de Mantua. Num dos capitulos de "Formação e Cultura", referi-me a este assumpto, ao tratar do latim. Ser-me-hia facil provar, com os "Lusiadas" na mão, que muitos de seus versos permanecem, intimamente, incompreensíveis, para aquelles que não tiverem

da syntaxe de Virgilio conhecimentos muito mais que elementares.

Isto, sem levar em conta as innumerables passagens que, ou por imitação, ou por simples recordação, evocam em nosso espirito os melhores versos dos poetas de Roma. Delles, ao menos dos principaes, fez o Conego Roquette um volume; mas do espirito da lingua e do pensamento latino, que anima todas as paginas de Camões, especialmente nos "Lusiadas", é impossivel fazerem-se quadros comparativos. Sente-o, do primeiro ao ultimo verso, quem se acostumou a admirar, na escola de humanidades, os hexametros, pentametros e os saphicos que os latinos copiaram dos gregos.

Não é raro vermos os commentadores dos "Lusiadas" luctando com esta falta de latim. Ainda outro dia, explicando eu



a estancia decima quarta do canto primeiro, notei que o terceiro verso soffria de uma variante um pouco avariada...

"Fizeram só por armas tão subidos
Vossa bandeira sempre vencedora."

Ora, a leitura deste primeiro verso é: "se fizeram por armas tão subidas", sendo este ultimo participio-adjectivo um mero predicativo do objecto directo se.

Aconteceu, porém, que o commentador não entendeu o segundo verso, que para os conhecedores do latim é intuitivo, na syntaxe de um ablativo absoluto, podendo-se reduzir por esta forma: indo, ou estando, vossa bandeira sempre vencedora. E que fez elle? "Emendou" o verso de Camões, cuja syntaxe latina o embarçou!

Aconteceu mais ainda que o aliás digno professor Sr. Othoniel Motta, commentando uma edição de Camões, nos desse correcto o texto destes versos, pois a reproduziu de Epiphanio Dias.

Chegando, porém, ás notas sobre a alludida estancia, esqueceu-se de que a falsa interpretação corrente só poderia dar-se com o verso "emendado", e, em desaccôrdo com a propria edição, explicou de modo errado: "fizeram... vossa bandeira vencedora". E fiquemos neste simples panno de amostra. Mas, além do espirito, bebeu Camões, nas fontes classicas, todos os processos de ordem, de medida e de expressão da poesia greco-latina. A mythologia não representava para os antigos um simples jogo de fantasia, mais ou menos complicado. Em todas essas figuras e figurações, palpitava a imaginação inquieta, ao serviço de um pensamento ingenuo, mas subtil, na interpretação dos phenomenos da natureza e da vida. Os mythos eram para os gregos, ou symbolos, ou syntheses, de phenomenos, de acontecimentos, de theorias ou de empresas. Devidamente interpretados, poderão elles revelar-nos uma philosophia, ora singela, ora grandiosa, que será a demonstração de um pensamento já de si robusto, e envolvido sempre nos rendilhados da mais pura fantasia.

Na mythologia grega, applicada á literatura, attráe-nos mais o effeito artistico, porque, no estado actual da sciencia, pouco nos preocupamos com as idéas que symboliza a fabula. O mesmo se não dava, por certo, no tempo da Renascença; e os homens de então viam mais do que mera fantasia nesse mundo pittoresco, que ia desde a nympha e a creiade, até aos tritões, aos centauros, ás divindades terriveis do céu e do inferno. Elles, os gregos, tinham o segredo de tornar o homem Deus, e de fazer baixar os deuses até á categoria de homens; e alargavam, desta forma, amplos horizontes á vida, movimentando-a no infinito dos mundos e das aspirações.

Destas idéas aventurosas de semi-deuses e de heroes, nasceu a alma aventureira dos descobrimentos, que varios autores filiam ao humanismo, e com so-beja razão.

A historia dos argonautas fazia parte desse rosario de lendas symbolicas, em que se inspirou a Renascença.

Mas, se a literatura classica foi a base da cultura de Camões, nem por isso elle desprezou, ou pôs de lado, o patrimonio arabe e o medieval, este com a theologia christã, e aquelle com as sciencias da natureza. A astronomia, a botanica, a geographia, a historia, com to-

dos os conhecimentos annexos que constituíam o peculiar científico da época, eram familiares a Camões. De tal maneira os assimilara a cultura classica, que, sem rebuscamento algum, lhe acodem a penna, sempre que, ou a clareza do assumpto, ou a decoração do poema, os estão naturalmente insinuando.

Tratando-se de um poema de navegações e descobrimentos, a geographia é o seu forte; e nos "Lusiadas", como em muitas das chronicas portuguezas, estão desde seculos, resolvidos problemas geographicos, que, certos inglezes modernos julgaram ainda á espera da solução. Tal é o caso das nascentes do Nilo, descritas por todos os chronistas da Ethiopia, desde o padre João de Almeida, a cuja singela narração o padre Balthazar Telles soprou rhetorica empollada.

Camões collocou Ophir em Surmatra, seguindo a leitura de Josepho. Só modernamente os inglezes se inclinaram para a opinião que dá esta região como situada na Africa, depois dos trabalhos de Theodoro Bent e da novella de Haggard "As Minas de Salomão". E, não obstante, essas idéas datam de quatro seculos, na literatura portugueza. Assim o prova, com farta documentação, o Sr. Ottoniel Motta, num appendice á sua edição dos "Lusiadas". Ri-se, e com muita razão, das conclusões de Rendall, que dá ás ruínas de Sofala uns trezentos a quatrocentos annos, quando ha quatrocentos annos, já eram velhas, como as descrevem nossas chronicas. E os inglezes adoptaram, patrioticamente, a sciencia do Sr. Randall...

Camões teve os conhecimentos geraes do tempo, e a curiosidade scientifica, qual se mostra em descrições da natureza, como a da tromba maritima, a do fogo de S. Thelmo e a do maremoto.

A minucia na descrição, a insistencia na veracidade dos phenomenos de que elle foi testemunha, estão como que desafiando uma explicação racional, que elle não vê ainda, mas que presente será dada, mais cedo ou mais tarde.

"Vi claramente nisto o lume vivo que a maritima gente tem por santo"

E, referindo-se á tromba:

"Eu o vi certamente (e não presumo que a vista me enganava) levantar-se no ar um vaporzinho e sutil fumo."

Sua curiosidade de homem culto exaspera-se: fala com ironia dos sabios presumidos que estes factos da experiencia

"Julgam por falsos ou mal entendidos"; e lança-lhes finalmente o repto, sem esperanza de que elles lhe respondam:

"Vejam agora os sabios da escriptura que segredos são estes da natura!"

E, confiando mais nos antigos philosophos de seus estudos classicos, observa, com desalento:

"Se os antigos philosophos que andaram tantas terras, por ver segredos dellas, as maravilhas que eu passei, passaram, a tão diversos ventos dando as velas, que grandes escripturas que deixaram!"

A cultura de Camões não era, pois, um méro verniz de forma exterior do pensamento; elle tinha o espirito voltado para todas as curiosidades nobres, numa ansia de investigação que nos mostra bem o seu quilate.

A LEITURA APAIXONADA DOS LUSIADAS

Deve-se ler a mocidade Disse alguem: "uma grande vida é um sonho da mocidade realizado na idade madura": é preciso, pois, que o sonho seja bello, para que, se se realizar, fique para o paiz mais uma gloria. E em que livro tem-se tantos elementos para crear um ideal de vida como nesse? Todos os sentimentos estão nelle insculpidos em versos eternos: o amor puro, a ambição desinteressada, o desejo de gloria, o sacrificio, o valor, o desprezo da morte e o amor da patria sem limites, todos os grandes sentimentos animam como o fogo sagrado a alma dos heroes do poeta. Que melhor lição para os que entram na vida do que a que lhes manda deixarem no limiar todo o egoismo, e dedicarem-se sempre pela pessoa a quem amam, pela idéa e pela patria?

JOAQUIM NABUCO.

Camões e os Lusiadas — Rio, 1872 — Pag. 8.

Não o preocupavam sómente os phenomenos estheticos; attraíam-n'o os mysterios da natureza e o seu espirito philosophico dispersava-se em conceitos de muita sabedoria, de quasi presentimentos do futuro.

Elle o sabia, porque uma das characteristics do genio é conhecer-se a si mesmo. E pôde dizer de si:

"Nem me falta na vida honesto estudo com longa experiencia misturada, nem engenho que aqui vereis presente, coisas que juntas se acham raramente."

Esta exuberancia de pensamento e solidez de cultura intrigou os sabios alemães, que se perguntaram com espanto onde esse moço aventureiro pudera estudar tanto.

Responden Storck, o biographo do poeta, que frei Bento de Camões, neste, era bibliothecario da Universidade e que, por meio d'elle, poderia engolfar-se na leitura dos velhos affarrabios.

A verdade é esta: Camões viveu e estudou numa época, em que as humanidades eram a base de toda a instrução. Todo o saber que elle estadeia nos "Lusiadas" se adquiria, inicialmente, num bom curso de humanidades, nos estudos geraes, que se faziam em Coimbra. Camões é o expoente maximo da cultura geral do seu tempo, nas classes letradas de Portugal e é expoente, não porque soubesse mais que os outros, mas porque o seu genio literario soube pôr em valôr, em belleza esthetica, os conhecimentos que eram patrimonio de todos. Muito maior que o saber, é em Camões a sensibilidade, que o torna o reflexo espiritual do seu tempo e do seu meio. Elle sente o mundo grego, a alma grega, na frescura immortal da Ilha dos Amores; sente a fé religiosa, no fervor com que nos faz acompanhar aquelles que as "terras viciosas de Africa e de Asia andaram devastando"; sente o patriotismo, e sente-o desvairadamente, porque a idéa de uma patria invencivel e grandiosa, como a sua fé, tornara os portuguezes idolatras de si mesmos, na exaltada esperanza de um quinto imperio.

O sentimento que se revela em Camões, sentimento que os outros povos só alcançaram com o romantismo, deu que pensar á Villmain, o qual confessou não saber explica-lo.

Nem eu pretendo fazel-o aqui. Direi apenas que o sentimento, na obra de Camões, é ainda uma prova de como nelle se fundiram e assimilaram a forma classica e o espirito christão, constituindo um todo perfeito — corpo e alma unidos.

E é nesta fusão de elementos disparres, nesta harmonia completa de valores tão differentes, elevados á maxima potencia pela unidade do espirito, que mais brilha a cultura, ampla e concentrica, do poeta da raça.

Elle viveu em si dois mundos, enchendo-os ambos com o seu espirito, e unindo-os para a civilização.

Exactamente como fizeram os navegadores, na ordem geographica. Como elles, e acima d'elles, agiu Camões, na esphera intellectual. Ahi, tambem elle soube dar ao mundo novos mundos, ampliando as fronteiras do antigo, e illuminando-as com o seu genio.

E o sentimento humano a que se rendeu, em seus poemas, a severidade da linha classica, é o desabrochar de uma flôr nova, nos dominios da cultura, e a flôr dessa mesma cultura.

Petropolis, 30 de Setembro de 1924.

J M G o m e s R I B E I R O

colisão com o sentido dos versos anteriores e tratamos, portanto, de accommodar a proposição do texto aos seguintes, convencido de que melhor é, sem duvida, a interpretação que o deixa intacto do que a que altera, visto como a falsificação não se presume: *in dubio... pro texto.*

Não se perca de vista que a proposição contida no verso terceiro e no quarto da est. 29, é uma explanação dos dois primeiros, pois começa pela conjunção causal — "que". E a admitir-se que Camões tivesse exclamado ser o temor menor que o perigo, seria força aceitar que os dois primeiros versos não poderiam exprimir uma consideração sobre os corações amedrontados dos soldados, mas precisamente sobre a sua falta de medo, compreendendo-se então que passasse a explicitá-la como um caso que muitas vezes dá nos perigos grandes.

Mas é difficil não ver uma pintura periphrastrica do temor nestes versos:

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!"

Alguns espiritos suspicazes enxergam aqui uma intuição genial da circulação do sangue: entre elles está José Antonio de Freitas.

Não seria um caso isolado, é certo, mas nesta intuição parece ainda a imaginação de criticos exercitados em elogios preciosos. O grande principio que revolucionou a physiologia e que se deve, como é sabido, a William Harvey, não se resume na simples affluencia do sangue ao coração. Elle se caracteriza por este movimento perpetuo do sangue, partindo do coração para todas as regiões do organismo, cujos tecidos recompõe e alimenta, para voltar de novo a renovar-se e assim continuar o seu circulo indefinido.

Harvey assignou ao coração a função, que não se lhe conhecia, de centro regulador e motor daquelle movimento, assentando as bases do seu mechanismo, o que é muito diverso do simples movimento do sangue ao coração, que elle não podia descobrir pelo singello motivo de que ninguém o ignorava.

Assim sendo, não ha lugar a esculpir no monumento "ære perennius" do grande epico mais este florão, que elle dispensa certamente...

Mas, se o movimento do sangue ao coração, ou a outras partes do organismo, esboça, ainda de modo vago, o principio de Harvey, neste caso hão de convir que isto era antes de Camões um lugar commum da literatura:

"Et in venas extremaque membra,
concurrunt

LUC., PHARS., L. VI.

... gelidus in viscera sanguis,
"Percussa pietate coit"

Idem, VII.

"Frigidus Arcadibus coit in præcordia
sanguis"

ENEID., X. 452

Para que neste ultimo exemplo (que é decisivo, tal a similhaça com os versos de Camões) e no antecedente não se tire alguma objecção, do significado do verbo *coit* (*coere*, geral), é bom lembrar que a idéa do movimento está indubitavelmente indicada pelo accusativo regido da proposição *in*.

Dissemos que aquella mudança de côr exprime o temor. Na literatura classica, em que tão profundamente se abeberava Camões, em regra assim era. É inutil citar muito, para não carregar este escorço do apparatus trivial da erudição



Luiz de Camões

(Por Gérard).

facil. Os passos são innumerous: na ENEIDA, por exemplo, temos nota do verso 212 do L. II; no *Inferno*, de Dante, lembra-nos o verso 1 do C. IX. Nas LUSIADAS mesmo, num trecho que reflecte a influencia da poesia, que já se exercitava entre os poetas palacianos do tempo, com seus trocados de mau gosto, "o mar Roxo de medo fica amarello" (II, 49; X, 62).

Feio e Monteiro, porém, encontraram para a mudança de côr um sentido sem relação com o temor; parecendo-lhes antes denunciadora de uma concentração do valor e da coragem; pois outra coisa não é, ao ver delles, aquella affluencia ao coração português do sangue, que em tão arriscada crise era aos soldados mais necessario do que nunca.

Ora, essa maneira de exprimir a coragem pelo acudir do sangue ao cora-

ção, dado pelo poeta com razão do empallidecimento, seria um fórma bem alheia dos moldes camonianos e da literatura classica.

Para justificar o novidade que emprestam a Camões, allegam os illustres editores que a idéa de frio sempre anda ligada á do medo na literatura antiga, como a de calor representava a coragem, deslembrados de que, se no passo em questão não se declara a temperatura do sangue, é gratuitamente que lhe emprestam calor, sendo, portanto, de todo ponto inefficazes os exemplos que adduzem.

Não é pois, nem pela idéa de frio, ou do calor, que fallecem no caso, que se ha de resolver a interpretação daquelle versos, mas sim pela da pallidez, que já se viu ser em geral característica do medo.

E a ordem de idéas em que vinha Camões, mostra com evidencia que outra coisa não quiz pintar por aquella mudança de côr.

Da fresca Abrantes saem os portuguezes sob o commando do mestre de Aviz para enfrentar com os castelhanos na famosa batalha de Aljubarrota (est. 23) Como na ENEIDA (VIII, 592), as mães, irmans, damas e esposas estavam debruçadas pelos muros, promettendo jejuns e romarias (est. 26) Mas o seu medo ainda é, como em LUC., PHARS., VI, um "alegre medo" (cit. est. 26), isto é, um medo misturado de esperanza.

Ao chegarem de frente dos castelhanos, estes os recebem com grandes gritos e todos concebem grande duvida sobre o resultado (cit. est. 26)

As trombetas, pifaros e tambores dos portuguezes dão a resposta áquelle gritos (est. 27). Ahi o poeta, como propositadamente para accentuar a sensação da gravidade do que vaee seguir-se, assignala o dia e o mês em fórma periphrastrica e majestosa

"Era no secco tempo que nas eiras etc.
Est. 27

Então deu o signal terrivel a trombeta castelhana: e as proprias coisas inanimadas se emedrontaram, á similhaça da ENEIDA (VII, 515—518), PHARS. (VII) e ORL. FUR. (XXVII, 101); o Guadiana remonta o seu curso, segundo a hyperbole vulgar entre os classicos; o Douro e as terras transtaganas se sobresaltam; o Tejo como que receia continuar a correr, e as mães, que pouco antes tinham alegre medo, ao ouvirem o som tremendo, aos peitos os filhinhos apertaram (est. 28), no mesmo bello gesto que se vê na ENEIDA e no ORL. FUR. (*in loc. cit.*)

Nada mais natural do que lembrar-se o poeta, que pôz em relevo a sensação de medo e exaggerou a de susto, de quantos rostos tinham a côr demudada e quantos corações tremiam amedronta-



Portada da 1ª edição

dos. no instante tragico de iniciar a peleja.

Não é um medo que pudesse envergonhar os portugueses, que não era muito o tivessem quando as proprias coisas naturaes foram por elle dominadas.

E' excusado recorrer aos chronistas e á tradição oral, como o fazem os directores da ed. de 1834, para repellir delles a vilta de medrosos antes e durante o seu mais glorioso feito de armas, pois não é necessario contestar isto para entender a est. de Camões: a maior confiança antes da batalha e o maior heroismo durante a acção não collidem com uma insopitavel impressão de temor no momento preciso de inicial-a.

Não ha lugar para o patriotismo abespinhado ditar interpretações a seu sabor, tanto mais quanto na est. 29 o que ha são considerações igualmente applicaveis aos dois exercitos, e não exclusivamente aos portugueses, como gratuitamente e sem discussão admittiram aquelles commentadores.

Dizem elles ainda que o descorar dos combatentes ao som da trombeta castelhana é o effeito ordinario da tuba sonora e bellicosa, que mesmo nos simulacros de guerra

"O peito accende e a cõr ao gesto muda."
1, 5

A este respeito observaremos que se podem comprehender dois effeitos distinctos dos clarins de guerra: o de enthusiasmar e excitar para o combate ("o peito accende") e o de amedrontar ("a cõr ao gosto muda"), effeitos nesse passo reunidos, mas que no estilo camoniano são na maioria dos casos considerados isoladamente

Na est. 63 do C. VI:

... e o som da tuba inpelle
"Os bellicosos animos que inflamma"

só se põe em relevo a funcção excitadora do enthusiasmo.

Na oitava II:

"Ouviste o som das tubas não suaves,
"Mas com terror horrifero soando,"

Camões só tem em vista o segundo effeito, é manifesto. E' o que se dá em o nosso caso. O signal da tuba castelhana é qualificado de "horrendo, fero, ingente e temeroso"; o seu som, de "terrivél"; a impressão que produz nas mãos é de terror e nas coisas é de pavor e espanto; nos homens é a mudança de cõr: isto é, sempre aidéa de temor, um dos effeitos das tubas de guerra, segundo o estylo classico excluida por completo a idéa de inflamar, de que não ha referencia alguma.

Num trecho do ORLANDO FURIOSO, do qual se não pôde duvidar que exprime o temor, pelo que se diz em seguimento seis estancias adiante, encontra-se exactamente a mudança de cõr como effeito natural da trombeta de guerra, o que illustra bem o nosso caso.

*Segue la tromba a daré, il signo presta,
Che face a milli impalidir le guance.*

XXX, 47.

E na Elegia XII, falando do terror que ha de espalhar a trombeta biblica no valle de Josaphat, Camões o liga á pallidez dos semblantes

*De trombeta tremenda som terribil
Ouvido, fará pallidas as frontes.*

Parece-nos, pois, fóra de duvida que a turvação pintada nos rostos dos combatentes de Aljubarrota, ao ser ouvida a tuba castelhana, outra coisa não exprime senão o terror

Compreende-se, então, que o segundo verso não altera o sentido natural do primeiro: é apenas uma explicação daquelle pallor, que podemos entender, cingindo-nos ao sentido preciso de "acudir" e não desdenhando a adjectivação "amigo", como determinação pela fuga do sangue, alma da vida, em socorro do coração, sede de todos os sentimentos, ao primeiro rebate do temor. E' pois uma explicação literaria e pittoresca, fundada sem duvida na sciencia do tempo.

Com o atrás da physiologia de então, que se pôde dizer *uondum nata erat*, não fóra desrazoavel imaginar-se com o vulgo de hoje ainda suppõe, que o empallescimento seria occasionado pela fuga precipitada do sangue para o coração.

D'ahi a idealizada explicação camoniana, idealizada e erronea, porque hoje se sabe que a mudança de cõr é

determinada pela impressão de surpresa que causa uma emoção; donde uma parada subita e ligeira do organ central, o que faz diminuir o fornecimento do sangue e, portanto, empallidecer o rosto, porque no cerebro é que primeiro se reflectem as modificações circulatorias.

Em seguida á sua exclamação sobre o temor dos combatentes, era muito logico que o poeta passasse a dar a razão delle.

E por isso diz explicativamente:

"Que nos perigos grandes o temor
E' maior muitas vezes que o perigo".

Seria uma tautologia que elle accentuasse a existencia do temor, sobretudo em tom encarecedor como o faz, e depois d'isso como razão ser elle em regra "menor" que o perigo.

Os directores da ed. de 1834, apagam-se a um argumento especioso, tirado do adjunto adverbial "muitas vezes"; pareceu-lhes que Camões não podia dizer á guiza de excepção uma proposição geralmente verdadeira, qual a de que o temor é maior que o perigo, pois isto não "muitas vezes" mas "sempre" se dá. Eis como o empenho de cerrar argumentos em favor de uma hypothese preestabelecida faz esquecer até as contradicções palpaveis... Pois se o temor fosse "sempre" maior que o perigo, claro está que a emenda attribuiria a Camões uma proposição falsa, que seria o dizer que é "muitas vezes menor".

Em verdade nem sempre é maior; portanto, bem fez Camões em exclamar que o é "muitas vezes", isto é, frequentemente, o que está longe de significar excepcionalmente.

Para entender a proposição em litigio de harmonia com os versos se-



Portada da 1ª edição

Nos *Lusitanae* ha o sentimento vago, heroico e exaltado, duma era nova, em que a actividade industrial e pacifica presidirá ás relações universaes. Inicialmente, a escolha da expedição do Gama — cujos resultados foram decisivos neste duplo ponto de vista — para thema principal de seu poema, prova bastante que tinha Camões sentido a importancia de semelhante revolução. Compreendeu o Poeta perfeitamente o papel marítimo de sua patria no estabelecimento das relações entre o Oriente e o Occidente e a reacção commercial desse mundo novo que abriam para o futuro os navios do Gama.

MIGUEL LEMOS.

Luis de Camões — Paris, 1880 — pag. 222.

guintes, importa precisar o significado da palavra "perigo", em torno da qual gira, a nosso vêr, a confusão de Feio e Monteiro.

O sentido vulgar é o de males iminentes, damnos que pendem ou ameaçam; diz-se que uma pessoa está em perigo quando está sob a iminencia de um mal.

Este é evidentemente o sentido da palavra no terceiro verso.

Mas é visto que esta accepção não convém ao mesmo vocabulo no quarto verso.

Se dêssemos á palavra o sentido de mal, não mais imminente, mas real, effectivo — e este é em fundo o sentido que lhe attribuem os citados commentadores —, a proposição de Camões exprimiria este facto psychologico trivial: que a imaginação cria males que não existem, os quaes, depois que caem, se verifica quasi sempre serem menores do que a expectativa.

Em taes condições caberia approximar os versos de Camões dos de Ovidio (HER. XXI, 349) e de Vergilio (ENEIDA, VIII, 556-557). Mas a proposição se tornaria impossivel com os versos seguintes, como o demonstraram Feio e Monteiro e se vê do trecho que delles trasladamos.

Resta-nos o recurso de admittir que a palavra "perigo" do quarto verso tem, não a accepção objectiva de mal que se realisa, lance perigoso, mas um sentido subjectivo, isto é, a impressão que em nós causa dito mal ou lance, o que em summa não é, mais do que um caso de metonymia ("causa pelo effecto") de que tanto usa e abusa Camões.

Basta lembrar estes exemplos:

"Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando."
II, 47

"Se tenh' novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charibdis já passados."
VI, 82

"Outra vez commettendo os duros me-
(dos
Do mar incerto"
IX, 16.

"E por entre estes horridos penedos
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos asperas e MEDOS"

Eleg. II.

Não referimos o da est. 63 do C. III, porque, segundo Diez, não se trata alli de metonymia, mas de um reforço pleonastico da expressão do verbo ("medos não temia"), facto commum a outras linguas novilatinas. Mas nos trechos citados é indubitavel que "medos" está em lugar de "perigos" ("effecto pela causa"), o que é o inverso do nosso caso, porém com perfeita analogia com elle.

Acceto isto, os versos de Camões conteriam a observação de um facto psychologico diverso, qual o de que a impressão de temor na iminencia do mal desaparece logo que entramos em

luta com elle; de modo que a equação é estabelecida, não entre o medo do imminencia e o medo na acção do mal.

E esta intelligencia é tanto mais legitima quanto o restante da est. não é senão um desdobramento daquella observação.

Tudo o mais corre como *sur des roulettes*: se aquelle medo não é maior do que o experimentado no acto parece sel-o, visto como o furor de offender o inimigo, a ansia de vencer apaga no espirito aquella impressão de temor e faz que a gente sacrifique corajosamente a integridade physica e a vida.

Eis ahi interpretada a estancia sem violencia ao texto, ao bom senso, nem aos moldes camonianos.

Entretanto, ainda ha commentadores, posteriores á ed. de Hamburgo, que, mesmo ao achanarem em prosa o grande epico, nem sequer atinam com o disparatado da sua interpretação...

RAUL SOARES

Campinas, 1908.

(D'O Estado de S. Paulo, n. 11,034, de 24 de Fevereiro de 1909.)

CAMÕES, GENTIL GARÇÃO

O VOTO DE AFFONSO LOPES VIEIRA

Nuna conferencia feita na lendaria e nobre Coimbra, em 1915, perante os estudantes da Universidade, Affonso Lopes-Vieira suggeriu que se levantasse ahi o monumento de Camões. Lembrava, porém, o principe dos actuaes poetas portuguezes, com a intelligencia e a sedução que lhe ornava a figura aristocratica como dons singulares, que a estatua reproduzisse, não a face envelhecida e amargurada dos desenhos de Panhes, Villa Franca, Gérard ou Columbano, mas "a imagem de Camões adolescente, gentil escolar de artes e humanidades", a qual viria a ser ainda a unica em cujo rosto veríamos os dois olhos. Dizia então: "Erguendo esse monumento, terreis realizado a mais espiritual, a mais esthetica, a mais patriótica das obras academicas, por ser aquella que encerra, além de sua belleza propria, o mais nobre e perduravel caracter, prolongando-se através de gerações successivas". O mesmo formoso sentimento manifestou Barrés, quando, no louvor que teceu a Dante, na Sorbonne, em 2 de junho de 1921, por ocasião do sexto centenario da morte de Alighieri, exhortou a todos quantos ouviam a sua palavra cheia de estranha emoção a olharem sempre para as feições de Dante moço, e não para os retratos em que o florentino apparecia com o perfil enrugado, duro, austero, sombrio e com a alma de exilado, cheia de rancor e colera. "Il faut, falava Barrés, apercevoir la grace, l'élégance, le souvenir d'une jeunesse

aimable, active, ardente, jeunesse de jeune poete amoureux et de soldat, avec la chasse, la danse, les chevauchées, la musique, les jardins, les fleurs, la nature, le délice du paysage natal où tout se baigne de chaleur" Maurice Barres referia-se ao Dante do "Bargello" de Florença, modelo de equilibrio e de harmonia, obra de Giotto, em que o cantor maximo se mostra o joven victorioso que foi, antes de ser o velho abatido e desilludido, popularizado pelo busto de Napoles. Assim, precisamos crear o semblante de Camões gentil garção, bello e venturoso, com a physionomia perfeita, sem o signal da dôr, que deforma, exprimindo na pureza das linhas todo o desabrochar de sua alma lirica e apaixonada. Essa effigie de Camões mancebo, tocada pelos effluvios mysteriosos da graça divina e aureolada pelo sonho infindavel de gloria, revelaria harmonicamente a vida risonha, florente, cheia de esperanças e de ansiedades. Ideada pela visão esthetica do homem que lhe comprehendesse o encanto da adolescencia, a imagem de Camões ephebo, radiante de serenidade e enlévo, symbolizaria, afinal, o genio dominador, fóra das contingencias que nos impellem á dissolução, á ruína, á morte — porque, elle é a eterna mocidade, e a belleza immortal. E, dest'arte, o voto do mais lustrante dos aedos de agora teria deslumbrante realização, como fórmula e como pensamento.

ELYSIO DE CARVALHO

CAMOES COMO HEROE

O heroismo é um escudo que o homem oppõe ao sol do destino. Isto não é definição nem será. É apenas photographia tirada por um espectador que está fóra do campo assistindo ao torneio incommuni. O heroismo é ter uma dor de dentes, perder dois ou tres ou quatro cheques preenchidos, e falar da alegria da vida. Um simultaneismo a tres instrumentos. Também não é definição. É um exemplo de auto-suggestão. O heroismo é a acção. Um homem que sócca as mandibulas de um rival sportivo até certo ponto é um heroe. Se as sóccasse especulativamente, debruçado sobre uma chicara, nunca seria heroe, nem para lá estaria andando. Blake, no "Casamento do Céu e do Inferno", disse: "O Desejo não seguido de acção engendra a pestilencia" O caso mais serio de heroismo que conheci foi este: um rapaz fino como uma fumaça de cigarro ou buscapé ordinario, atroando um quarto fechado durante horas a fio. Nos andares inferiores, toda a gente estava alarmada com os trovões syntheticos, com os tombos, os gritos e os moveis percorrendo o ar em parabolias resumidas. O rapaz apparecia depois, ar sportivo, transpirado, cor de nicotina lavada, encostando-se aos mapas do Brasil (o andar era um instituto historico e geographico mantido pela União Rockefeller) e ás folhinhas de votos de felicidade da L. D. N.: "Lutei... doze rounds..." Descobriu-se que se metia no quarto sozinho phantasiando lutas de box. Nunca seria heroe. Quando Brummel inutilizava cem tiras de seda para dar um laço de gravata ("regardez, Jimmy, ce sont aos erreurs"), até certo ponto era heroe.

Mas a acção não póde ter uma precisão barometrica. Dizer, de + O do homem é heroe, de — O não o é, é um disparate. A acção é um turbilhão que se canaliza pelos nervos cerebraes e sexuaes. Uma especie de soro ultra-glucosado acelerando as veias. Camões é um heroe. D. João também o é. Carlito — que é a acção multipla — também.

Camões é um heroe da Renascença. O homem que disse ter deixado a vida "pelo mundo em pedaços repartida", é uma figura sympathica e abnegada. É dar muito de si. Ama D. Catharina de Athayde. Na côrte dizia de si "que andava farto, querido e cheio de favores e mercês de amigos e damas" Isto não é heroismo. O heroismo é dos amigos e das damas. Degredos. Ceuta. Espadachinadas. Sabia dizer finezas, engenhar trovas e tocar viola como qualquer soldado poeta de Arzilla. Os adversarios nunca lhe viram as solas dos pés, como dizia de si. Acutilou, no dia de Corpus-Christi, Gonçalo Borges, creado d'el rei. Carcere. Goa. Empregos militares que não lhe de-

ram, debentures nem dividendos. Mas Roxo e Golfo Persico. Malaca, Molucos, Macau: tres m perfidos. Sumatra, Ceylão e Malditos. Escreve o "Auto de Filodemo: As satyras finas como punhaes. "Os disparates da India". Entremeia o amor dos portuguezes sazoados pelos ares de Goa com eclogas funebres. Mas não fala em "escudero que se tornou pastor" e em "los pastores que se tornaram palaciegos" ao gosto de Juan de la Encina. Mandado para a China, ou como provedor dos defuntos e ausentes, para uma terra onde não morria ninguem dentro e fóra de portos. Os "Lusiadas" Recolhido a Goa debaixo de prisão. O naufragio. A scena cinematographica de fita em series. Cadeia. Restituído à liberdade. Total das prisões e batalhas: dezeseis annos na India e nem mais um real. Em 1569, de Moçambique vem para Portugal. Alcacercibir. A morte em 1579. Os epitaphios — a unica reportagem do tempo.

Esta vida desarticulada mas logica em que cada ventura passageira vinha escol-

tada pelos infortunios, dois sujeitos inconversaveis e inconversiveis á alegria, conta que Camões, soldado e poeta, nunca cultivou os cogumellos da hypocondria. O genio não é uma euthanasia, é um delirio. Para os de senso communi o genio é mais incommodo que um cataplasma de um vesicatorio.

Camões não cedeu aos sonhos do Oriente. O Oriente é a imagem actual para que se voltam H. Mann, Curtius e R. Rolland. Mann já falla no "radicalismo todo sarmata que será o sinete da nova civilização porvindoura do Este — luz serena e igual como uma lampada num logar sem vento e que não vacilla. Keyserling busca a sabedoria millenaria, harmonia de todas as forças dissonantes do Oriente, resumida na infinita liberdade do Vuo, cantado por Tagore. "O coração, a essencia propria da experiencia indiana, reside na intuição constante da unidade de toda a vida e na convicção instinetiva e inabalavel de que o mais alto bem e a liberdade suprema se acham

OS LUSIADAS

O titulo do poema mostra sua intenção. Os que accusam Camões por ter esquecido o Gama e a expedição são inveridicos, e, além disso, não perceberam bem os dois momentos differentes da concepção do poema. A idéa foi a navegação, mas o espirito foi a patria. O heroe dos *Lusiadas* não se chama Vasco da Gama, chama-se Portugal; não é o navegante ousado que descobriu as Indias, são todas as gerações heroicas que o solo da Patria produziu, a primeira que o libertou, a segunda que venceu a Hespanha, a dos tempos de D. João II e de D. Manoel que partia sedenta de gloria

A ver os berços onde nasce o dia.

A primeira vez que elle pronuncia o nome do descobridor das Indias é na estancia XII e ahí depois de Egas Moniz e de D. Fuas, para cantar os quaes só *cubiçava a cithara de Homero*. Aparecendo nesse momento tem o almirante o alto elogio que lhe é devido:

*Dou-vos tambem aquelle illustre Gama
Que para si de Enéas toma a fama.*

Esse tambem mostra que Camões não se propunha a cantar só um personagem; depois do Gama, que já tinha predecessores na estancia, vem os Almeidas, os Pachecos, os Albuquerque e os Castros. É o Pantheon portuguez essa invocação dos *Lusiadas*. A nação ganha com todas as glorias que a honram sem invejar nenhuma. Não é ella o pedestal dos heroes, como a Grecia homerica; os heroes são sua emanacão

Foi esse o pensamento do poeta, e é por isso que o seu poema é o mais nacional dos poemas modernos. Vasco da Gama é na verdade o chefe da expedição; o lugar de honra pertence-lhe mas elle só é grande porque é a viva representacão da patria. O infante D. Henrique, D. João II, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Magalhães, são outras tantas manifestações do genio da navegação, que linha a nação portugueza. Posta á beira mar, fechada com sua imaginacão e sua alma em uma lingua de terra, á mercê da Hespanha, no tempo das conquistas e da forza, Portugal sonhava o dominio de um novo mundo acreditando ter bastante vida para animá-lo. Essa idéa que entrou na intelligencia do paiz teve em certa epocha os mais illustres soldados e muitos martyres; todos que se sacrificaram por ella, e os que com ella venceram, cobriram-se de gloria, mas a gloria maior era da nação, que tinha feito desse sonho sua politica e que vivia d'elle.

Isso comprehendeu-o Camões com a intuição, que dá o amor. Escrevendo o poema da navegação sentiu que era preciso dar a seu paiz o principal papel. É assim que a gloria da nação torna-se mais pura e mais brilhante, á medida que se penetra no interior do poema; é um monumento nacional, em cujos baixos relevos estão esculpidas grandes batalhas, e que está cheio de estatuas de heroes. Nenhum feito notavel do mais remoto passado falta a esses Annaes da raca portugueza; nenhuma pedra preciosa falta a essa corôa de um povo forte adormecido no sepulchro de Alcacerc. *Os Lusiadas* são o poema de Portugal.

JOAQUIM NABUCO.

Camões e os Lusiadas, Rio 872 p. 113-5.

Nos *Lusiadas* se reconhece a contribuição simultânea de tres influencias principais a que o Poeta obedeceu, dada a situação historica em que surgiu. Em primeiro lugar a influencia catholico-feudal, depois a influencia classica e finalmente o presentimento confuso, mas real do advento de um regime pacifico industrial, para o triumpho do qual eram preparações necessarias as grandes navegações portuguezas, instituindo a exploração previa do habitat humano e a extensão das relações planetarias.

MIGUEL LEMOS.

Luis de Camões. Pariz, 1880 — pag. 209.

no reconhecimento desta unidade”, diz Ananda Coomaraswamy, na “Dança de Civa. Na supposta desintegração, no crepusculo dos deuses do Occidente, o homem europeu, fazendo gestos friaveis, para salvação sua, deve beber toda a luz do Este

Nenhum determinismo oriental deformou o espirito do Genio. Não porque ignorasse o Oriente. A literatura portugueza do Oriente, por mais empirica que seja em alguns dos chronistas e viajantes, provou que se conheciam muito bem os povos orientaes. A sua vida foi um derramamento da alegria de viver. A Asia não alterou a parabola do seu impeto para o infinito, nem lhe prejudicou o espirito universalista. Se a Asia possuia alguma cousa de seu, foram-nos os farrapos, as dividas e algumas irritações quotidianas que seriam facilmente curadas pela auto-sugestão. A este respeito, a sua vida é um espectáculo de heroismo biselado como um espelho maravilhoso, multiplo em paredes prismaticas. O soldado portuguez, mal chegado á Brasilia Sive Terra Papagalli, á Africa ou ás Indias soffria immediatamente a acção do meio como um corpo de cera exposto a um calor causticante. Nenhum mysticismo oriental o invadiu. Era bem Renascença. O terror não existiu nem na vida nem na obra. Os soldados entregavam-se ás realidades quotidianas, jogando com as proprias vidas como quem joga dados. Queriam apenas que a vida continuasse como um espectáculo que não pôde ser interrompido. Como todos os grandes espiritos da Renascença, procurou com paroxysmo o absoluto. Procurou a gloria temporal — falhou. Espreitou durante toda a sua vida a idéa do vir-a-ser na arte e na vida. Dahi Camões ser uma realidade movel. A sua duvida era provisoria e profunda ao mesmo tempo. Só lhe interessava a percepção da mudança dos dados da consciencia. O heroe da Renascença é um “idealista pratico”. É o ebriado da acção. É o especulativo da mecanica da energia.

O arcadismo não deu nenhuma interpretação de Camões. Se a desse, fal-

hia Corydon — qualquer — coisa, occupando uma sinecura tabeleonica, ou seria “assistente do Sufete, como se dizia no tempo, isto é, secretario do ministro. Camões, pelo contrario, teve de soffrer as iras de Vernev e M. Agostinho.

O romantismo deu a interpretação garrettiana e a de Castilho, ultra-romantica. A de Garrett apresenta-nos Camões nostalgico, indifferente ás rijas ceulemas que aos ares sobem e ferem o vento, mas volta para Lisboa. Tudo vê atravez da nevoa da saudade:

*no gesto senhoril, mas annuviado
de sombras melancolicas, impresso
tem o caracter da cordura ousada
que os filhos ennobrece da victoria.*

TEIXEIRA SOARES

A libertação da realidade e a invenção

ESPECIAL PARA “AMÉRICA BRASILEIRA”

Houve uma época na nossa litteratura em que aspirámos á libertação da realidade.

É uma época politica da vida dos novos escriptores cheios de rebeldia de imagens na vida prostrada e limitada pelas imagens antigas. Só se explica o realismo a que nos lançámos pelo desejo de redimir uma realidade sympathica ás renovações que assim se mostrou com caracter original.

É quasi um dever de gentes liberaes dedicadas á litteratura atacar os termos reaes em certo periodo e até volver a elles de vez em quando.

Devem ser estes termos reaes termos de muito caracter que por si sós representem uma originalidade.

Toda a nossa obra realista não representa mais do que essa época heroica de salvar uma realidade que não podia jámais com as suas dominações e as suas imagens

Cansou-nos lastima o ambiente moral das novellas e quizemos retemperar a realidade em um novo estylo.

Já acabou o nosso dever?

Este é o caso, este é o problema do momento. Ainda nos chama a realidade promettida, ainda nos dá gritos anciosos que veem a nós outros com as suas mãos enclavinadas, porém, que talvez vai sendo hora de se lhe não dar attenção e de crear uma super-realidade, a realidade da invenção.

Não é a invenção que supponho uma cousa arbitraria, feita de entretenimentos do estylo, nem desses jogos de dados com que se jogam com

Camões, modernista, correria o perigo de ler os banalissimos jornaes ou boletins de oto-rhyno-laryngologia internacional, ou as publicações da L. D. N. Mas não. Camões, modernista, voltar-se-ia para a Renascença e apreciaria mais o homem do que a obra. O mysterio é a ultima palavra da philosophia. A parte theorica do Genio é a sua obra litteraria; a pratica, é a vida. Nos estreitos limites da vida, quiz pôr, abrangendo de extremo a extremo, como uma abobada ideal, toda a grande curva da idéa do infinito. Esta idéa, indifferente á duração, como se a duração fosse imanente, extravasou da vida, em absoluta continuidade e foi animar, como o deseortino de uma perspectiva insondavel, toda a obra litteraria do grande Genio.

as palavras nos xadrezes do momento.

A invenção a que ha de se entregar, alguem é a invenção que vem depois da que estalou por ultimo depois da outra época de dedicação á libertação da realidade com respeito ás escravidões de outra época.

Todo aquelle que abomina o presente e que não abominou nenhum tempo deve deixar-se como detricto fertilizador nos campos e nas “mactetas” da nova invenção. Nella hão de aproveitar-se como elemento secreto e prenatal todos esses elementos que encham o Bazar da vida.

As santas imagens que brotam dessa mistura são as phantasmagorias dignas da época.

Ha todo um mundo novo de invenções, novo porque se suspeita que não está na realidade nem estava, é o que se pôde chamar novo sem falsidade.

Porém tem que interessar a logica da nova invenção. E já estão bastante a salvo a realidade, as manhãs, a força da sua primavera, os vigores da vida, a subida da seiva do amor. Tudo tem sido posto em regra e é dado á vida a sua maxima autoridade e desprezo nos novos limites conquistados, agora necessita-se da phantasmagoria pura, nem scientifica nem de aventuras, nem sómente feita de imaginação nem sómente feita de fantasia.

Na margem de todos os romantismos novos, uma margem que seja a elegancia e a alegria realizadora dos que já fizeram uma revolução.

Ramon Gomez de LA SERNA

LAUREIS DE CAMÕES

A CAMÕES

Entre dois sonhos — lida mal sonhada —
De phantasias mil a phantasia
Viveu, como su'alma desvivia
De seus fundos cuidados mal cuidada.

Em lembrança da patria deslembrada
A gloria sua a gloria della erguida;
Escura noite lhe surgira o dia
Na viva luz da formosura amada.

Partido o coração, a alma partida
Naquelles sonhos, vasta immensidade,
Era-lhe a vida morte, e a morte vida!

Hoje renasce na immortal saudade:
Tem nos versos a patria aos céos erguida,
E o seu amor n'um templo — a eternidade!

JOSÉ BONIFACIO.

CAMÕES

I

Tu quem és? Sou o seculo que passa.
Quem somos nós? A multidão fremente.
Que cantamos? A gloria resplendente.
De quem? De quem mais soube a força e a graça.

Que cantou elle? A vossa mesma raça.
De que modo? Na lyra alta e potente.
A quem amou? A sua forte gente.
Que lhe deram? Penuria, ermo, desgraça.

Nobrememente soffreu? Como homem forte.
Esta immensa oblação?... E'lhe devida.
Paga?... Paga-lhe toda a adversa sorte.

Chama-se a isto? A gloria appetecida.
Nós, que o cantamos?... Volvereis á morte.
Elle, que é morto?... Vive a eterna vida.

II

Quando, transposta a lugubre morada
Dos castigos, ascende o florentino
A' região onde o clarão divino
Enche de intensa luz a alma nublada,

A saudosa Beatriz, a antiga amada,
A mão lhe estende e guia o peregrino,
E aquelle olhar ethereo e crystallino
Rompe agora da palpebra sagrada.

Tu que tambem o Purgatorio andaste,
Tu que rompestes os círculos do Inferno,
Camões, se o teu amor fugir deixaste,

Ora o tens, como um guia alto e superno
Que a Natércia da vida que choraste
Chama-se Gloria e tem o amor eterno.

III

Quando, torcendo a chave mysteriosa
Que os cancellos fechava do Oriente,
O Gama abriu a nova terra ardente
Aos olhos da campanha valorosa,

Talvez uma visão resplandecente
Lhe amostrou no fu'uro a sonora
Tuba, que cantaria a acção famosa
Aos ouvidos da propria e extranha gente.

E disse: "Se já n'outra, antiga idade,
" Troya bastou aos homens, ora quero
Mostrar que é mais humana a humanidade.

"Pois não serás heroe de um canto fero,
" Mas vencerás o tempo e a immensidade
" Na voz de outro moderno e brando Homero."

IV

Um dia, junto á foz de brando e amigo
Rio de extranhas gentes habitado,
Pelos mares asperrimos levado,
Salvaste o livro que viveu contigo.

E esse que foi das ondas arrancado,
Já livre agora do mortal perigo,
Serve de arca immortal, de eterno abrigo,
Não só a tí, mas ao teu berço amado.

Assim, um homem só, naquelle dia,
Naquelle escasso ponto do universo,
Língua, historia, nação, armas, poesia,

Salva das frias mãos do tempo adverso.
E tudo aquillo agora o desafia.
E tão sublime preço cabe em verso.

1880.

MACHADO DE ASSIS.

A LUIZ DE CAMÕES

I

Emquanto ao fogo intenso, em que teu peito ardia,
Do teu grande padrão fundias o metal:
Emquanto o eterno molde a tua phantasia
Riscava do poema enorme, colossal.

Emquanto o monumento acabado saía,
Sellado por teu genio olympico, immortal:
Emquanto a eternidade a tua obra envolvia,
E punhas ante Homero o seu maior rival...

Emquanto se ebriava a terra ao ler teus versos,
E vinham do horizonte ouvir povos diversos
A epopéa do mar e da navegação...

Oh! Luiz de Camões, oh! grande sombra morta,
Nas ruas de Lisboa um Jáu de porta em porta,
Sem que seu amo o saiba, anda a esmolar-lhe o pão.

II

Para servir, tiveste o braço ás armas feito,
Para cantar, a mente augusta ás maisas dada,
E preparaste assim o mais sumptuoso leito,
Em que dorme inda hoje a tua patria amada.

A's armas do inimigo abriste o largo peito,
Onde gemia um'alma immensa e angustiada:
Achilles foste e Homero, e em cada qual perfeito,
Unindo a lyra enorme á tua enorme espada.

Maior, que os capitães, que eternizou teu canto,
Maior que os reis, maior que o seculo, em que déste
Um novo Homero ao mundo, o que ganhaste entanto ?

A dor de Prometheu, — Em sóes te desfizeste:
E deram-te a nudez, o exilio, a fome, o pranto:
E nem na propria morte em paz um chão tiveste !

III

Tu foste só. — Teu genio estava solitario.
Junto ao teu coração não pulsou outro igual:
E o teu grande infortunio e o teu destino vario
Foram nuvens em torno a um astro colossal.

Oh ! Luiz de Camões, tu'alma era o sacrario
Da mulher, a quem déste um diadema immortal.
Foi para o amor da patria um fervido estuario
Teu coração. — O amor foi teu genio e o teu mat.

Do teu largo idéal ardeste á propria chamma,
Prendeste ao sol — da patria e da mulher a lama, —
Que elle tein de levar a extrema geração.

Caíste abandonado após, na luta ingente,
A' enorme ingratição, ó bom immensamente,
Perdão, dizendo tu; — dizendo a historia: — Não.

IV

Dae-me o vosso rumôr, indianos mares,
Vosso arôma e verdor, mattas orientaes,
Vossa voz, ó leões, vossa sombra, ó palmares,
O' céus o vosso azul, e os sóes, com que brilhaes,

Fragancias de Ceilão, que volitaes nos ares,
Macáu, em cuja gruta inda echôa seus ais.
Eu desejo sómente encher-lhe os seus altares
Da luz, da voz, do amor com que inda o festejaes.

O' rei, maior que os reis da nação, que cantaste
E que de eterna luz a cova alumiaeste
Da terra onde entendeste as estreladas mãos...

Ergueste o solio augusto em penhas de Calvario,
O' poeta immortal, tres vezes centenario,
Mendigo, que tiveste os sóes por teus irmãos.

V

Como um Leão, que volta, e vem do firmamento,
Tinta a bocca de luz dos astros immortaes,
E que na fulva garra ousado e famulento —
Arranca ao céu azul pedaços colossaes...

E sacudindo a crina, e as azas d'ouro ao vento,
Como ás girafas dos seus patrios areaes,
Das estrellas no collo — indomito e violento —
Mette o dente... e revôa em procura de mais...

Seu genio assim — Leão alado da harmonia —
Roubava as ideias estrellas da poesia,
Pendurando-as da patria aos multiplos florôes...

Quem não houve o fremer dos mundos fulguerosos,
Nos hombros carregando os versos sonorosos
Do canto secular, que nos legou Camões ?!

1880.

LUIZ DELFINO.

IGNEZ E CATHERINA

Duas mulheres chegam-se, medrosas,
Para p' rto da Estatua, cuja fronte
A Manhã que desperta no horizonte
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,
Cujos fios de luz não ha quem conte.
Mas quem são essas formas vaporosas,
Como as nevoas que descem sobre o monte ?!

Uma traz as *hervinhas*, com as flores,
Que ella colheu na Fonte dos Amores
A quem *depois de morta a fez Rainha*;

A Outra, que era a Vida, era o Desejo,
Que enchia a grande Alma que Elle tinha, —
Noiva da sua Gloria, — traz-lhe um beijo.

1880.

JOAQUIM NABUCO.

A LUIZ DE CAMÕES

Definha á mingua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da patria indigna,
O cantor dos Lusitadas...

GARRETT: CAMÕES, X.

Tu, cuja mão divina outr'ora mendigara
Um bocado de pão, amargo e doloroso.
A' Patria — ingrata e surda ao teu gemer piedoso...
Ai delia ! ingratição que lhe custou tão cara,

Tu, para quem o mundo infando reservara
Dos martyrios lethaes o drama angustioso:
As torturas da fome... — o catre vergonhoso...
E nem siquer teu corpo augusto amortalhara;

Oh Mendigo immortal ! Oh Victima sagrada !
Exulta ! Exulta enfim dentro da campa fria:
Vingaste-te, Camões ! — A patria ajoelhada

Humilde vem pagar-te os juro da quantia,
que imploraste a morrer, na enxerga abandonada:
Os juro desse pão — que ella negou-te um dia.

1880.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

SONETO

Heroica Lusitania, em vão te escusas
Ao julgamento universal, austero;
Tardo tributo, posto que sincero
Não bastava ao cantor das glorias luzas !

Não te lembraes, tu ! que o ferro cruzas
Pela progenie despota de Nero,
Que o fizeram, por ti, irmão de Homero
— No corpo as armas e no genio as Muzas ?

E vistel-o rolar no humilde fôso...
E não choraste, affectuosa e triste,
Sobre o glorioso, olympico destroço !...

Nem siquer murmuraste, quando viste
Desabar o estranhissimo colosso:
"Alma minha gentil que te partiste"...

1880.

ARTHUR AZEVEDO.

CAMÕES

Poeta, ás como Encelado cahido
Do ceu, sob as montanhas fulminado.

LUIZ DELFINO.

Como Notus, Eolo ou Centimano,
Ao largo sopro da petrina escura
Convulsionaria essa Epopeia — Oceano,
Rimando a luz da redempção futura.

Homem terrível que uma sorte dura
Predeu-lhe ao peio um coração tyrano...
Peito de ferro! que em tão ampla anchura
Conteve apenas um polypo humano!...

Patria infeliz! como chegara ao termo
Si, a febre, a insanía desse amor possessivo,
Ceifasse a morte aquele triste inferno!...

Ah! como aquilo fosse, não conheço!...
E tu, Natércia, saberás dizer-h'o,
Tra-la spiga e la man qual mure á messo?

1880.

FONTOURA XAVIER.

CANÇAM A CAMOENS

Gravei na mente essa visam celeste
Clarissimo Camoens, me appareceste
No cimo do Parnaso alcantilado,
E eu, posto num enlêvo duradouro,
Gravei na mente essa visam celeste
Que em numeroso verso aqui traslado;
Estavam ao teu lado
Duas Musas de candido semblante,
Calliope que sopra na canora
Trombeta retumbante
Cujo clangor os echos apavora;
E Euterpe que da rude e agreste avena
Tira uma melodia pura e amena

Esta afina o instrumento donde parte
Um longo e suavissimo gemido
Cuja tristeza eu tambem sinto e entendo,
E de improviso Amor vem a esta parte
E traz nas mams teu coraçam ferido
Donde vermelhas gottas vam correndo.
Com elle vem o horrendo
E escuro Fado que jamais se cança
De atormentar um generoso peito;
Alevantando a lança
Que atravessou teu coraçam desfeito —
E enquanto lentamente vam passando,
Ri-se o Fado cruel, geme Amor brando.

Emmudecendo a fruta, eis se derramma
O som da horrivel tuba que o repouso
Subitamente rompe do ar visinho:
E eu vejo o Capitam Vasco da Gama,
Aquelle gram Lusíada famoso
Que descobriu das Indias o caminho;
E (ó destino mesquinho!)
Veio a misera Ignez tam meiga e amante,
Longe de Pedro, saudosa delle,
Lamentar-se diante
Del-rei que ao duro sacrificio a impelle:
De Vasco o Teio esta lembrando ainda.
Chora o Mondego a Ignez languida e linda.

Eis se alça Adamstor fero e iracundo,
Comó uma nuvem negra apparecendó
A' frota, do naufragio ameaçada.
Treme nos fundamentos todo o mundo,
Quando elle em tom altissimo e tremendo
Blasphema, grita, brama, ruge e brada:
Eis surge a sublimada
Venus superna que nasceu da escuma;
De flores se matisam as campinas,
A aragem se perfuma
E serenam as ondas nepiuninas:
Protege a deusa o peito lusitano,
Conquistador da terra e do oceano.

Cessa o clangor e eu vejo ainda em sonho
Descer do empyreo angelica figura,
De ouro tingindo as nuvens e de rosa.
E no semblante placido e risonho
Leio a felicidade branda e pura
De quem muito soffreu e agora gosa;
E' Natércia formosa,
O' bom Luiz, exemplo de amadores,
E' tua alma gentil, encanto e vida,
Amor de teus Amores,
Sempre adorada e nunca possuida,
Ei-la que vem da luminosa parte
Para de verdes myrthos coroar-te.

Da baixa terra tambem sóbe a vêr-te
Outra figura, envolta em negro luto,
Que no passado mais ditosa viste.
Do longo caminhar cançada e inerte,
De lagrimas o rosto nunca enxuto,
Suspira e nenhum peito lhe resiste:
E' Lusitania triste,
E' tua ingrata maen que ancia secreta
De saudades sente dentro da alma,
Mas vendo-te, ó Poeta,
A magoa se lhe um pouco abranda e acalma.
E para que o remorso menos dôa,
De immarcessiveis louros se corôa.

Cançam, vôa ao Parnaso
E ao Mestre amado meu que lá de cincia
Me ouve cantar em venturoso enlêvo,
Entrego o verso e rima
Que em tributo offereço do que devo.
E se durares qual lhe dura o nome,
Fico que nunca e tempo te consome.

1912.

JOSÉ ALBANO.

SOBRE O "LIVRO DOS AMORES"

DE PIERRE DE RONSARD.

Outr'ora, de Bourgueil nos troncos, muito amante
Gravou da amada o nome. E muito coração,
No Louvre, sob o altivo e dourado artesão,
Estremeceu de orgulho a um sorriso brilhante.

Que importa? De sua magua, ou sonho deslumbrante
Nada disse. Elles, entre o roble do caixão,
Foram-se inteiramente. A' propria herva do chão
Ninguem lhes disputou o inerte pó restante.

Serieis vós, tambem, Maria, Helena e acerba
Cassandra, cinza vã de belleza e soberba
(Não têm as rosas nem os liqios — *amanhã*),

Si Ronsard, para vossa aurea e doce memoria,
Não houvesse tecido uma c'roa louça
Com os myrthos do Amor e o loureiro da Gloria.

(Dos *Thophéos*, de Heredia).

ALBERTO FARIA.

FORMAÇÃO DOS LIMITES DO BRASIL

Os papas Nicolau V, Calixto III, Sisto IV concederam à corôa portugueza as terras e ilhas do Atlantico novamente descobertas sob o influxo do infante D. Henrique e dos seus successores immediatos. Com surpresa de Portugal obtiveram os reis catholicos uma successão do mesmo genero depois de Christovão Colombo tornar de sua primeira viagem: em Maio de 1493 attribuiu-lhes Alexandre VI todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, situadas cem leguas a Oeste de qualquer das ilhas do Açores e do Cabo-Verde.

Protestou contra o acto pontificio D. João II, julgando-o lesivo de seus direitos. Depois do protesto entabularam negociações os monarchas e, proximos parentes, visinhos e afinal concluíram um accordo em Tordesilhas. O convenio assinado em 7 de Junho de 1494, manteve o principio promulgado pelo Papa: a divisão do mundo em dois hemispherios, pertencente um a Portugal, outro á Espanha: modificou, porém, o numero de leguas, elevando-as de cem a trezentas e setenta, e o ponto de partida para a contagem, que seria uma ilha, não especificada, então nem depois, do archipelago do Cabo-Verde. O accordo foi meramente formal e theorico; ninguém sabia o que dava ou recebia, si ganhava ou afinal perdia com elle.

O descobrimento do Brasil, cumprido alguns annos depois por Pedralvares Cabral, foi precedido da expedição de Vicente Yañez Pinzon; mas os espanhoes não allegaram prioridade nem duvidaram coubesse a terra dos Papagaios dentro na raia portugueza. Seus interesses estavam ao Norte, não ao Sul da equinocial, que só começou a valer com a armada de D. Nuno Manuel e o descobrimento de Vasco Nunez de Balboa.

As primeiras duvidas sobre a linha divisoria surgiram no mediterraneo austral-asiatico. Segundo o parecer de Fernão de Magalhães comprehendiam-se nos dominios da Espanha as Molucas, tão cobiçadas por suas especiarias. Para provalo empreendeu a viagem em que descobriu o estreito ainda hoje conhecido por seu nome, atravessou o oceano Pacifico, chegou pelo Poente ao Levante, como nebulosamente concebera e nunca realizou Colombo. Depois de sua morte Sebastian d'Elcano concluiu o periplo incomparavel. Na volta á patria, em Setembro de 1522, manifestou a mesma crença nos direitos de sua nação e a urgencia de reivindicálos.

A côrte espanhola deixou-se convencer. Entre ella e a de Portugal estabeleceu-se uma discussão enfadonha, allegando-se ora a prioridade do descobrimento, ora a legitimidade do dominio no archipelago prestigioso. Do debate resultou a capitulação de Saragoça, em Abril de 1529. Admittindo que as Molucas pertenciam legitimamente á corôa espanhola, D. João III comprou os direitos de Carlos I, rei da Espanha, imperador d'Allemanha, por tre-

zentos e cincoenta mil ducados. Si mais tarde verificassem a não existencia de taes direitos, o imperador-rei restituiria a somma recebida. A linha divisoria passaria naquelle hemispherio duzentas e noventa e sete e meia leguas ao Oriente das Molucas; a legua seria das de dezeseite e meia o grau no equador.

Um machado de metal levado á península pela armada de D. Nuno Manuel em 1514, do rio por este motivo ainda hoje chamado da prata, as expedições de Solís, Christovão Jacques, Cabot e Garcia, deram realce ás terras platinas, e levantaram a questão de limites no continente americano. Surgiram e arastaram-se os debates a proposito da expedição de Martim Affonso de Sousa (1530-1533), sempre sob a dupla face de prioridade do descobrimento proclamada por Portugal e de legitimidade de dominio, allegada por Castella. Em Setembro de 32, exprimiu D. João III a idéa de distribuir em capitánias hereditarias o territorio situado entre Pernambuco e rio da Prata; nas doações feitas mais tarde, avançou apenas até 28° 1/2, á vista das reclamações espanholas? ou, segundo parece, de observações astronomicas de Martim Affonso? Assim reconheceu *ipso facto* que seus dominios não iam alem das terras de S. Anna na Laguna. Os espanhoes estendiam, porem, suas pretensões mais para o Norte. Em 534, Ruy Mosquera estabelecido no Iguape, repelliu com vantagem um ataque de Pero de Goes e saqueou S. Vicente. Diversos documentos officiaes contemporaneos traçam a linha divisoria desde Cananéa e até desde S. Vicente.

Em compensação Magalhães antes de partir deixou escrito: ten el cabo de Santa Maria que es en la mesma terra del Brasil de Portugal estan en trezentos e cinco graus de latitude.

Com a união das duas corôas peninsulares em 1580 decresceu a importancia da fronteira renovada e a attenção concentrou-se na Amazonia. Ante as incipientes incursões de flamengos e inglezes, conhecidas apenas no Pará se estabeleceu Castello Branco em 1616, pareceu acertado confiar as novas conquistas á guarda dos portuguezes, mais proximos e melhor preparados para defendelas.

A criação de um governo separado no Maranhão em 1622 representou o primeiro passo neste sentido.

Ainda mais decisiva foi a criação de duas capitánias hereditarias, sujeitas ambas á corôa portugueza, em terreno indiscutivelmente espanhol pelo espirito e pela letra de Tordesilhas: a de Cameté, concedida a Feliciano Coelho de Carvalho, limitada a Oeste pelo Xingú na margem direita, a do cabo do Norte na margem esquerda do Amazonas, concedida a Bento Maciel Parente, limitada a Oeste pelo Parú.

Em 1639, Pedro Teixeira voltando de Quito, tomou posse em nome del rei de Portugal das terras situadas entre o rio Aguarico, affluente do Napo, e o mar. Faltava-lhe autoridade para tanto; mas seu acto foi mais tarde e muitas vezes invocado e acceto como titulo de posse.

No Sul, o movimento colonizador se operou com muita lentidão por parte de Portugal, acompanhando o littoral dos actuaes estados do Paraná e em Santa Catharina, e continuou do mesmo modo ainda depois de 1640, sacudido o jugo espanhol. Por sua parte os espanhoes não curaram de ocupar a margem esquerda do Prata. Seus interesses não urgiam no Atlantico, mas além dos Andes, no Pacifico.

Si persistissem as reduções de Guairá fundadas pelos jesuitas avançariam naturalmente para o Oriente e chegariam á marinha. Os jesuitas perseverantes crearam as missões do Uruguay depois que as bandeiras destruidoras talaram as do Paraná e as relações dellas gravitavam para Buenos Aires e Asuncion, como estas capitaes só se entendiam com a região transandina.

Autores e cartographos portuguezes discutiam entretanto o meridiano de Tordesilhas, traçando-o uns pela foz do Prata, outros pelo golpho de São Mathias, na Patagonia. Taes ideas tornaram-se correntes. Depois de ratificada a paz que reconheceu sua independencia da Espanha, o monarcha de Portugal outorgou uma capitania a um dos netos de Salvador Correa, balisando-a pelo estuario platino. Em 1680 mandou fundar na margem septentrional do Prata, a dez leguas de Buenos Aires, a Colonia do Sacramento.

Apenas certificou-se de sua existencia, José Garro, governador espanhol da margem fronteira, atacou-a e tomou-a. A noticia transmittida a Europa quasi desencadeou nova guerra. Procurou-se ainda uma vez, e agora com mais veras, apurar o verdadeiro alcance da linha de Tordesilhas. Não se conseguiu. A Espanha condescendeu em reconstruir a fortaleza, tomada e restituir provisionalmente o territorio, para afastar qualquer motivo de irritação do debate, que deveria correr no terreno diplomatico.

Ao rebentar a guerra da successão da Espanha, el rei de Portugal esposou a causa do duque de Anjou, que por isso lhe cedeu o territorio disputado no Prata. Mais tarde mudou de partido e alliou-se á Inglaterra, sem a qual não poderia continuar potencia colonial, a favor do pretendente austriaco. Dahi resultou novo ataque e nova tomada da colonia do Sacramento, que permaneceu em mãos do inimigo de 1706 a 1715.

Levara até então vida bem singular o estabelecimento portuguez. "A nova colonia do Sacramento por mercê de Deus se conserva, escrevia alguém pouco depois de 1690, por metterem nella um presidio fechado sem mulherio que é o que conserva os homens, por-

que se não tem visto em parte alguma do mundo fazerem-se novas povoações sem caes"

Este ninho, antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gaúchos ou gaudérios, originarios da margem esquerda do Prata, segundo parece, famosos durante largas decadas e ainda não assimilados de todo á civilização. A quantidade de meios de sola attestada por Antonil Arden exportados do Rio no começo de seculo XVIII não se explica pela simples producção indígena nem por contrabandos dos portenhos: implica o processo summario dos gaúchos na matança das rezes, resultante da superabundancia e depreciação do gado vaccum, do esbanjamento da cavallada e do espaço indefinido e livre para as correrias.

O tratado de Utrecht mandou restituir a colonia a Portugal e restituila com o seu territorio.

Qual era seu territorio? Toda a margem esquerda do Prata, pretenderam os portuguezes: o espaço alcançado por um canhão da fortaleza, entendiam os espanhoes. Triumpharam estes. Aquelles tentaram estabelecer-se em Montevideo, mas seus esforços foram perdidos. Também os espanhoes em 1735 tentaram apossar-se da colonia sujeitando-a a um assedio asperrimo de vinte e dois mezes. Antonio Pedro de Vasconcellos, commandante da praça, resistiu heroicamente e obrigou o inimigo a retirar-se.

A fundação da colonia do Sacramento devia servir de ponto de partida para um povoamento que, partindo do Prata, iria ter á beira mar, plano analogo ao das missões destruidas do Guairá. Este plano falhara: restava o plano contrario: estabelecer-se na marinha, estender-se para o interior até chegar ás aguas platinas, em outros termos, povoar o rio de S. Pedro, mais tarde chamado rio Grande do Sul. Varias tentativas anteriores de effeito insignificantes ou nullos são conhecidas.

Em Fevereiro de 1737 entrou José da Silva Paes pelo canal que sangra a lagoa dos Patos e a Mirim. No local que lhe pareceu mais apropriado desembarcou, fortificou-se. A sombra da fortaleza adensou-se pouco a pouco a população. Dos Açores vieram varias familias agregaram-se a este nucleo primitivo; as capitánias do Norte por força ou por vontade forneceram não poucos colonos.

A rapida expansão do Brasil pelo Amazonas até o Javary, facilitada pela direcção uniforme da bacia, sempre emparelhada á linha equinocial no rumo aproximado de E-O, pela ausencia de empecilhos á navegação num rio de profundidade maxima e declive minimo, favorecida pelos ventos que demandam as terras andinas, o avanço vertiginoso decorrente das descobertas de Cuyabá e Mato Grosso até o Guaporé, o incremento vigoroso do Sul, intimaram a necessidade de atacar de frente a questão de limites entre possessões portuguezas e espanholas, no velho e no novo mundo, sempre adiada, sempre renascente, de interpretar authenticamente o convenio de 1494. Com

este fim, os dois monarchas da peninsula assinaram um tratado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750.

Ambas as partes contratantes reconheceram neste documento ter violado a linha de Tordesilhas, uma na Asia, outra na America. Começaram, portanto, abolindo "a demarcação acordada em Tordesilhas, assim porque se não declarou de qual das ilhas do Cabo-Verde se havia de começar a conta das trezentas e setenta léguas, como pela difficuldade de assignalar nas costas da America Meridional os dois pontos ao Sul e ao Norte donde havia de principiar a linha, como também pela impossibilidade moral de estabelecer com certeza pelo meio da mesma America uma linha meridiana". Na mesma occasião aboliram quaesquer outras convenções anteriores referentes a limites, que exclusivamente seriam regidos pelo tratado agora assinado.

A linha meridiana, até então vigente pelo menos nos instrumentos publicos, seria substituida por limites naturaes, tomando por balizas as paragens mais conhecidas para que em tempo nem um se confundissem, nem dessem occasiões a disputas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notaveis. Salvo mutuas concessões inspiradas por conveniencias communs para os confins ficarem menos sujeitos a controversia, caberia a cada parte o que actualmente possuísse.

Maior importancia que ás terras prestou-se ao aproveitamento dos rios. Estabelecer-se que a navegação seria commum quando cada um dos reinos tivesse estabelecimentos ribeirinhos; si pertencessem á mesma nação ambas as margens, só ella poderia navegar pelo canal. Para ficar com a navegação exclusiva do Prata, a Espanha trocou a colonia do Sacramento pelas missões do Uruguay. Encarregadas de assentar os limites iriam duas tropas de commissarios, uma pelo Amazonas, outra pelo Prata.

Da comissão do Amazonas foi plenipotenciario e principal commissario portuguez irmão do marquez de Pombal, que já exercia Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o cargo de capitão general do Maranhão, quando foi nomeado para trabalho das demarcações.

A 2 de Outubro de 1754 sahiu para o rio Negro, levando em sua companhia setecentas e noventa e seis pessoas, distribuidas em vinte e cinco barcos. Escolheu para residencia a aldeia de Mariuá, chamada mais tarde Barcellos, e nella mandou construir aposentos para accommodar a partida espanhola. A frente desta, de estado maior ainda mais pomposo, partiu de Cadix D. José de Iturriaga, a 13 de Janeiro do mesmo anno, e chegou ao Orinoco aos fins de Julho. Em 1756 fundou São Fernando de Atabapo, para escala da grande peregrinação e caixa de viveres. D'ahi por diante, arcando com o aspero sertão despovoado, taes embarços encontraram, apesar das ordens mais expressas e das facilidades extraordinarias proporcionadas pelo governo absoluto, que gastou annos no caminho.

A partida de Mendonça tinha de se occupar de tres questões principaes: a do rio Negro, a do Japurá e a do Madeira e Javary; a cada qual caberia uma tropa.

O plenipotenciario portuguez tomou as providencias necessarias para organizal-as, e como Iturriaga continuasse ausente voltou em 1756 para Belem com os engenheiros da demarcação. Ali absorveram-no outras preoccupações mais intantes.

Em Janeiro 1758, recebendo aviso da proxima chegada dos commissarios espanhoes, dirigio-se novamente para Barcellos. Com effeito no anno seguinte ali se apresentaram D. José de Iturriaga e seu grandioso sequito de commissarios, mathematicos, engenheiros, desenhistas. Quasi ao mesmo tempo chegou a noticia da substituição de Mendonça na capitania do Pará e no trabalho dos limites, que dahi em diante dirigiria da parte de Portugal por Antonio Rolim de Moura, governador de Matto-Grosso, mais tarde vice-rei do Brasil e conde de Azambuja. No mesmo dia e hora da partida de Mendonça Furtado para a capital os commissarios espanhoes volveram ao Orinoco. Tal é pelo menos a versão referida por Baena. Os escritores venesolanos e colombianos contestam o encontro dos dois commissarios e, parece, com melhores fundamentos.

Depois de tantos annos e de tantas cabeceiras nem um passo se dera na Amazonia para realizar o ideal afagado pelo tratado de Madrid. Para os interesses territoriaes de Portugal a solução não foi desvantajosa; estribado no *uti possidetis*, dando-lhe uma extensão difficilmente conciliavel com o tratado de Madrid, pode agora satisfazer a sua avidez de terras.

No tempo de Mendonça installou-se a capitania de S. José de Javary. Mandara-lhe a corôa assentar a séde da nova fundação proximo dos limites occidentaes; elle achou mais conveniente situála no rio Negro, donde os espanhoes estavam muito afastados, como o provára a lenta marcha de Iturriaga. Ahi, portanto, a expansão portugueza se faria sem tropeços. Além disso a proximidade relativa de Belem e de Portugal garantiam uma superioridade csmagadora. Em seu tempo foram fundados o forte de Marabitanas no rio Negro, e de S. Joaquim na confluencia do Uraricoera e Tacutú, cabeceiras do Branco.

Pelas instrucções dos governos das metropoles, a força de commissarios destinados á demarcação do Sul devia subdividir-se em tres troços: um reconhecera o terreno desde Castilhos Grandes até a barra do Ibicuby, no Uruguay; outro o Uruguay desde o Ibicuby até o Pepiryguacú e, passada sua contravertente, descera o Iguacú até marcar a barra do Iguerey, aquelle affluente oriental, este occidental do Paraná; a terceira deveria demarcar o Iguerey em todo o curso, por seu concabeçante descer para o Paraguay e subir por este até á barra do Jaurú.

As duas ultimas tropas deram conta de sua comissão pacificamente; a primeira andou com menos fortuna. Em troca da co-

lonia do Sacramento para garantir a navegação exclusiva do Prata, a Espanha ceder a Portugal a navegação do Uruguay com os sete povos das missões jesuíticas: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João e Santo Angelo fundados entre 1687 e 1707, alguns com os restos de reduções quarenhas escapos à braveza leonina dos mamalucos.

Ceder terras com seus habitantes sempre se fez e está fazendo; evacuar territorio, deixando os bens de raiz, levando os moradores apenas os moveis e semoventes reporta à cruzada dos Assyrios. Entretanto as duas côrtes julgaram consummar facilmente este ultraje à humanidade si os jesuitas as ajudassem, pesando sobre o espirito dos Indios. Os jesuitas acreditaram-se poderosos para tanto e bem caro pagaram este acesso de fraqueza ou de vaidade: quando os Indios se levantaram, desmentindo ou antes engrandecendo seus padres, mostrando que a catechese não fôra méra domesticação e a vida interior vibrava-lhes na consciencia, aos jesuitas foi attribuida a responsabilidade exclusiva em um movimento natural, honesto, humano, por isso mesmo irresistivel.

Os chefes da missão demarcadora do Sul, Gomes Freire de Andrade por parte de Portugal, o marquez de Valdelirios pela de Espanha, encontraram-se na fronteira marítima do Rio-Grande do Sul em começo de Setembro de 1752, e no mez seguinte iniciaram os trabalhos. Em Janeiro, assentado o terceiro marco, Gomes Freire ausentou-se para a colonia do Sacramento e o marquez para Montevideo. A primeira partida luso-espanhola continuou na tarefa, que deveria levar até à barra do Ibicuy; mas ao chegar a Santa Tecla, dependencia do povo de São Miguel, situado um pouco ao Norte da actual cidade de Bagé, defrontou indios armados que se oppuzeram a seu avanço. Fôra prevista a hypothese e havia ordem dos dois governos para domar a resistencia pelas armas, pois os jesuitas já se haviam convencido de sua impotencia.

Reunidos Gomes Freire e Valdelirios na ilha de Martim Garcia resolveram mandar emissarios ás missões a ver si ainda era possível conciliavel a indiada. Si elles continuassem teimosos, marchariam Adonaegui, governador de Buenos-Aires, pelo Uruguay até São Borja, Gomes Freire pelo rio Pardo até Santo Angelo. Depois de tomadas estas duas reduções proseguiriam até se encontrar. Em Março de 54 Adonaegui pôz-se em movimento mas o mau estado da cavallhada e outras causas não menos fortes obrigaram-no a recuar até Dayman, junto á presente cidade ao Salto. Ahi os Indios atacaram os espanhoes e perderam trezentos homens dos quaes duzentos e trinta mortos, canhões, armas brancas e cavallhada. Menos feliz sahio Gomes Freire, obrigado a assinar um armistício com os levantados a 18 de Novembro.

Vin-se que melhor andariam unidos os dois exercitos. Partiu Gomes Freire do rio Pardo, em Sarandy, no rio Negro, juntou-se ás forças de Adonaegui. A 21 de Janeiro de 56 marcharam para as missões. Quasi só encontraram os obstaculos creados pela natureza. Os indios, embora numerosos, mal armados, mal ou antes não dirigidos, pouca resistencia podiam offerecer: de todos os recontros sahiram derrotados. A 17 de Maio entregou-se São Miguel sem resistencia e os outros povos foram seguindo-lhe o exemplo. Podia-se agora operar a permuta, Gomes Freire empossar-se das sete missões e entregar a colonia do Sacramento. Não se fez isto; dir-se-ia que, como os primitivos, estes mamalucos possuíam um movel unico a destruição. Em Janeiro de 59 Gomes Freire embarcou para o Rio, donde não mais voltou.

Entretanto fallecia Fernando VI, subia ao throno Carlos III, inimigo do tratado de 1750 desde o tempo de seu reinado em Napoles. Um dos primeiros cuidados do novo rei foi annullado pelo pacto firmado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761. Ficaram outra vez de pé todos os actos reguladores de limites,

a principiari pelo de Tordesilhas, tantas vezes desrespeitado por ambas as partes, como de plano haviam reconhecido poucos annos antes. O tratado de Madrid, exactamente porque resolvia uma questão secular, fôra atacado com violencia em ambas as cortes e a cordialidade dos dois monarchas que o subscreveram não teve echo nos respectivos povos. Agora com razão condemnavam-no os representantes dos dois governos á vista de seus resultados, facéis de evitar, a não ser a clausula barbara relativa aos sete povos do Uruguay: "estipulado substancial e positivamente para estabelecer uma perfeita harmonia entre as duas coroas e uma inalteravel união entre os vassallos dellas, se viu pelo contrario que desde o anno de 1752 tem dado e daría no futuro muitos e muito frequentes motivos de controversias e contestações oppostas a tão louvaveis fins"

A repugnancia de Portugal a adherir ao pacto de familia, dirigido pelos Bourbons contra a Inglaterra, desencadeou as hostilidades na peninsula e nos dominios da America do Sul. Pedro Cevallos, successor de Adonaegui no governo de Buenos-Aires, poz cerco á colonia do Sacramento em Outubro de 62 e tomou-a sem grande esforço. Dirigiu-se depois ás plagas rio-grandenses, num passeio militar apossou-se do forte de Santa Tereza proximo ao Chuy, da villa capital, da margem septentrional da lagôa dos Patos. Um convenio concluido no povoado de São Pedro em 6 de Agosto de 1763 declarou

Os Lusíadas... O poema de um povo, uma epopéa nacional completa, abrangendo na sua idealização a existencia inteira da nação cantada, desde as origens lendarias até o seu futuro adivinhado pelo vate. É Camões o primeiro épico que não canta apenas um heroe incólito e um feito illustre, senão um povo inteiro no seu desenvolvimento historico.

JOSÉ VERISSIMO.

Os Lusíadas, ed. Garnier. Rio.

o porto privativo do dominio da Espanha, fechado, portanto, ao commercio de qualquer outra nação.

O tratado de Paris, ultimado a 10 de Fevereiro 763, mandou voltarem as cousas ao estado anterior á guerra. Cevallos restituiu a colonia do Sacramento, guardou o Rio-Grande, deixando os portuguezes reduzidos á fortaleza do rio Pardo, e ás cercanias de Vião. Mesmo estas nesgas procurou retirar-lhes Vertiz y Salcedo, novo governador de Buenos-Aires, atacando o rio Pardo em 773, não com tanta felicidade como esperava.

Portugal pareceu aceitar a situação creada por Cevallos, mas foi se preparando marcosamente para modificala em seu proveito. Readquiriu, sem combate, S. José do Norte á entrada da barra; a pouco e pouco mandou forças por terra; uma esquadra entrou pelo canal apesar das fortalezas inimigas; em Março de 76, combinadas as forças de terra e mar atacaram e tomaram as fortificações dos castelhanos. Em Abril a villa de São Pedro foi evacuada. O dominio espanhol durara treze annos: datam delle a fortuna do porto dos Casaes, hoje Porto-Alegre.

Muitos dos colonos portuguezes transplantados para além do Chuy não tornaram mais para os antigos pagos. Muito sangue castelhano misturou-se ao dos que ficaram.

Apenas chegou ao velho mundo a noticia da reconquista do rio de S. Pedro, preparou-se em Espanha uma forte armada para tirar a desforra. Commandava-a Cevallos, nomeado para assumir o vice-reinado do Prata já então creado. Deveria tomar Santa Catharina,

Rio-Grande e Sacramento. Santa Catharina entregou-se logo sem resistencia; na colonia propuzeram a entrega apenas se apresentou o inimigo. O Rio-Grande ficou livre de ser accommittido pela banda marítima graças aos ventos contrarios; quando ia ser atacado por via terrestre, chegou da Europa ordem de suspender as hostilidades. Cevallos, como si votasse odio pessoal á colonia do Sacramento, secular pomo de discordia entre os dois povos, não quiz deixar pedra sobre pedra. A 8 de Junho de 77 começou a derrocada pela fortaleza; foram depois destruidas as casas, obstruido o porto; as familias que não quizeram recolher-se ao Brasil, transportadas para Buenos Aires, distribuiram-se pelo caminho do Perú.

Expirava a este tempo José I, extinguiu-se o poderio do truculento Pombal, pela primeira vez uma rainha ascendi ao throno portuguez. Todos esses motivos juntos á estreita consanguinidade das duas dynastias, podem ter influido certa brandura no tratado de limites firmado em Santo Ildefonso a 1 de Outubro de 1777, em quasi tudo semelhante ao de Madrid, e mais humano e generoso que este, pois não impunham exodos cruentos.

O *uti possidetis*, reconhecido em 1750, annullado em 761, veio outra vez a prevalecer. Si não se explicasse pela superioridade relativa das posições portuguezas nas zonas litigiosas, seria uma das ironias da historia averiguar que do mero apego á posse das Philippinas, ultima das colonias que perdeu, procederam todas as concessões consentidas por parte da Espanha.

As modificações mais notaveis apanharam a fronteira meridional. Espanha não consentiu mais que Portugal tivesse direito a navegar no Uruguay e por isso impoz uma fronteira tal que as possessões portuguezas só abeirassem o rio na foz do Pepiry-guaçú. Desenvolvendo um principio já formulado no tratado de Madrid, cujo artigo 22 não permittia fortificações nem povoações nos cumes das raias, a partir das lagôas Mirim e da Mangueira o tratado de Santo Ildefonso estabeleceu no artigo 5 "um espaço sufficiente entre os limites de ambas as nações, ainda que não seja de igual largura á das referidas lagôas, no qual não possam edificar-se povoações por nem uma das duas partes, nem construir-se fortalezas, guardas ou postos de tropas, de modo que os taes espaços sejam neutros, pondo-se marcos e sinaes seguros que façam constar aos vassallos de cada nação o sitio de que não deverão passar, a cujo fim se buscarão os lagos e rios que possam servir de limite fixo e inalteravel, e em sua feita o cume dos montes mais sinalados, ficando estes e as suas faldas por termo natural e divisorio, em que se não possa entrar, povoar, edificar nem fortificar por alguma das duas nações"

Para o trabalho de demarcar as fronteiras foram creadas quatro divisões: operaria a primeira do Chuy ao Iguacú; a segunda do Iguacú ao Jaurú; a terceira do Jaurú ao Japurá; a quarta dahi ao rio Negro. Pela parte de Portugal ficaram dependentes do vice-rei no Rio, dos governadores de S. Paulo, Matto-Grosso e Pará. O trabalho effectivo limitou-se á fronteira do Chuy ao Iguacú, e á do Javary ao Japurá, isto durante annos de argucias, dilações, inactividade, inercia de que cada nação lançava á outra a culpa exclusiva. As divisões confiada aos governadores de São Paulo e Matto Grosso nunca se encontraram com as divisões espanholas. Poder-se-ia dizer que, graças aos demarcadores, progrediu a geographia das respectivas regiões, pois os cientistas exploraram rios, descreveram plantas e animaes, enviaram curiosos especimens dos tres reinos para os estabelecimentos de além-mar... poder-se-ia dizelo si taes trabalhos, ciosamente aferrolhados, fossem dados então á publicidade.

Dois episodios mostrarão como as cousas passavam.

O tratado de Madrid nos artigos 5.º e 6.º, repetidos pelo de Santo Ildefonso nos artigos 8.º e 9.º, dispunha que a fronteira des-

de a barra do Iguaçu proseguiria pelo alveo do Paraná acima, até onde pela parte occidental se lhe ajuntasse o Igurey, acompanharia este até descer o concabeçante mais proximo, afluyente do Paraguay, chamado talvez Corrientes.

Proximo do Iguaçu não desemboca pela margem occidental do Paraná rio chamado Igurey, proprio a servir de fronteiras, allegou Sá e Faria, portuguez passado agora para o serviço de Castella; rio Corrientes tão pouco se conhecia no Paraguay. Convencionou-se pois que a fronteira partiria do Iगतemy, primeiro affluente á direita do Paraná, acima das Sete-Quedas. Mais tarde, o vice-rei do Brasil escreveu ao do Prata que a convenção fóra condicional, para a hypothese de não existir o Igurey; ora Igurey existia abaixo das Sete-Quedas. Candido Xavier o descobriu e o seu correspondente no Paraguay era o Jejuy. Pelo Igurey e pelo Jejuy devia passar portanto a linha divisoria.

Tem razão o vice-rei do Brasil, respondia Felix de Azara, commissario espanhol; a convenção foi condicional, e desaparece apurada a existencia do Igurey; mas o Igurey existe: é o Iguarey, Monici ou Ivinheima, e corresponde-lhe pelo Paraguay outro rio caudaloso, que desemboca ao 22°. Isto, accrescentava, nos dará as unicas terras não inundadas, daquellas regiões: teremos ervas, barreiros, salinas, pastos, aguadas, madeiras; as frotas de Cuyabá e Matto-Grosso cahirão em nossas mãos na bocca do Taquary, ou mais acima; podemos na paz chupar suas riquezas por um commercio que ha de ser-nos vantajoso sem prejuizo; os famosos estabelecimentos de Matto-Grosso, Cuyabá e serra do Paraguay serão precarios a seus illegitimos donos e alfim cahirão em nossas mãos com o tempo: "no es posible que no tengamos las minas de Cuyabá y Matogrosso, quando las podemos atacar con fuerzas competentes, llevadas por el mejor rio del mundo, sin que los portugueses puedan susterlas ni llegar a ellas sino por el embudo obstruido del rio Tacuari, en canoas y con los trabajos que nadie ignora"

Seriam melhores os portuguezes? O caso Chermont-Requena narrado brevemente responderá de modo satisfatorio.

Tinham os commissarios de demarcar a fronteira do Javary á bocca mais occidental do Japurá e seguir por esta acima até um rio que resguardasse os estabelecimentos portuguezes do rio Negro. A bocca mais occidental do Japurá originou graves discussões, por um chamar bocca o que outro considerava furo, isto é um canal que levava as aguas do Solimões ao Japurá em vez de trazelas. O rio que devia resguardar as possessões portuguezas do rio Negro seria o Apaporis, o Comiary ou dos Enganos, ou qualquer outro? Nunca se decidiu, á vista dos multiplos varadouros, imaginarios ou verdadeiros, allegados por parte de Portugal. Em todo caso, Tabatinga demorava a Oeste da mais occidental das boccas do Japurá, demorava mesmo a Oeste do Içá, não comprehendido nas pretensões portuguezas mais exageradas; quando, porém, Requena reclamou a posse de Tabatinga, Chermont negou-se a assumir responsabilidade tão grave e declinou da sua para a competência de João Pereira Caldas, chefe daquella divisão. Este declarou-se prestes a fazer a entrega de Tabatinga si os espanhões lhe entregassem São Carlos, forte do alto rio Negro, fundado na expedição de D. José de Iturriaga, malogrado commissario da primeira demarcação.

Nestes dades e tomares consumiu Requena um decennio. Afinal conseguiu de seu rei licença de voltar para a Europa, e o de Portugal permittiu-lhe que descesse até o Pará. "De ordem do governador do Rio-Negro o acompanhou o tenente-coronel engenheiro José Simões de Carvalho com a recommendação secreta de dirigir a viagem de maneira que elle não visse povoação alguma, nem podesse tomar nota topographica de qualquer ponto do Amazonas. Destinou o governador do Pará para sua morada a fazenda

de Val de Cães. Ali o teve como em custodia até proseguir a viagem, permittindo-lhe vir á cidade de Belém só de noite, e acompanhado de um official de tropa regular quando intentava fazer-lhe visitação, na qual tambem era recebido pelos cidadãos mais qualificados, que segundo a disposição do governador o esperavam em grande cerimonia"

Em summa, valiam-se bem os commissarios das duas altas partes contratantes. Teria razão, ou talvez não tenha quem duvidava de sua boa fé; entretanto uma ou outra opinião seria unilateral. Os termos dos tratados prestavam-se ás vezes a mais de uma interpretação; os mappas trazidos do reino, muitos feitos a olho e sobre informes fidedignos applicaram-se mal aos terrenos; nem destes nem daquelles resultava uma hermeneutica insophismavel. Cada funcionario procurava ostentar zelo, isto é adiantar sua carreira. E em nome destes seres heteronomos ainda hoje nossos vizinhos propagam e instillam o odio ao Brasil desde os bancos escolares! Felizmente no Brasil já não somos prisioneiros destas paixões inferiores de colonos fossilizados.

Portugal sahio mais favorecido da sorte por ter creado a capitania independente de Mato-Grosso logo depois do tratado de 1750 e a capitania subordinada do Rio-Negro em seguida. De Villa-Bella via-se bem claro que o problema decompunha-se em duas partes: absorver a navegação do Madeira, paralyzando as hostilidades das visinhas aldeias dos Moxos e dos Chiquitos, — e isto fez principalmente o conde de Azambuja; passar

Camões é o grande poeta do mundo moderno, e a sua epopéa. *Os Lusíadas*, a consagração pela arte, de uma nova era da civilização. Esta é a significação do Poeta e do seu Poema na historia espirital do Occidente

JOSÉ VERISSIMO.

Os Lusíadas, ed. Garnier — Rio.

alem do Xaraes, até onde o Paraguay não transborda do leito, limitando assim as possibilidades dos ataques e surpresas, garantindo ao mesmo tempo a navegação de S. Paulo, — isto fizeram Luis de Albuquerque com a fundação de Corumbá e Coimbra, Caetano Pinto com a de Miranda.

Na capitania subalterna de São José, Mendonça Furtado sentiu a importancia singular do rio Negro e do rio Branco; escolhendo Barcellos para capital, assinalou nitidamente o rumo a seguir pelos successores. Tanto em Mato-Grosso como no Rio-Negro houve pequenos conflictos sem importancia, de que os espanhoes não tiraram o melhor partido, e os portuguezes puderam continuar na sua maneira original de entender e applicar o *uti possidetis*.

Os debates inanes das demarcações ainda continuavam em 1801 ao rebotar a guerra entre Portugal e Espanha. Ipso facto caducaram os tratados. José Borges do Canto, desertor do regimento dos dragões, e Manoel dos Santos Pedroso, sem ordem de ninguém, congregaram troços de aventureiros, e atiraram-se contra os sete povos do Uruguay. Foram, viram, venceram. Voltou novamente a ser lideiro o rio Ibicuy. Nas outras fronteiras nada occorreu de notavel. Um ataque contra o forte de Coimbra começou por ameaças formidaveis e deu em retirada clandestina.

Depois disto não houve mais questões sobre limites americanos entre as duas metropoles peninsulares. Com seus herdeiros o Brasil as tem liquidado pacificamente. Só no

Uruguay mais de uma vez rebentaram conflictos, hoje de todo serenados e esquecidos. Na sangrenta guerra do Paraguay não influíram ambições territoriaes.

O historico dos limites com a França conta-se em poucas palavras.

A capitania do cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, era limitada a beira mar pelo rio Vicente Pinzon, cuja denominação indigena é Oyapok. Apenas se fixaram em Cayenna, os francezes lançaram vistas cobiosas sobre o Amazonas, e reclamaram-no como limite.

Para affirmar seus direitos, em 1697 tomaram os fortes portuguezes de Araguay, Toheré e Macapá, logo retomados. Um tratado provisional concluido em 1701 neutralizou o territorio, mas o de Utrecht restituiu-o aos portuguezes. Pelo inequivoco artigo 8, Sua Magestade Christianissima desistiu "pelos termos mais fortes e mais autenticos e com todas as clausulas que se requerem, assim em seu nome como de seus descendentes, successores e herdeiros de todo e qualquer direito e pretensão que pode ou poderá ter sobre a propriedade das terras chamadas do cabo do Norte, e situadas sobre o rio das Amazonas e o de Japoc ou de Vicente Pinsão, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras, para que ellas sejam possuidas daqui em diante por Sua Magestade Portugueza" etc.

A disposição por sua clareza não permittia duvidas; os francezes acharam meio de perpetualas, descobrindo mais de um rio Vicente Pinzon e mais de um Oyapok, de modo a aproximarem-se o mais possivel do Amazonas, e nelle estabeleceram seu verdadeiro e constante objectivo. Isto lograram durante a revolução franceza e o imperio. O tratado de Paris, de 23 de Thermidor V, traçou o limite pelo Calçoene até ás cabeceiras e destas por uma recta até orio Branco. O de Badajoz de 6 de Junho de 1801 transportou-o para o Araguay, desde a foz mais apartada do cabo do Norte até á cabeceira e dahi até o rio Branco. O de Madrid de 29 de Setembro do mesmo anno fixou-o no Carapanatuba desde a foz até ás cabeceiras, donde acompanharia as inflexões da serraia divisora das aguas até o ponto mais proximo do rio Branco, cerca de 2° 1/3 N. O de Amiens de 27 de Março de 1802 trouxe-o novamente para o Araguay

Todos esses tratados caducaram com o de Fontainebleau, que desmembrou Portugal e produziu a trasladação da cõrte portugueza para o Brasil. Os portuguezes conquistaram então a Guyana Franceza, administraram-na alguns annos com certa habilidade, para restituila pelo tratado de Vienna. Os esforços dos francezes mangraram por igual. Depois de accidentes varios o Brasil, já no regime republicano, por sentença arbitral do governo suizo, ficou com a fronteira de Oyapock ou Vicente Pinzon.

Depois de na era de 1750 terem passado do rio Branco para o Repununi, os portuguezes se apropriaram das possessões hollandezas. Nunca travaram conflicto com ellas; nem convenção alguma interveio entre as duas metropoles.

Ultimamente pelo tratado firmado no Rio de Janeiro de 5 de Maio de 1906, a fronteira fixou-se pela divisa das aguas.

Com as guerras decorrentes do imperio napoeonico, a Inglaterra conseguiu afinal tomar pé no continente da America do Sul, incorporando parte das possessões neerlandezas. O conhecimento da situação de sua conquista despertou na alma britannica o desejo de possuir terras na bacia amazonica. Um laudo arbitral favoravel outorgou-lhe esta Byrsa, recatado fôco de contrabando por ora, mais tarde quem sabe mais?

Uma especulação de livreiros de importancia internacional

Especial para "America Brasileira"

Na cidade de Girard, Kansas, que é quasi o centro geographico dos Estados Unidos, ha poucos annos, começou um movimento editorial e cultural que promette revolucionar a industria do livro do paiz. O Sr. Emanuel Haldeman-Julius, outrora empenhado como um jornalista e conhecido como um escriptor de contos e de peças de uma natureza social e satyrica, por esse tempo inclinou-se a fazer experiencias com a produção quantitativa de primeira agua a preços ao alcance das bolsas mais pobres. Fazendo isso, satisfazia consigo proprio um triplo impulso. Primeiro, era um methodo de servir o povo; como um editor socialista, chegara á convicção de que as massas são ignorantes, não porque sejam indifferentes á arte; mas porque, as mais das vezes, não podem pagar o preço de um livro. Este facto proporcionou-lhe a oportunidade almejada de dar cultura á camada baixa. Segundo, como artista creador, mais do que qualquer outro, sentir-se-ia capaz de espalhar o amor pela melhor literatura. Terceiro, como homem de negocios — e o Sr. Haldeman-Julius é um dos melhores no paiz — encarou as possibilidades de um campo novo e illimitado.

Qual foi o resultado?

Em menos de cinco annos, a Companhia Haldeman-Julius vendeu mais de 60.000.000 de livretes! A lista dos titulos, que augmenta gradualmente, affingiu a 700. Não houve nenhum compromisso com o gosto barato. O livrete mais procurado — alguns 200.000 exemplares já foram vendidos — é nada mais nada menos a narração platonica da morte de Sócrates! Primeiro como experiencia, sómente dois livros foram publicados: o "Ruhavat" de Omar Khayyam e a "Ballada de Reading Goal" de Oscar Wilde. Foram vendidos a 25 cents. O exito do projecto foi tão immediato que quasi ao mesmo tempo o preço dos livretes foi reduzido a dez cents, por cujo preço milhões de exemplares foram vendidos. Hoje, com as machinas de impressão rodando continuamente, e com pedidos de livros que veem de todo o mundo, o preço desceu á casa incrível de cinco cents por livrete.

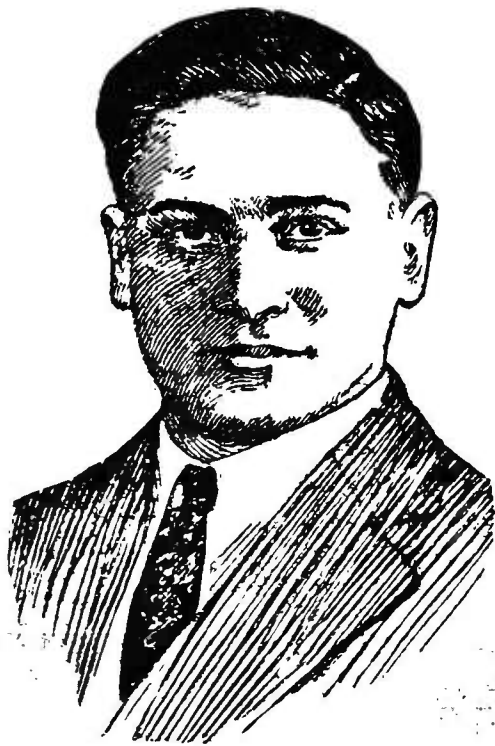
E isto não é tudo. Descobrimo no seu vasto continente de freguezes um amor á boa literatura, á sciencia e á arte. Haldeman-Julius decidiu não só reimprimir os classicos, mas ter tratados especialmente escriptos para a sua livraria. Especialistas de todos os ramos puzeram-se a escrever ensaios sobre as suas matérias, e foram solicitados a reduzir os seus tratados a 15.000 palavras, de modo que o livrete possa ser impresso em 64 paginas.

Abrangeram-se todos os topicos concebíveis, de fórma que a "Série dos Livros Azues" (assim chamada porque os livros eram encadernados em capas azues duras), foi christmada como "A Universidade em Impressão". Alguns dos livretes começaram a usar-se nas universidades, editores, que a principio se mostraram scepticos ao plano, olhavam com espanto o espectáculo de Haldeman-Julius vendendo milhares de livros por dia — livros sobre o drama grego, philosophia moderna, literatura espanhola, italiana, allemã, franceza, portugueza e mesmo brasileira.

Como resultado desta immensa circulação de literatura classica e séria, noções correntes do gosto popular tiveram de ser revistas. A fé de Haldeman-Julius no desejo do povo de aprender foi demonstrada pelo emprego de milhares de dollars no seu projecto: a sua recompensa vem num anno crescente que parece mal ter começado.

Este phenomeno editorial é de importancia não somente para os Estados Unidos; os livretes *Reklam*, na Allemanha, são ha muito conhecidos pela sua larga divulgação, e em outros paizes também, fizeram-se esforços para levar cultura mais de perto ás massas a preços baixos. O exemplo de Haldeman-Julius, logo que for mais conhecido por toda a parte, certo será seguido.

Haldeman-Julius é ainda um moço: tem mais ou menos trinta e seis annos e



E. Haldeman-Julius

vive com a mulher e dois filhos numa propriedade fóra de Girard. A propria Girard tem apenas uma população de 3.000 habitantes, entretanto ha quatro ou cinco annos tornou-se um dos mais importantes centros literarios da nação. Muitos dos melhores professores literarios do paiz fazem atravez da "Série dos Livros Azues", contribuições originaes de philosophia, de sciencia, de letras. São absolutamente de primeira mão. Nenhuma censura se faz sobre o que escrevem. São encorajados a fazer investigações originaes e abrangel-as nos seus tratados. Numa palavra, era como se Haldeman-Julius tivesse realizado o impossível: ao mesmo tempo augmentou já a quantidade, já a qualidade, e reduziu o preço da

cultura a um minimo quasi irreductivel. Ao mesmo tempo, provou que tal negocio se paga em dollares e cents.

Mantem-se em contacto constante com os seus contribuidores que são os "professores" da sua "Universidade em Impressão". Por meio do seu periodico semanal, e de dois magazines mensaes (um devotado ao conhecimento sciencífico e sexual, e outro em cada numero a uma devotado ao conhecimento sciencífico e sexual) e outro em cada numero a uma figura saliente literaria ou philosophica), attinge a um largo publico que está interessado pelos ultimos desenvolvimentos da investigação literaria ou sciencífica.

Um dos mais occupados editores do paiz, começa a exercer uma poderosa influencia sobre o homem e a mulher da rua.

Essa influencia é nitida e saudavel. Propugna a liberdade de palavra irreprimida, a liberdade de opinião, um scepticismo intelligente, a tolerancia, a amizade internacional. É posta em relevo por um senso fino de humor e uma humanidade profunda e sympathica.

Ha, nos seus trabalhos, um paradoxo estranho: é ao mesmo tempo, democratico e aristocratico. O seu alvo franco é alcançar tantos milhões de homens quanto puder. Mas fazendo-o, recusa-se absolutamente a imprimir literatura "popular". O seu Semanal tornou-se um fórnacional; recebe de todos os cantos do paiz cartas sobre todos os assumptos concebíveis. Publica-as; discute-as; leitores partilham a discussão e o debate occasionalmente semana após semana em cada numero. O preconceito religioso é fechado a sete chaves; a chicana politica e as pretensões são atacadas com um humour malicioso e uma ironia mortal para Haldeman-Julius e a sua coorte de leitores, nada é sagrado demais para ser discutido, nada é baixo demais para se receber em audiencia publica.

No meio da chamada renascença da literatura que ha nos Estados Unidos, Haldeman-Julius occupa a posição de um apprehendedor envidoso e perfeito. Sem duvida, lança as bases de um melhor gosto nacional. Com a sua mulher escreveu, em *Poeta*, uma das mais bellas das nossas novellas contemporaneas. Tornou-se um das grandes forças culturais com que se deve contar.

Sendo de especial interesse para a America do Sul, pos-o dizer que a lista dos titulos inventariada para proxima publicação por Haldeman-Julius inclue o "Espirito da Literatura Brasileira", assim como ensaios dedicados ás letras de todas as nações espano-americanas. Apparecerão igualmente historias por Fernández-Guardia, da Costa Rica; Monteiro Lobato, do Brasil; anthologia de poetas mexicanos; de poetas brasileiros. Desde que o programma sul-americano foi confiado ao vosso correspondente, podeis estar certo de que haverá uma representação generosa da cultura latino-americana.

ISAAC GOLDBERG

SMETANA

Os autores occidentaes de obras sobre a historia da musica tem o costume de isolar, em archipelago, a musica dos pequenos povos, dando-lhe o nome de "musicas nacionaes". Musica nacional em contraste com a musica occidental, considerada universal na sua finalidade artistica. Por muito tempo, a musica slava foi considerada, sobre o ponto de vista finalistico, uma musica nacional. Esta

mou a atençaõ para a Russia. Era a perspectiva aurifulgente das terras orientaes. A Escossia, a Escandinavia, o Levante e a Russia foram os sonhos queridos de todos os românticos, buscando as terras promettidas das seducções exóticas. Se por um lado, essa ignorancia occidental, que veiu até ao limiar do seculo XIX, foi prejudicial, por outro, permitiu que a musica slava, crescendo li-

mente porque não era um simples colorista polaco, mas um grande poeta universal.

Elevou do plano das dansas populares as suas mazurkas e as suas polonezas aos cumes da poesia musical pura, sabia e humana.

Outro musico de genio foi Frederico Smetana, o maior compositor tcheco-slovaco, cujo centenário de nascimento passa este anno.

A Tcheco-Slovaquia é uma terra de gosto musical apurado. A musica penetrou nas mais reconditas cellulas populares. Mozart nunca teve um auditorio tão entusiasta como o de Praga. Foi para Praga, que escreveu o "Dom João". Wagner conta uma pequena anedocta a respeito desse povo: uma vez, elle encontrou musicos tchecos ambulantes (os choumarjis), em pleno campo, sem auditorio e por consequencia, não para ganhar dinheiro, tocando, por prazer, um septuor de Beethoven.

Smetana em 1846, teve uma grande impressãõ, quando Berlioz visitou Praga, tocando a sua "Symphonia phantastica". Aos vinte e poucos annos, Beethoven, Schumann e Chopin, tinham forte influencia no seu espirito. No mesmo anno, Liszt appareceu em Praga. O joven Smetana ficou, por assim dizer, attrahido por dous espelhos concavos. Mas a sua admiração virou-se para Berlioz. Em 55, apparece uma das suas obras primas, o "Trio em sol menor para piano, rabeca e violencello". Em 1860, dirige o grande movimento musical tcheco, um dos mais bellos titulos da sua vida. Além dos seus "côros" pequenas obras primas despojadadas e severas, Smetana creou outras obras de grande vôo, mais universalistas: "Os Brandeburguezes na Bohemia", "A noiva vendida" e "Dalibor". "Os Bhandeburguezes na Bohemia" distinguem-se pela força e pela audacia particulares das idéas musicas e das scenas dramaticas. As scenas principalmente do povo revoltado contra os senhores, mas permanecendo alegre, uma fresca canção nos labios, fazem aqui um grande effeito, apresentando esta concepção typicamente tcheca um grande interesse artistico.

Immediatamente após esta obra, que é o seu primeiro ensaio de composição dramatica, Smetana produziu as duas suas obras mais celebres "A noiva vendida" e "Dalibors", que creou conscientemente, como obras representativas de um programma, como dois typos de uma opera nacional tcheca, comico e sério, de comedia e de tragedia musicas. "A Noiva Vendida" é a mais alegre das obras de Smetana, é uma concepção primaveril. E' uma obra que pertence ao grupo



SMETANA

concepção da musica slava provinha de causas muito antigas. A musica occidental proveiu, em sua origem, do casal liturgico-romano, ao passo que a slava mergulhou as suas raizes no solo humilde do folk-lore oriental. Até ao seculo XVIII, o mundo slavo não existia artisticamente para o Occidente. Foi o movimento generoso do romantismo que cha-

vamente, respirando o aroma das tradições populares, ercasse uma concepção original do universo, cuja finalidade fosse uma verdadeira integração do homem na Unidade.

O primeiro dos grandes musicos slavos foi Chopin. A sua obra é monumento immortal de lyrismo. Se esse genio slavo soube elevar-se tão alto, é precisa-

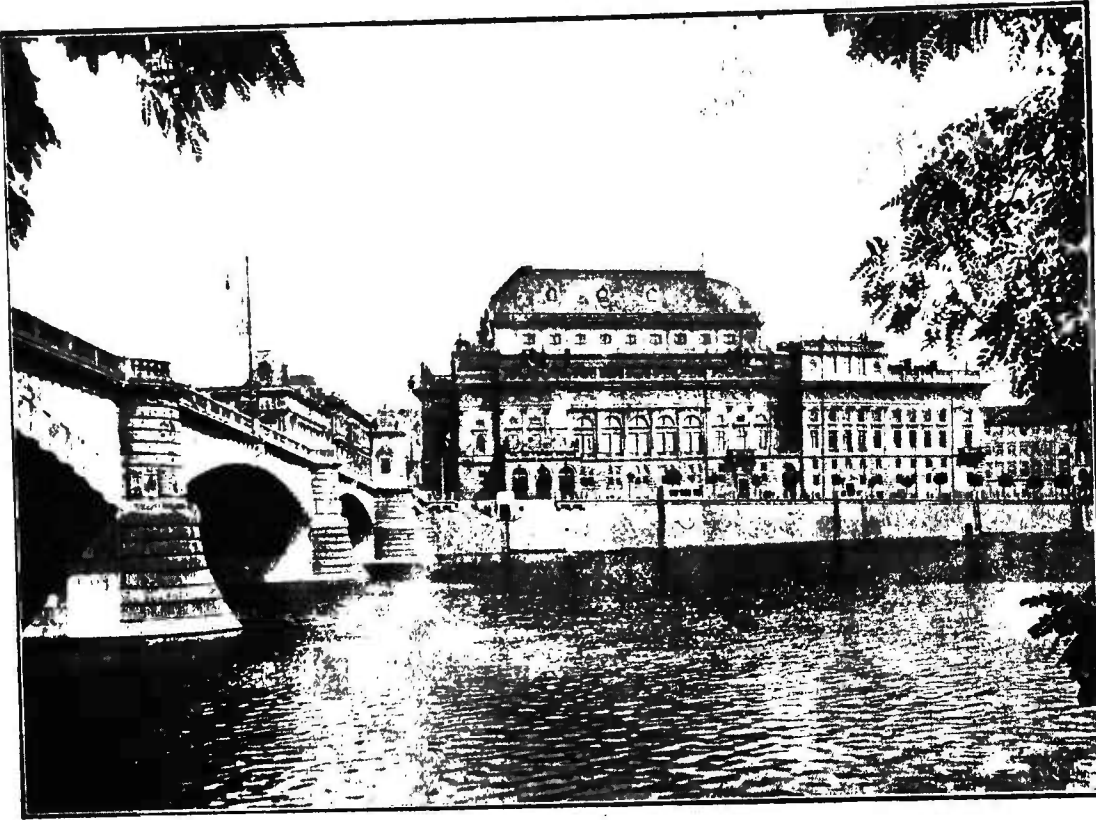
das que foram feitas na sociedade. Trata-se de um assumpto tirado da vida dos campos. As cidades da Bohemia supportaram ainda a forte manopla allemã. Sómente o povo tinha conservado intacto a nacionalidade. Por essa razão, ia-se a elle, quando se queria uma representa-

minando silios e gentes, e revestindo os de ouro. Uma obra inspirando-se na vida rural deveria forçosamente ser, segundo o seu pensar, uma "obra de pura alegria" E eis aqui uma concepção isolada de um espirito modernista em pleno romantismo: o "musico como parodista

"Dalibor" é o heroe de uma luta — a luta do povo tcheco. E' tambem um heroe popular, elevando-se contra um poder mais alto. E' pois o typo do soldado da liberdade, a imagem ideal, por assim dizer, do que o tcheco foi e deveria ser. Dahi a potencia e o vôo extraordinarios de "Dalibor".

Mais tarde, tendo soffrido ataque de surdez, interrompeu o seu trabalho de alguns annos, para compôr a obra extraordinaria, o "Beijo" E' uma historia simples de moços que se amam com paixão, mas que se fixam com paixão não menor cada um na sua idéa. Chegam á discordia. A disputa não é dolorosa. Sente-se que o amor é mais forte que as misquinharias da existencia. A obra está penetrada de uma alegria ao mesmo tempo encantadora e calorosa.

Smetana, regenerador da musica tcheca, não teve a sorte desse regenerador da musica slava, Glinka, que no dia seguinte á representação da "Vida pelo Czar" — 10 de dezembro de 1836 — podia passar em revista os resultados felizes do seu trabalho: amizade do Imperador, titulo de regente imperial, a gloria emfim: "todos, a uma voz, reconheceram-me como o primeiro compositor da Russia". Smetana nunca teve triumphos semelhantes, e o reconhecimento da nação, de que fala aos seus amigos estrangeiros, não será senão um mantô de pudor jogado sobre a ingratição dos seus. Se a arte é uma libertação e uma alegria una, Smetana, genio slavo, teve antes os olhos a realização de uma grandiosa obra de Belleza"



Theatro Nacional de Praga

ção propriamente typica da vida nacional. Ora, se o campo sempre encantou Smetana não foi sómente pelo seu sinete tcheco, mas tambem pela sua alegria. Na sua imaginação, elle se fazia um campo tcheco onde brilhava um sôl eterno illu-

da vida", como diz um critico norte-americano, Paul Rosenfeld. Mas a "Nova Vendida" não é uma farça para fazer rir ou alegrar os espectadores, é uma obra seriamente pensada e profundamente sentida.

G A R T A D A I T A L I A

O CASO TITO LIVIO

Grande alarido está se levantando de toda parte a respeito da descoberta das obras de Tito Livio e do seu descobridor, o Professor Mario de Martino Fusco, que tem sido alvo de uma verdadeira perseguição por parte de amigos, estudiosos, autoridades, jornalistas e "reporters", com o fim de obrigar-o a sahir da reserva em que se tem mantido, desde que, depois de ter dado a primeira noticia de sua descoberta a principio do anno passado, declarou necessitar de mais alguns mezes, antes de tornal-a do dominio publico. E como o Dr. de Martino se tem mantido firme na sua resolução e está "incommunicavel" os jornaes são obrigados a se contentarem em publicar entrevistas com amigos, conhecidos, professores do feliz descobridor, na esperança de apurarem alguma cousa fazendo mil conjecturas sobre o numero de livros achados e sobre o lugar onde foram encontrados.

A seriedade da descoberta não é posta em duvida por notabilidades como o Senador Cocchia, o professor Sogliano

e outros lentes da Faculdade de Philo-
sophia e Letras e mestres do joven erudito
que se recommenda pela severidade de
seus estudos e de suas pesquisas historica-
es e paleographicas.

O Dr. Mario di Martino Fusco, alu-
mo da Universidade de Napoles, for-
mou-se brilhantemente em paleographia
e diplomacia no anno de 1919, em letras,
em 1921, e em philosophia, em 1922, de-
dicando-se, ao mesmo tempo, a pesqui-
zas particulares, como demonstram en-
saes notaveis e publicações de valor.
Entre estas é de grande interesse um tra-
balho sobre "As escolas calligraphicas na
Italia Meridional", na qual di Martino
Fusco falla da existencia de duas impor-
tantes escolas calligraphicas, no seculo
VI, entre os mosteiros que se encontra-
vam no antigo "Castrum lucullanum", de
Napoles; a do mosteiro de S. Severino,
em grande renome no tempo do Egvpio,
abbade que esteve em relação com Cas-
siodoro e com S. Fulgencio; e a do mos-
teiro de S. Pedro, tambem florescente no
VI seculo: trabalho que deve ter custado
ao seu autor longas e minuciosas pes-
quizas, que talvez o puzeram a caminho
da inestimavel descoberta.

O numero de livros descobertos tam-
bem preoccupa os impacientes: falla-se
da inteira obra: 142 livros que seriam
escriptos em letras "unciales" do VI se-
culo e que occupariam o espaço de uma
inteira bibliotheca. "Ineffavel felicidade",
no dizer de Salomão Reynack, que
tem sido o sonho dos estudiosos de todos
os tempos — mas que lhe parece fanta-
tica, admittindo, porém, a probabilidade
da descoberta de uma parte que venha a
augmentar o pouco que possuímos da
preciosa obra do patavino, e admoestan-
do os eruditos a terem paciencia e es-
perança.

E é o que deveriam fazer eruditos e
não eruditos.

MALFATTI NA ITALIA

Anita Malfatti, pensionada pelo Es-
tado de S. Paulo, em Paris, centro offi-
cial da arte moderna, veio á Italia, per-
gular nas fontes vivas do passado, vi-
sitando Veneza, Florença, Roma, Napoles.
Em Napolis esteve com Zina Aita e as
duas originaes pintoras brasileiras cor-
reram juntas galerias e museus, igrejas e
mosteiros; juntas admiraram o golfo en-
cantado, recordando os encantos da bella
Guanabara. Anita Malfatti já voltou para
o seu trabalho em Paris.

N. A.

Portugal

O CENTENARIO CAMONIANO

Por iniciativa do Brasil, foi celebrado o IV Centenario do Nascimento de Luis de Camões com uma conferencia no Gabinete Português de Leitura, em 4 de fevereiro de 1924, na qual foi publicado que, por iniciativa de um escriptor brasileiro e generosidade de um lusiada, residente no Brasil, a Universidade de Lisboa era dotada de uma permanente cadeira de Estudos Camonianos, honra que só tivera até agora Dante e irá ter Victor Hugo. Camões, assumpto de humanismo, ou humanidades, é a maior homenagem que uma civilização poderá prestar a um Genio Tutellar.

O Governo Português, que accedera, agradecido, à homenagem, decretava dia 5 de fevereiro, e preparava para 10 de junho, anniversario da morte do Poeta, uma consagração na Patria. Nesta data, nos paizes latinos, da Europa e da America, também se celebraram officios publicos de homenagem.

O Brasil, que promoveu essas festas, quiz que todo o anno fosse jubilar, e nós agora, em novembro a Academia Brasileira, e em dezembro as revistas "Terra do Sol", e "Revista de Filologia", farão consagrações ao Poeta Immortal. Acreditamos estar quites com a nossa consciencia, exigente e justa, tanto nos merece o vate de nossa Tradição e da nossa Esperança.

CAMONOLOGIA

Do grande quotidiano lisbonense *Diário-de-Noticias*, n.ºm. de 10 de junho último, cata anniversaria da morte, em que se celebrou, em Portugal, o quicentenario da nascimento de Camões, transcrevemos gostosamente o seguinte artigo devido á pena do illustre professor sr. dr. Queiroz Velloso, deão da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, acerca da cadeira de Estudos Camonianos, na Faculdade de Letras de Lisboa:

"Em meados de janeiro enviou o ministério dos Negócios Estrangeiros, ao ministério da Instrução Pública, a cópia dum telegrama do sr. dr. Joaquim Pedroso, encarregado de negócios, no Brasil, comunicando que, por iniciativa do sr. dr. Afranio Peixoto, alguns beneméritos membros da colónia portuguesa desejavam fundar na Faculdade de Letras de Lisboa uma cadeira de Estudos Camonianos; e perguntando se o governo daria o seu consentimento e em quanto

importaria o custeamento da cadeira. A resposta era urgente, pois o sr. dr. Afranio Peixoto queria annunciar a boa nova na conferencia que em 4 de fevereiro, para celebração do quarto centenario do nascimento do poeta, devia realizar no Gabinete Português de Leitura.

Apressou-se o ministério da Instrução a responder, aplaudindo em calorosos termos a iniciativa do brasileiro illustre, bizarramente coadjuvado por generosos corações portugueses. Em novo telegrama, informava o sr. dr. Joaquim Pedroso haver já partido para a Europa o Sr. Zeferino Rebêlo de Oliveira, que a si tomara a realização da empresa, acrescentando que iniciador e doador veriam com prazer, no sr. dr. José Maria Rodrigues, o primeiro professor dessa cadeira. Coincidência feliz, mas natural para quem conhece os eruditissimos trabalhos do eminente camonianista, o seu nome fôra também oficialmente indicado pela Direcção Geral do Ensino Superior.

Não veio logo para Portugal o sr. Zeferino de Oliveira: e de passagem para a Itália, encarregou o sr. dr. Sousa Costa de o representar em todos os actos necessários para a effectuação do seu compromisso. Não houve longas conversações, nem surgiu entre os interessados qualquer dúvida. O sr. Zeferino de Oliveira fazia directamente á Faculdade de Letras de Lisboa a doação de 253 titulos provisórios, ao portador do empréstimo português de 1923, do valor nominal de dez libras ouro cada um, titulos que deviam ser retirados do lote que o doador tinha depositado no Banco Ultramarino. A Faculdade de Letras, como entidade autónoma e no uso do direito que o Estatuto Universitario lhe confere, aceita a doação com o encargo de criar e manter perpétuamente uma cadeira de Estudos Camonianos, devendo nos titulos definitivos ser feito o averbamento á Faculdade, com expressa referencia ao encargo da doação. Foi a escritura lavrada no dia 5 de abril, pelo notário dr. Eugenio de Carvalho e Silva, que desejando associar-se ao generoso acto do sr. Zeferino de Oliveira, nada quis de seus honorários. Assinaram-na, além do doador e do director da Faculdade, os srs. Drs. José Maria Rodrigues, Alberto de Sousa Costa e Alberto de Barros Castro, Tomás da Fonseca, Abel Dias da Silva e Domingos Cardoso.

Só quem teve o prazer de assistir a esta cerimonia, tão modesta e ao mesmo tempo de tão alta e nobre significação, é

que se não sentiu enternecido até ás lagrimas, ao vêr a simplicidade com que o opulento industrial entregava tão importante soma para que o culto camonino tenha sempre, em Portugal, uma capela votiva, uma cadeira pública, onde se possa ensinar ás gerações futuras o que é e representa Camões, o cantor da civilização occidental, como lhe chamou Cervantes. E essa modéstia foi até o ponto de occultar a hora do seu embarque, dois dias depois, para o Brasil.

Na conferencia que o sr. dr. Afranio Peixoto realizou no Gabinete Português de Leitura — já publicada sob o titulo: *A Camonologia ou Estudos Camonianos* — disse o eminente escriptor brasileiro:

"Sinto, meus senhores, neste instante, uma das maiores emoções da minha vida; a de um homem humilde, fraco, "baxo e rudo" como diria o Poeta, que a poder apenas do seu muito amor, consegue graças á generosidade portuguesa, esta maravilha: Camões, assunto de humanismo, de civismo, de patriotismo, ensinado numa Universidade lusitana, para glória e honra da nossa Lingua, da nossa Raça, da nossa História e das nossas Aspirações!"

Dante, desde o século XIV, que tem, em Florença, uma cadeira especial; Victor Hugo vai tê-la em breve, na Universidade de Paris. E Camões, muito maior do que o segundo e não menos genial poeta que o primeiro, não tinha ainda, a trezentos e quarenta e quatro anos da sua morte, uma cadeira para estudo da sua vida e da sua obra, as *Rimas*, cujo lirismo principalmente nos *Sonetos*, não foi ainda excedido em qualquer outra literatura, os *Lusiadas*, cuja alma é o profundo sentimento da nacionalidade, a síntese do gênio português, na sua lingua e na sua história.

As navegações dos séculos XV e XVI são o facto culminante da civilização moderna; e a Portugal, a despeito da escassez da sua população — pois não tinha mais de dois milhões de habitantes — coube o primeiro papel nesse ciclo de grandes feitos, em que não se sabe qual admirar mais, se a heroicidade da aventura, se a tenacidade da empresa, se o plano scientifico que a orienta e dirige. Só de Portugal podia sair, portanto, a epopeia do mundo moderno; e teve a sorte de encontrar em Camões um admirável representante desse extraordinario movimento de ideias, que então agitavam os mais altos espiritos, estrangeiros e portugueses. Educado em Coimbra,

para onde D. João III transferira a Universidade, Camões — o "bacharel latino", como lhe chamava André Falcão de Resende — é um exemplo típico do enciclopedismo da Renascença. A literatura grega e a latina; os modernos escritores italianos e espanhóis; toda a literatura nacional; tôdas as crônicas; tôda a ciência cosmográfica; os antigos geógrafos; tudo Camões leu e conservou com fidelidade e segurança na sua memória assombrosa, para depois o espalhar às mãos cheias, nas páginas do seu poema imortal.

O herói dos *Lusíadas* é o "peito ilustre lusitano"; são as tradições nacionais, encarnadas nas figuras dos nossos heróis, a lealdade em Egas Moniz e Martin de Freitas, o amor em Inês de Castro, o patriotismo em Nun'Alvares, a cavalheiresca gentileza, no grão Magriço, a abnegação e o sacrificio no Infante Santo, a grandeza em Afonso de Albuquerque, o honra immaculada em D. João de Castro, a bravura, a intrepidez, a coragem serena e reflectida em tantos soldados de África e da Índia. O gênio de Camões fez assim da nossa história não apenas uma epopéia, mas uma bíblia, o livro por excelência do nosso patriotismo, onde podemos ir buscar sempre, em tôdas as crises de desalento, nova energia para novos cometimentos. Por isso pôde dizer, na sua conferência, o autor dêsse admirável livrinho de educação cívica, *Minha terra e Minha gente*, estas belas palavras, tão gratas ao nosso coração: "Portugal, o Brasil — seu prolongamento no tempo e no espaço — nós, os Lusíadas, nós temos no Poema nossa fé de ofício, nossos pergaminhos, nossos brasões, nossa fé, nossa esperança, e Camões é um desses gênios-heróis, representativos duma raça, como que o seu grandioso simbolo na História..."

Foi grande a honra que a Faculdade de Letras de Lisboa recebeu em haver sido escolhida para sede e guarda da cadeira de Estudos Camonianos. Em outubro proximo, será ela inaugurada solenemente, tendo o Conselho resolvido dar á sala, onde se efectuem as lições, o nome dêsse benemerito compatriota, a cuja rasgada generosidade se deve que "o feito nunca feito", fôsse realizado. E ao professor illustre, ao médico eminente, ao escritor insigne, ao presidente da Academia Brasileira — a mais respeitável das instituições literárias do Brasil — será então conferido o grau de Doutor em Letras, a mais alta distinção que a Faculdade pode outorgar a alguém. Raras vezes, o capelo e a borla doutorais terão recaído em mais nobre figura tanto pelo que legitimamente vale a sua grande e variada obra, como pelo intrinseco e sentido amor ás coisas portuguesas.

Ao terminar, aqui deixo um apêlo a quantos, em Lisboa — em Portugal — se interessam por estes assuntos. A sementeira do que se fez no Rio-de-Janeiro,

porque se não congregam todos os ilevatos de Camões, para constituir e manter uma Sociedade de Estudos Camonianos? Por tôda a parte florescem sociedades análogas.

Em Camões há sempre que estudar, muito que descobrir ainda.

J. M. QUEIRÓS VELOSO.

DOUS ELOGIOS A CAMÕES

Edgard Prestage, commemorando o quarto centenario do nascimento do Genio, publicou, sob o titulo de *A paixão de Christo*, as elegias XXIX e XI da obra camoneana, com um prefacio interessante da sua lavra. Estas duas elegias irmanadas pelo mesmo assumpto, mostram-no poeta catholico, misturando os deuses pagãos com os factos da Paixão. A primeira elegia do livro, a XXIX, principia com uma diffusão de figurar bucolicas pagãs, onde se vê que a mão que a escreveu ainda era fraca, pois Camões, a esse tempo, era estudante da Universidade de Coimbra. As Elegias são pouco conhecidas, de modo que vale a pena entrar pela porta da minucia. O Poeta interroga um pastor por que a natureza está tão mudada:

*Quer por ventura algum novo gigante
Por montanhas subir ao firmamento
E derrubar a Jupiter possante?*

*Os eixos dos dois orbes ordenados
A sustentar a machina mundana
Parecem já desfeitos e quebrados.*

Então refere-se á scena do Calvario:

*Verás a crystalina e clava fonte...
Da vida pura posta em um madeiro
Por te livrar da barca de Charonte.*

Num crescendo de emoção sobria recalçada, faz a descripção de Christo na cruz:

*O' preciosas chagas roxas, bellas
Luminartas da noite tenebrosa.
De toda luz privada das estrellas.*

Incita Maria a ir ao caminho da cruz, para ver o Filho abandonado na escuridão, soffrendo para nos dar socego e mauso porto. Camões pinta a scena da crucificação com um primitivismo semelhante ao que apparece nos marfins dos sec. V e VI que se encontram no British Museum, nos paineis de muitas igrejas italianas, como no da porta de S. Sabino sobre o Aventuro, como na maravilhosa *deposizione* de Benedetto Antélemi, do duomo de Padua e como no mosaico byzantino da igreja de Daphne, Grecia. Mas a scena transmuda-se. O Homem, subido na cruz, vê-se cercado de mil anjos, como enxame de abelhas pressurosas que trabalham por curar as suas dores e martyrios com unguentos olorosos. A elegia termina com acto de submisso christã:

*Meu Deus, de dar-te pouco não me pejo;
Porque eu, para dar mais, sou pouca parte.*

A segunda elegia, a XI, é uma obra prima em todos os sentidos, e com uma elevada significação philosophica. O Sr. E. Prestage mostra que Camões teve diante dos olhos as estancias de Sannazaro, *De Morte Christi*. Mas a elegia não fica devendo nada aos versos italianos. Ha

muita vida interior Camões apresenta as suas idéas christãs:

*Aquelle unico Ser, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move e cria.*

Toda a religiosidade do soldadogenio, mais do que em qualquer outra obra sua, apparece aqui com a sua feição integral.

CAMÕES E TASSO

Contemporaneo de Camões, posto que 20 annos mais moço, Tasso foi um de seus admiradores affectuosos e intelligentes, como nol-o attesta a doce melancolia deste soneto, revelando-lhe o espirito de fraternidade literaria:

Vasco, le cui felici ardite antenne
Incontro al sol, che ne riporta il giorno.
Spiegare le vole, e per colà ritorno
Dov'egli par che di cader accenne;

Non piu' di te per aspro mar sostenne
Qual, che fece al Ciclopo ultraggio
scorno;
Né chi turbó l'Arpie nel suo saggio,
Né dié piu' bel subieto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant'oltre stendi il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.

Ond'a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama giunge.

As seguintes linhas, extrahidas á "vegilia" XXIII, desdobram-no em prosa:

"L'imperio dell'Indie uscirá di mano ai nipoti di Emmanuello; non piu' la superba Lisboa vedrá approdare al suo porto i tesori dell'Asia e dell'África; ma la gloria prima delle sue immense conquiste splendorá tuttavia viva e raggianti nei versi di Camões. Le ultime generazioni vedranno nella "Lusiade" il coraggio incredibile di un pugno d'oumini chi dumano infinite genti, e lottano contro pericoli tremendi, immense e nuovi, portarono alla estremida do mondo la loro virtu', e la religione de' loro padri.

No quarto centenario do épico português, cuja festa importa em reconhecimento da Posteridade ao cumprido vaticinio do italiano, é grato associar as duas sombras luminosas... E, a nossos olhos de evocadores da moderna civilização latina, no cvelo das grandes cruzadas maritimas, como que emergem vivas as Musas de Sorrento e do Tejo, entresorrindo-se com a mesma graça amiga de outr'oras.



NOTAS & COMMENTARIOS

AS OBRAS DE ANATOLE FRANCE

A obra literaria de Anatole France comprehende os seguintes livros, com a respectiva data da primeira impressão:

<i>Les Poèmes dorés</i>	1873
<i>Les Noces Corinthiennes</i>	1876
<i>Jacoste</i>	1879
<i>Le crime de Sylvestre Bonnard</i>	1881
<i>Les désirs de Jean Servien</i>	1882
<i>Le livre de mon ami</i>	1885
<i>La Vie littéraire</i> (1ª serie)	1888
<i>Balthasar</i>	1889
<i>La Vie littéraire</i> (2ª serie)	1890
<i>La Vie littéraire</i> (3ª serie)	1891
<i>Thais</i>	1891
<i>L'Etui de nacre</i>	1892
<i>La Vie littéraire</i> (4ª serie)	1892
<i>La Rôtisserie de la Reine Pédauque</i>	1893
<i>Les opinions de Jérôme Coignard</i>	1893
<i>Le Lys rouge</i>	1894
<i>Le Jardin d'Epicure</i>	1895
<i>Le Puits de Saint-Claire</i>	1895
<i>L'Orme du Mail</i>	1897
<i>Le Mannequin d'Osier</i>	1897
<i>L'Anneau d'améthyste</i>	1899
<i>Pierre Nozière</i>	1899
<i>Crainquebille</i>	1901
<i>Monsieur Bergeret à Paris</i>	1901
<i>Opinions sociales</i>	1902
<i>Histoire comique</i>	1903
<i>Sur la pierre blanche</i>	1903
<i>Crainquebille, Putois, Riquet et Cie</i>	1904
<i>L'Île des Pingouins</i>	1908
<i>Les contes de Jacques Tournebroke</i>	1908
<i>La Vie de Jeanne d'Arc</i>	1908
<i>Les sept Femmes de Barbe-Blue</i>	1909
<i>Les dieux ont soif</i>	1912
<i>Le Génie latin</i>	1913
<i>La Révolte des Anges</i>	1914
<i>Le Petit Pierre</i>	1918
<i>La Vie en Fleur</i>	1922
<i>Alfred de Vigny</i>	1924

As obras de Anatole France que se vendem mais são:

Le crime de Sylvestre Bonnard, *Le Lys rouge*, *Thais*, *Les Dieux ont soif* e *la Révolte des Anges*, e o numero das edições, segundo comunicação do editor Calmalm Levy, é a seguinte:

<i>Jocaste</i>	59
<i>Le crime de Sylvestre Bonnard</i>	244
<i>Les désirs de Jean Servieu</i>	157

<i>Les Sept Femmes de Barbe-Blue</i>	112
<i>Les Dieux ont soif</i>	259
<i>e livre de mon ami</i>	257
<i>La Vie littéraire</i>	50
<i>Balthasar</i>	68
<i>Thais</i>	276
<i>L'Etui de nacre</i>	112
<i>La Rôtisserie de la reine Pédauque</i>	251
<i>Les opinions de Jérôme Coignard</i>	129
<i>Le Lys rouge</i>	398
<i>Le Jardin d'Epicure</i>	121
<i>Le Puits de Sainte-Claire</i>	73
<i>L'Orme du Mail</i>	185
<i>Le Mannequin d'Osier</i>	176
<i>L'Anneau d'améthyste</i>	175
<i>Pierre Nozière</i>	88
<i>Crainquebille</i>	134
<i>Monsieur Bergeret, à Paris</i>	149
<i>Histoire comique</i>	98
<i>Sur la pierre blanche</i>	119
<i>L'Île des Pingouins</i>	213
<i>Les contes de Jacques Tournebroche</i>	55
<i>Le Génie Latin</i>	178
<i>La Révolte des Anges</i>	169
<i>Le Petit Pierre</i>	144
<i>Va Vie en Fleur</i>	144

Algumas edições originaes, que se tornaram raras, custam hoje muito caro. Por exemplo: *Le crime de Sylvestre Bonnard*, primeira edição, capa azul, em bom estado, vale 1.500 francos. Mas o que é mais raro ainda é uma narração polygraphada de oito paginas e escripto por Anatole France quando tinha 18 annos; um exemplar desta obra, tirada em um numero de exemplares muito limitado, vende-se entre 3.000 e 3.500 francos. As edições originaes dos outros livros variam entre 40 e 120 francos.

As edições de luxo são innumeraveis. Actualmente prepara-se uma nova edição completa das obras de France.

LUME E CINZA

O apparecimento de um livro de Alberto Rangel constitue occorrença de primeira ordem. Todos quantos admiram o extraordinario prosador do "Inferno Verde", obra que o tornou celebre, esperam sempre com alegre ansiedade cada producção do maravilhoso estilista, um dos maiores das letras nacionaes. "Lume e Cinza" chamou Alberto Rangel as paginas que acabam de ser editadas, num elegante volume impresso na França, pela Livraria Scientifica Brasileira. O livro que é muito formoso, e original, como tudo o que sae dessa intelligencia peregrina,

na, compõe-se de tres partes: "Fantasmas", "Contos e Recontos" e "Fructos da Terra", e traz um prefacio, que é reafirmação das crenças e conceitos estheticos do autor. Nesta nota pretendemos apenas registrar a sensacional nova, reservando para o proximo numero noticia mais larga acerca de "Lume e Cinza", como merece Alberto Rangel.

HOMENAGEM A ANATOLE FRANCE

Na sessão de 16 do corrente da Academia Brasileira de Letras, depois do expediente, Afranio Peixoto lembrou á corporação as homenagens que devia á alta memoria de Anatole France, passado na semana ultima. "Tão grande elle se nos apresentou, diz elle, que, havendo no quadro academico uma vaga de correspondente ao tempo da sua visita ao Brasil, não nos occorreu — ou a nossa modestia o evitou — chamal-o ao nosso gremio; acolhemol-o, triumphalmente, pelo verbo magnifico de Ruy Barbosa. Recebemos e louvamos ao soberano da intelligencia litteraria do nosso tempo, ao grande escriptor, estavel em vida, classico desde os seus primeiros ensaios, essa série de obras-primas em que o espirito helleno-latino de nossas origens floresceu na mais bella das linguagens que a humanidade póde falar — essa perfeita e casta e divina lingua franceza. Das "Nupcias corinthias" e do "Crime de Sylvestre Bonnard", ao "Jardim de Epicuro" e ao "Lyrio Vermelho", dos "Deuses sedentosos" e da "Revolta dos Anjos", á "Vida litteraria" e á série do "Senhor Bergeret", esse mago prodigalizou aos mais finos e elevados gostos litterarios do mundo as mais bellas e puras imagens e rythmos que o entendimento humano jámais deliciaram em qualquer época. "Crainquebille", "Putois", "O Procurador da Judéa", são contos philosophicos a empanar a maior gloria de Voltaire, que é "candido", "Zadig", ou "Micromegas". Todos os seus generos foram um só: a perfeição da fórma antiga nas mais novas e livres idéas do futuro. A quem teve em vida todas as homenagens, que foram da Academia Franceza ao Premio Nobel, e á essa definitiva e inapreciavel academia e premio da consagração universal, o que deve fazer a Academia Brasileira, diz o Sr. Afranio Peixoto, o menos que podemos, é isto, que propõe: a) que á Academia Franceza se envie a expressão do nosso profundo pezar pela morte de Anatole France; b) que se suspenda a presente sessão em signal de luto; c) que se celebre em sessão publica a gloria do grande morto, convidando a falar por nós o Sr. Constancio Alves, certamente parente intellectual de Anatole France, pelo seu gosto fino e sua subtil ironia". Depois de ligeiro debate, approvou a Academia estas tres propostas, suspendendo-se por cinco minutos a sessão.

AMERICA BRASILEIRA

Desde o mez passado que entron para a redacção desta revista o nosso antigo collaborador Teixeira Soares, figura das mais interessantes da nova geração litteraria brasileira e autor desse formoso livro *Noite de Caliban*, em que exhibiu os predicados de sua intelligencia subtil, paradoxal e penetrante.

PRINCIPE DOS POETAS

Alberto de Oliveira que é uma das glórias mais puras das letras nacionais, foi proclamado príncipe dos poetas brasileiros, em nome de 154 intellectuaes, na eleição promovida pela revista *Fon-Fon*, que dirige o formoso talento de Gustavo Barroso. Communicando aos seus leitores o resultado do pleito, fê-lo *Fon-Fon* com as seguintes palavras, cujos conceitos **tambem** subscrevemos com prazer e orgulho:

"Em nome de cento e cincoenta e quatro homens de letras e jornalistas brasileiros, numa eleição publica e limpa a que concorreram tresentos nomes de votantes, *Fon-Fon* tem a honra e o prazer de proclamar PRINCIPE DOS POETAS BRASILEIROS o "immortal" Alberto de Oliveira. Elle foi um dos membros da trindade augusta da poesia nacional, com Olavo Bilac e Raymundo Corrêa. Aquelle, vae para onze annos, em concurso semelhante teve a palma desse principado esthetic. Alberto, que, então, attingio, por pequena differença, o segundo logar, agora é elevado ao posto que lhe compete como magno expoente de nossa litteratura poetica. Seus versos de marmore e oiro, sonoros e grandiosos, têm o vigor, a seiva e a força de nossa paysagem tropical. Retumbam com as nossas cascatas, brilham como os astros do nosso céu e erguem-se dominadores quaes as nossas montanhas vestidas de eterno verde. Ninguém no nosso paiz desconhece e muita gente fóra delle não ignora a belleza perfeita do seu parnasianismo maravilhoso. Dos seus ricos livros de poesia não sabem os que o admiram que produções escolher para uma rapida citação. "A vingança da porta", "Luva abandonada", "O leque", "A estrada deserta", "O adeus dos mastros", "Paganismo", "Manhã de Caça", "Manto real", "Visio", "A caranguejeira"? Seu estro retumba no exaltar os esplendores de nossa natureza, a formosura das nossas mulheres, o azul do nosso firmamento, e parece que as abelhas de Platão e as formigas de Midas fizeram de seus labios colmeia de mel perfumoso, colleiro de trigo abundante. Elle é o mais nacional, o mais brasileiro, na forma alcandorada e na profundeza das idéas, daquelles tres grandes cantores que sempre nos enlevaram, sem que isto diminua, a grandeza pujante de Olavo e de Raymundo. Nesse alto nacionalismo espirital só poderia competir com elle, ultimamente, o cantor das monções e do captiveiro, esse grande Vicente de Carvalho, que não morreu nem morrerá na alma dos brasileiros. Estamos certo, e a votação obtida por Alberto de Oliveira e uma prova inconcussa, que elle já era o Príncipe dos nossos poetas antes da eleição, no consenso da maioria dos que escrevem e lêem neste paiz. Assim, nada mais faz o nosso concurso do que sagral-o publicamente com os applausos dos homens de letras da nação. A redacção de *Fon-Fon*, orgulhosa da aceitação e do exito que sua idéa obteve pela segunda vez em todas as camadas sociaes da capital e dos Estados, sente-se perfeitamente apoiada na opinião publica para proclamar aos quatro ventos o grande poeta Príncipe dos Poetas. E em tudo elle o é, na aristocracia do porte e na aristocracia de sua arte, na fidalguia do seu character e na fidalguia do seu espirito, na realeza da sua cultura e na realeza de sua bondade. Salvé, pois, o novo Príncipe da Poesia Brasileira!"

As pessoas que votaram em Alberto de Oliveira foram as que se seguem, conforme a apuração de *Fon-Fon*: Medeiros e Albuquerque, Affonso Celso, Lauro Muller, Alfredo Pujol, Mario de Alencar, Domício da Gama, João Luiz Alves, Afranto Peixoto, Luis Murat, Antonio Austregesilo, Alberto Faria, João Ribeiro, Laudelino Freire, Amadeu Amaral, Xavier Marques, Clovis Bevilacqua, Carlos de Laet, Gustavo Barroso, Rodrigo Octavio,

Osorio Duque Estrada, Aloysio de Castro, Miguel Couto, Augusto de Lima, Ataulpho de Paiva, Humberto de Campos, Dantas Barreto, Veiga Lima, Heitor Beltrão, Fernando Bastos, Herminio Lyra, Austregesilo de Athayde, Reis Perdigão, Francisco Colman, Maria Eugenia Celso, Olegario Marianno, Fernando Nery, Hilton Furtado, Attilio Milano, Odilon Jucá, Max Fleiuss, Gastão Franca Amaral, Martins Fontes, Carlos Pontes, Ramiz Galvão, Silveira Netto, Amelia de Freitas Bevilacqua, Carlos Góes, Belmiro Braga, Horacio Cartier, Celestino Silveira, Telles de Meirelles, Pedro do Couto, Ribeiro Couto, Jackson de Figueiredo, Domingos Barbosa, Carlindo Lellis, Alvaro Sodré, Angyone Costa, Eurico de Góes, Barbosa Gonçalves, Tasso da Silveira, Annibal Freire, Aristêo Seixas, Eurico Sodre, Nestor Victor, Ibrantina Cardona, Anna Amelia C. de Mendonça, Solfieri de Albuquerque, Elysio de Carvalho, Heitor Lima, Carlos Rubens, Theophilo de Albuquerque, Paulo Filho, Homero Prates, Carvalho Guimarães, Arthur Motta, Raphael Pinheiro, Assis Cintra, Laurita Lacerda, Oliveira Vianna, Leal de Souza, Svlvio Julio, Claudio de Souza, Liberato Bittencourt, Fernandes Tavora, José Martins Rodrigues, Cruz Filho, Esdras Farias, Collatino Barroso, Mario Gustiani, Mario Linhares, Alfredo de Assis, Wenceslão de Queiroz, Raul Machado, Martins de Oliveira, Gregoriano Cruz, Luiz C. Cascudo, Nazareth Menezes, Mario Sette, Bernardino Vieira, Rica de Almeida, Olival Costa, Luiz Franco, Aprigio dos Anjos, Esther Ferreira Vianna, Jayme d'Altavilla, Mario Guedes, Hermes Fontes, Leonardo Motta, Arthur de Salles, Irineu Filho, Beni Carvalho, Renato de Castro, Corrêa de Araujo, Celso Vieira, Godofredo Rangel, Oscar Lopes, Daltro Santos, Carlos Gondin, Antonio Salles, Papi Junior, Rodrigo Octavio Filho, Angela Vargas B. Vianna, Faria Neves Sobrinho, Xavier Pinheiro, Henrique Castriçano, João da Matta, Carlos Maul, Nogueira da Silva, Rosalina Coelho Lisboa, Leopoldo Teixeira Leite Filho, Noronha Santos, Nuto Sant'Anna, Adalberto Marroquim, Rocha Pombo, Rodrigues de Carvalho, Annibal Amorim, Jonas da Silva, Ronald de Carvalho, Rodolfo Theophilo, Lindolpho Azevedo, Gastão Tojeiro, Miguel Mello, Baptista Pereira, Amilcar Marchesini, Guilherme de Almeida, Silva Lobato, Seraphim Franca, Octavio Tavares, Joaquim Eulalio, Jorge Jobim, Edgard Braga.

Todos quantos admiram e amam o maravilhoso poeta, orgulho da nossa gente, tiveram ainda a ventura de conhecer um soneto inedito do prodigo creador de rythmos e de imagens, poema que é obra perfeita como inspiração e como forma:

RAUSO

Para o Sol receber na luz primeira,
Noiva do Sol, — como em festiva sala
Noiva de Rei — toda era viço e gala
No pomar verde a verde laranja.

Trabalharam sem pausa a noite inteira
Mãos de invisiveis alas a alfaia-a;
Cicio ou queixa a alma impaciente exhala,
O véo de nupcias rumoreja e cheira.

Espera. Eis que, porém, de encontro ao seio
O vento a enlaça, a beija, a envolve toda,
Redemoinhando em subita rajada.

E quando o Sol para esposal-a véo,
Quasi despida a viu. Voavam-lhe em roda
As flôres da corôa desfolhada...

OLIVEIRA VIANNA

Eleito membro effectivo do Instituto Historico Brasileiro em 18 de julho do

corrente, tomou no dia 11 do corrente posse da sua cadeira, o nosso eminente collaborador Oliveira Vianna, em sessão que teve brilhante relevo. A solennidade compareceram figuras representativas do nosso meio intellectual, além de grande concurrencia de membros da veneranda corporação, presidida pelo illustre conde de Affonso Celso.

No discurso que, como é de praxe, pronunciou o autor dos *Populações meridionaes do Brasil*, no meio de respeitosa curiosidade, revela-se a mesma intelligencia brilhante, poderosa e suggestiva.

Oliveira Vianna, depois de mostrar qual tem sido o papel da instituição para cujo seio tinha sido chamado, estuda, com agudeza, os phenomenos historicos e o aparelhamento que hoje se exige para os que se dedicam á historia, chegando á conclusão de que só as grandes associações de omnimoda cultura serão capazes de realizar, actualmente, perfectas syntheses historicas, lembrando, a proposito, quantas competencias teve que reunir o Instituto para poder elaborar o "Diccionario Geographico e Ethnographico do Brasil", a excellent obra comemorativa do centenario da Independencia. Saliou á influencia das sciencias naturaes, anthropologicas e sociaes na elaboração da historia, destacando, porém, dentre ellas, as sociaes, que, sobre as outras, vêm preponderando. Disse que hoje graças á evolução scientifica, estão os historiadores munidos de elementos precisos, não só para rectificar as illusões da sua visão critica, senão para reprimir os surtos da sua fantasia, e mesmo para poder reconstruir, tanto quanto possível, as velhas sociedades mortas. Mas, continuou, a historia não é sómente uma grande sciencia, é também uma grande arte, e, por tal ser, é que muitos espiritos se recusam a ver na historia uma grande sciencia, o que, na sua opinião é simples preconceito, pois não percebe que incompatibilidade haja entre a sciencia e a arte, preferindo crêr que esse preconceito é simplesmente uma reminiscencia do que era a historia anteriormente á constituição das sciencias sociaes. Todos estes pontos do seu magnifico discurso foram ampla e eruditamente tratados.

A seguir, referiu-se ao seu antecessor no Instituto, Aurelino Leal, traçando-lhe o perfil e assignalando os principaes aspectos da sua actividade como jurista, historiador e politico. Alludindo aos serviços que o Instituto vem prestando á nacionalidade, cita palavras do seu actual Presidente, Sr. Conde de Affonso Celso, a quem tece justos encomios, reproduzindo-lhe o conceito de que "augmenta-se a energia nacional, quando se dá ao povo o orgulho da sua historia." Conclue dahi, a utilidade do estudo do passado, que robustece, intensifica, esclarece a consciencia do patriotismo, bordando sobre este, conceitos em que se casam a elegancia e a justeza das phrases em que são expostos. Ainda para demonstrar a influencia do Instituto no nosso paiz, recorre ás "Paginas de Historia", do Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo da associação, e cujo valor encarece com palavras de carinhosa justiça.

Oliveira Vianna conclue com estas palavras o seu formoso discurso: "Quizeses Srs., chamando-me para o vosso seio, dar-me também um pouco de agasalho desta sombra generosa. Eu vos agradeço certo de que, entrando para esta casa, não preciso abdicar as minhas convicções na grandeza do nosso presente, nem renunciar as minhas crenças nas grandes virtualidades contidas do nosso futuro! Não tem esta a vossa lição: vejo-vos sempre muito presos á admiração do passado, mas, vejo-vos também muito attentos a todos os problemas do presente, e vejo-vos muito sensiveis a todos os ideaes do futuro."

E' que tendes muito ampla, senhores, a noção desse continuo definir, que é a evolução de uma nacionalidade, muito profundo o sentimento da solidariedade das gerações, muito viva a consciencia da nossa continuidade historica. O passado e o futuro são ambos, por isso mesmo, sagrados para vós; ambos formam os polos das vossas affeições. Para saudardes o clarão dos novos tempos, não julgaes necessario apedrejar as sombras do nosso passado heroico: vós, senhores do Instituto, não praticades o abyssinismo em historia. E, deixae-me que vos diga, todos vós pareceis repetir aquellas palavras memoraveis de Ernesto Lavissee, quando, nas paginas commovidas dos seus "Souvenirs", celebrou uma vez a brevidade do passado: "Descobri que o passado é curto. Fiz este calculo cedo. O pae do meu tio-avô, que nasceu em 1764, quando reinava Luiz XV, conheceu, ainda moço, os contemporaneos de Luiz XIV. Os mais velhos destes tinham sido formados pelo cardeal Richelieu; e não seria preciso uma grande série de homens, não mais do que trinta octogenarios, para atingir o tempo, em que Jesus Christo veio ao mundo. Esta brevidade do passado deu-me um respeito pelo futuro immenso. Encontrei-me numa disposição de espirito que mais tarde se fixou em mim. A hora presente não vale para mim senão uma hora. Por que se encontra no correr da minha vida não é razão para que eu julgue de um valor maior do que os passados e os futuros."

A oração do Dr. Ramiz Galvão, orador official do Instituto, em resposta, breve mais elegante, é a que se segue: "Illustre collega Sr Dr. Oliveira Vianna.

Quando o nosso Instituto preparava a organização do seu "Diccionario Historico", para solemnizar o Centenario da Independencia, fomos appellar para vosso talento e vos pedimos uma contribuição para o capitulo da Ethnographia. Já conheciamos o valor dos vossos trabalhos, o pendor do vosso espirito para este genero de lucubrações. O digno patriota não se fez esperar e escreveu uma memoria substancial e erudita, que deu logo a medida do seu alto merecimento. Ella tem por titulo "O Typo ethnico brasileiro". A esse trabalho sucederam outros publicados em 1922, 1923 e 1924: "O idealismo na evolução politica", "Evolução do povo brasileiro", e "Problemas de Anthropologia social".

Tendes ainda, em preparo, o importante capitulo VII das contribuições, que tambem vos solicitámos para o "Estudo biographico sobre D. Pedro II" — a grata homenagem que o Instituto vae prestar em 1925 ao Centenario natalicio do segundo e immortal Imperador. Tudo que haveis feito com grande applauso, estava, pois, reclamando a vossa admissão ao nosso gremio como precioso elemento para a faina, a que nos dedicamos, com amor e enthusiasmo. Hoje temos a fortuna de vos dar o abraço fraternal, e, o que é mais, depois de ouvirmos a brilhante oração inaugural, em que acabais de justificar amplamente a votação unanime que vos acolheu. Pela minha parte, sinto-me altamente penhorado ante as palavras benevolas com que alludistes a algumas phrases proferidas neste mesmo recinto pelo orador do Instituto; mas a gratidão da nossa companhia ainda é maior pelos conceitos com que a honraes, encarecendo o modo por que entendemos servir a Patria e definindo o nosso papel de centro cultural por excellencia, o nosso maior centro cultural por certo; instituição a mais veneravel e mais austera, a mais comprehensiva e menos especializada, pois o estudo da Historia abrange hoje todas as especialidades, pede a collaboração de todas as sciencias: as sciencias da natureza, as sciencias do homem, as sciencias da sociedade." Pois bem, illustre collega, é por

isso mesmo, que se reclama a vossa presença neste Areopago, talento de escol capaz de auxiliar a obra de benemerencia, que faz a preocupação desta casa quasi secular, onde, como acertadamente acabastes de dizer, não nos podemos satisfazer com a simples documentação dos archivos, porque estes não apanham todos os aspectos dos acontecimentos do passado, que devemos e queremos reconstituir. Este pensamento desenvolvestes com raro brilho na oração-programma que acabamos de ouvir com applauso e intima satisfação. Nessa mesma oração aproveitastes o ensejo para prestar justissima e eloquente homenagem a um distinctissimo brasileiro, que foi dos nossos, preclaro Aurelino Leal. Estou comvosco em toda a linha, e posso assegurar que todos os soldados desta santa cruzada aceitam, *toto-corde* o vosso *verdictum*.

Viestes, Sr. Dr. Oliveira Vianna, occupar a cadeira que elle honrou por muitos annos, e que até agora esteve coberta de luto. Não temos duvida sobre o brilho que restituireis a essa cadeira, digna por todos os titulos de ser occupada por um patricio rico de talento, rico de illustração, opulento de patriotismo. A velha companhia carece sempre deste sangue novo, fortemente oxygenado, para continuar as suas tradições. Vós o tendes nas arterias. Sêde bemvindo!"

O Sr. Conde de Affonso Celso, terminado o discurso do Dr. Ramiz Galvão, disse que era sob a deliciosa impressão dos dous primorosos trabalhos que encantaram o Instituto, e tão á altura das gloriosas tradições deste, que levantava a sessão, á que compareceram os seguintes membros: Srs. Conde de Affonso Celso, Dr. Ramiz Galvão, Dr. Max Fleiuss, Ministro Agenor de Roure, Dr. Manuel Cícero, Dr. Tavares de Lyra, Dr. Rodolpho Garcia, Dr. Laudelino Freire, Dr. Calogeras, Coronel Liberato Bittencourt, General Moreira Guimarães, Dr. Alfredo Valladão, Dr. H. Morize, Dr. Eugenio Egas, Commandante Eugenio de Castro, Dr. Alfredo F. Lage, Commandante Raul Tavares, Conselheiro Camelo Lampreia, Dr. Miguel de Carvalho, Dr. Jonathas Serrano e Dr. Francisco José de Oliveira Vianna.

CULTURA JURIDICA NO PERU'

Realizou-se no dia 11 do corrente a sessão especial do Instituto da Ordem dos Advogados, convocada para ser emposado como seu membro da honra o Sr. Dr. Victor Maurtua, Ministro Plenipotenciario do Perú, junto ao nosso Governo.

O illustre diplomata, que é um dos mais brilhantes juriconsultos do seu paiz, foi saudado pelo orador official do Instituto, Dr. Pinto da Rocha. Ao responder a esta saudação, o Sr. Dr. Victor Maurtua dissertou sobre a "Cultura juridica do Perú", thema de alto interesse e que despertou a attenção de todos os membros da casa, não só pela autoridade do orador, que além de ser um dos mais conspicuos internacionalistas do seu paiz, teve tambem uma grande participação na reforma da legislação peruana, considerada uma das mais adiantadas dos ultimos tempos.

O Código Penal do Perú do qual foi autor, é monumento juridico do mais alto valor, citado em toda a America. A sessão não foi solenne, pois, de accôrdo com as praxes do Instituto, a recepção de um socio é feita em sessão ordinaria.

Dada, porém, a alta autoridade do novo membro honorario e o seu character de diplomata acreditado junto ao nosso Governo, a Directoria do Instituto convidou para esta sessão especial os Srs. Ministros da Justiça e das Relações Exteriores e os Srs. membros do Corpo Diplomatico e Consular estrangeiros. E assim teve a mesma brilhante relevo.

A CONVENÇÃO LITERARIA COM PORTUGAL

O ministro da Fazenda determinou fosse executada, por parte das alfandegas brasileiras, a convenção literaria e artistica assignada com Portugal para facilitar o intercambio intellectual entre o nosso e o paiz irmão. O accôrdo realizado representa um grande passo na politica de approximação entre as duas Republicas, e foi recebido com applausos por todos quantos conhecem as difficuldades que existiam, aqui como lá, para expansão da literatura e da arte dos dois povos, que devem viver na mais intima e perfeita communhão de ideas e sentimentos. Os jornaes brasileiros, e bem assim os portuguezes, commentaram com enthusiasmo o acto do ministro da Fazenda mas esqueceram assignalar que só agora possuímos essa convenção literaria e artistica, quando a Espanha mantém situação vantajosa e privilegiada nos paizes de lingua castelhana. Afinal, sempre se obteve alguma cousa, e é de esperar que as relações luso-brasileiras sejam objecto de carinhosa attenção pelos governantes dos dous paizes, orientada em sentido favoravel á politica de esclarecido entendimento necessaria a Portugal e ao Brasil.

LAUREIS INSIGNES

O applaudido poeta Eduardo Guimaraens, que tem a critica dos livros da *A Federação*, de Porto Alegre, publicou na edição de 15 de Agosto do referido jornal a seguinte chronica sobre o ultimo livro do nosso director:

"Estes *Laureis Insignes*, que são reunidos, dous artigos, três conferencias e uma memória, constituem sem duvida alguma um volume a mais, e precioso, na bela série de obras nacionalistas que o illustre escritor brasileiro sr. Elysio de Carvalho iniciou com *Brava Gente*. Espirito cosmopolita, apaixonado temperamento sempre voltado para os ideais de beleza, artista e pensador, ninguém, entre os nossos modernos homens de letras, teria mais autoridade e milhores probabilidades de êxito para irmanar aos seus ensaios de arte e literatura, os variados e sugestivos estudos de história pátria. São, antes do mais, uma obra valiosa de entusiasmo civico, de amor pela nacionalidade, de fé e confiança nos seus destinos.

Nos *Laureis Insignes*, os assuntos abordados por Elysio de Carvalho são diversos, nas giram todos em torno da evolução e do espirito ráxico e tradicional: *Origens da familia brasileira, Jornada dos Vassallos, Pombal e a civilização brasileira, Inelyta trindade, Aspectos da sociedade brasileira, e Gregorio e a satyra sotadica*.

Denega o autor, no primeiro desses estudos, a pecha, que, ainda hoje, nos exprobam alguns escritores, de ter sido o Brasil colonizado pelo rebotallo, degradado ou expulso, da antiga metrópole. Debatendo as razões que isso determinam, o autor dos *Laureis*, analisa-as e redú-las ás suas insignificantes proporções, com argumentos baseados na verdade histórica e, mais do que nesta, na lógica do bom senso critico.

O segundo ensaio, *Jornada dos Vassallos*, como os *Aspectos da sociedade brasileira*, dos mais importantes do livro, demonstra as qualidades de cultura eminentes do autor, toda alicerçada nos mais claros principios da filosofia da história, e servida por uma linguagem elevada, na altura do assunto, ágil e flexível, duma incomparável precisão. Nêle, por mais uma vez, presta Elysio uma sincera efusão do seu culto ás tradições da epopeia portuguesa, á antiga alma lusitana, "briosa, cavalleiresca, magnifica"

São na verdade capitulos dignos dum talento lirico, aquêles, em que estão descritas, num apêlo ás evocações genealogicas da *Iliada*, as armadas de Espanha e Portugal; e, pleno dominio das visões épicas, e reconquista da Baía aos holandeses, a desgraça dos vencedores, de regresso, a baterem-se, duas vezes vitoriosos, com os corsários e as tormentas marinhas, num último quadro, sintético, mas grandioso, de que surgiu, criada a poder de glória e de bravura, a Pátria de hoje. Não podia deixar o poeta, que existe no espirito do autor dos *Laureis*, de dar termo a uma tela tal, com o louvor do castelhano Lope de Vega, o Homero dessa majestosa ódissea, a qual ficou assim impressa na memória dos pósteros.

Como en jaspes imortales

Y en hojas de bronce eterno.

Depois dum acurado resumo biográfico sôbre a triunfal jornada, retoma de novo o escritor brasileiro a sua prédica de glorificação e amor á terra lusitana.

Segue-se a êsses trabalhos um admiravel retrato de pé, a figura, tão discutida ainda hoje, mas duma superioridade pormaneira impressionante, do marquês de Pombal. Tudo há das características dum grande e vivo retrato, êsse magnifico trabalho de Elysio: a energia, o vigor de traços, a encenação do pitoresco circundante, a realçar-lhe a firmeza máscula dos contornos e, qualidade máxima, o segredo descoberto da expressão.

Corpo e espirito, no gigantismo da sua personalidade social, moral e politica, o marquês de Pombal, teve a desenhá-lo, nêsse esplêndido "crayon", um temperamento de artista, antes de tudo. Soube dar-lhe assim a única semelhança digna de achar-se num homem de génio: o absoluto da parecência com o seu espirito.

Soube elevá-lo — e é êle próprio, o autor, que o constata — a essa esfera, onde Pombal não podia deixar de ser colocado, da energia divinizada "em que pairam os heróis de Carlyle e os superomens de Nietzsche"

Em *Inclya Trindade*, o escritor dos *Laureis Insignes*, vai buscar ás origens da nossa Independência, três varões que foram — e seria absurdo negá-lo, — os factores incontestáveis da nossa autonomia de Nação. São êsses próceres: o "monge lidador", frei Francisco de Sampaio, franciscano, a quem chamaram o "Bosuet brasileiro"; o genial e modesto Januário da Cunha Barbosa, amigo de Léo. jornalista, prégador, comentador por 25 anos das máximas de Platão, cônego da Capela imperial, director da Biblioteca Nacional e fundador do Instituto Historico: e, por fim, um girondino, o democrático Joaquim Gonçalves Léo, combativo e culto, aquêle que em si concentra a mais bela parte da glorificação pela Independência, e redactor-chefe do *Reverbero*, o órgão da conquista de 1822.

A *Aspectos da Sociedade brasileira*, já tivemos ocasião de referir-nos, ao notificar o apparecimento do *Livro de Ouro do Centenario*, de que êsse estudo fez parte. E', como então dissemos, um interessante esboço sociológico, dos mais completos e penetrantes que conhecemos.

Dá fim ao volume, um curiosissimo ensaio sôbre *Gregório e a sátura sotádica*, no qual é libertino Marcial da Baía apparece em toda a sua plenitude, como lirico, erótico, sarcástico ou fescenino — temível e, por vezes, feróz — nêsse ambiente da literatura lasciva, que é, nas Bibliotecas, a secção a que se deu o titulo arbitrário de "inferno" e que Elysio estuda com brilho notável. Reabilita, além disto Gregório de Mattos no erro dos criticos, que não souberam ver nêle

o tipo em que "resplandece o rutilante espirito latino, modificado pelo nosso calido céu", um representante, como disse alguêm, da revolta do bom-senso e da nobreza de carácter contra o fidalguismo ridiculo e contra a falsa nobreza do sangue.

Um belo volume, um livro útil, uma obra de alcance social e moral, civica e patriótica, apta a colaborar nessa campanha, mais do que nunca necessária agora, em prol do amor e da fé na Pátria."

PAN-SEXUALISMO PHILOLOGICO

Sob o titulo *Pan-sexualisme philologique*, publicou o *Mercur de France* no numero de 15 do mez passado, na secção *Echos*, a nota que adiante transcrevemos: "L'argot brésilien, pan-sexualiste avant Freud, avait depuis longtemps, costume d'assimiler à la banane ce qui est fait a sa ressemblance. Lorsque Anatole France alla faire ses belles conférences au Théâtre Municipal de Rio, il lui arriva, à un déjeuner que li offrit le baron de Rio-Branco aux Affaires étrangères, de remarquer de superbes musacées parmi les fruits qui ornaient la table. Le regretté Souza Bandeira, assis à côté de lui, lui expliqua alors que le populaire du pays classait dans cette famille végétale l'objet que l'auteur de *l'Île des Pingouins* appelait, au figuré, une andouille. Le maître goûta fort cette variante, et promit de s'en servir par la suite: mas ce fut encore, paraît-il, un projet oublié, voire refoulé. D'autre part le peuple de Rio ne donne pas le nom d'"Anglais" à un accident féminin, régulier et intime, mais celui de: "le paquebot"; et c'est encore une association britannique. Voici. Du temps des bateaux à voile, le courrier d'Europe, qui était anglais, arrivait régulièrement tous les 28 jours, avec son pavillon à fond rouge de la marine marchande faisant tache sanglante sur la blancheur de la voile. Le rapprochement, assez logique, s'est imposé en dehors de la révélation onirique, et la langue portugaise s'est enrichie d'une locution. Du moins c'est l'explication qu'en a donnée à un de nos amis le docteur M. T... professeur de Médecine légale, homme docte. — T. DA C." Não ha mister muita argucia para descobrir o escritor brasileiro que mal se occulta sob as duas iniciais T. da C.

NO'S NO ESTRANGEIRO

Henri Allorge, o poeta e romancista laureado, que tão bem conhece a nossa literatura e é ha muito divulgador das nossas letras em França, na ultima chronica de *La Simple Revue*, de Paris, publicou a seguinte nota acerca desta revista:

"J'ai souvent dit quelle activité intellectuelle montrait le Brésil, et quelle sympathie il témoignait à la France. Je signale aujourd'hui la très intéressante revue *America Brasileira*. Son directeur est M. Elysio de Carvalho, un des plus brillants et des plus féconds écrivains brésiliens. Critique littéraire, historien, sociologue, philosophe, il a célébré *La France Eternelle* en un beau discours prononcé au banquet Paul Fort, à Rio.

On lui doit aussi, entr'autres remarquables ouvrages, une étude sur *Les modernes courants dans la littérature brésilienne contemporaine*.."

La Revue de l'Amérique Latine, que tantas vezes tem se referido a esta revista, no seu ultimo numero insere esta noticia assignada por Manoel Gahisto, sobre os *Laureis Insignes*, de Elysio de Carvalho: "On ne peut mieux louer cet ouvrage que ne l'a fait la revue *Idéa Illustrada*, dirigée por notre excellent confrère Luis Annibal Falcão." A l'infatiga-

ble activité de ce héraut de nos grandeurs passies, on doit un nouveau livre, riche comme les autres en enseignements et en exemples, et, comme eux, palpitant de vie. L'œuvre de Elysio de Carvalho est un grand cri enthousiaste et sonore, qui nous vient rappeler de que fut notre pays à ses origines, à l'époque émouvante où s'établissaient les arrives de la nation. C'est une besogne souvent ingrate que de colliger patiemment des documents, de les réunir, de les coordonner, de les résumer en quelques pages nerveuses, pleines d'une vie intense et impressionante. Historien consciencieux et chercheur tenace, Elysio de Carvalho devient écrivain et artiste lorsqu'il se met à rédiger, car ce ne sont pas seulement les faits qui lui importent, mais la leçon qui s'en dégage et la beauté qui peut y être enclose. On trouve dans ce livre deux tableaux de grand style, la *Jornada dos Vassalos* (consaire à la reprise de Bahia aux hollandais en 1625), et la *Inclya Trindade* (trois précurseurs nationalistes en 1882) animés d'un mouvement qui empoigne.

L'auteur fait surgir des poudreuses archives, dans une lumière neuve et limpide, de grands faits et de grands figures. Ainsi Pombal, en son énergie virile, réalisateur extraordinaire. L'excellente étude critique sur Gregorio de Mattos éclaircit plus d'un point obscur et apporte une précieuse contribution aux efforts consacrés ces dernières années à la personnalité du poète bahianais. *Laureis Insignes* est un tome nouveau de la grande chronique nationale entreprise pour notre agrément et notre édification par Elysio de Carvalho, notre grand chroniqueur. "Ces derniers mots, en français dans le texte, pris leur sens le plus élevé."

Por ultimo, o conhecido diario parisiense *Comœdia*, na secção *Nouvelles Littéraires*, dedica tambem á *America Brasileira* e ao seu director as seguintes palavras, que transcrevemos do numero de 1 de Setembro ultimo: "M. Elysio de Carvalho, qui dirige à Rio de Janeiro la belle revue *America Brasileira* où il fait une large place aux lettres françaises, vient de publier *Laureis Insignes*, ouvrage dans lequel il évoque le Brésil à ses origines, à l'époque émouvante où s'établissait les assises de la nation. Il y a là de grands tableaux, et qui sont autant d'un poète que d'un historiographe."



REPERTORIO

VIDA INTERNACIONAL

HENRY CÉARD

Com a morte de Henry Céard, a Academia Goncourt perde um dos seus membros mais illustres. Nascido em 1851, em Bercy (Sena), H. Céard após ter abandonado os estudos de medicina, entrou para a administração como adido ao gabinete do prefeito do Sena. Uma novella, apparecida em "Les Soirées de Médan" revelou-o ao publico. Desde então consagrou-se inteiramente ás letras com uma bella consciencia e com um labor honesto. Para o theatro deu "Les Résignés", peça montada por Antoine no Theatro Livre. Em seguida "Renée Mangerin", peça extrahida do celebre romance dos Goucourts, "La Pêche e dout pour l'honneur". Publicou varios romances: "Une belle journée", de uma analyse subtil, "Mal Eclot" e "Terrains a vendre au bord de la mer", todos romances naturalistas mais ou menos filiados á escola de Zola. Pertencia á Academia Goncourt desde 1918, para onde entrou na vaga de Judith Gautier, batendo Courteline por seis votos contra tres. Era uma nobre figura de escriptor pelo character e pela intelligencia.

ANGEL GUIMERA

Angel Guimera, o fundador do theatro catalão, o poeta nacional da Catalunha, falleceu em junho de 1924, na Praça del Pi, em plena Barcelona. A morte foi uma consagração definitiva da que já se vinha realizando em vida. A cidade ficou sem uma rosa que se pudesse depor sobre o caixão. Todas as sacadas estavam enlutadas, e, á passagem do feretro, através de densa multidão, as mulheres ajoelhavam-se commovidas. No cemiterio de Montjuic, ainda se poudo ver pela ultima vez, através do vidro do caixão, o corpo envolto na bandeira catalã. Disseram-se palavras breves de adeus. Guimera, ao completar os sessenta annos, em 1909, fora objecto de uma homenagem nacional. De pé, na tribuna da praça de Catalunha, o poeta viu passar todos os corpos da cidade, desde os maiores até aos menores. Além de ser o poeta nacional, era o symbolo das aspirações supremas do seu povo. Quasi cego, corpo de titan apatriarchado, rude e bom ao mesmo tempo, fazia pensar, nos seus passeios quotidianos pelos Ramblas, um poeta exul de outras eras e de povos desaparecidos. Em 1887, publicaram-se as suas poesias completas, farfalhantes de um denso romantismo. Enthusiasmado pela historia nacional, voltou-se para o theatro, creando o theatro catalão, dynamização das qualidades viris do seu povo. Em 1879, escreveu "Gala Placidia", sua primeira obra theatral. Em 1888, "Mar e Ciel". E em 96, a obra prima, "Terra Baixa" o drama rural da Catalunha. No theatro, Guimera era romantico e naturalista ao mesmo tempo, mas com as mesmas qualidades lyricas dos seus poemas.

E a Espanha, terra da galanteria emphatica, soube prestar uma homenagem commovida a um dos seus grandes poetas mortos, mas que ficará como uma immensa sombra cobrindo a sua provincia querida.

CAMILLE MAUCLAIR

O nosso illustre collaborador, Camille Maclair, no momento em que parece ver assegurada a sua entrada para a Academia Goncourt, lê o que Paul Haurigot escreve nos "Maitres de la Plume", a respeito do seu prodigioso trabalho composto de cincoenta e tantos volumes e collaboração esparsa em varias revistas mundiaes. Diz Paul Haurigot: "Entre tantas obras diversas, caracteres communs: o estylo é uma longa caricia; cada vez mais simples, mais claro, é sempre colorido, musical; alguém pôde ser um grande escriptor sem ser um artista; sente-se sempre um grande artista em tudo que Maclair escreve. Não sei de obra que dê tanto a impressão de uma synthese de todas as artes. Vê-se, escuta-se, é-se possuido, conquistado, encantado; não se poderia ser indifferente deante de uma sinceridade lendida, continua; Maclair está sempre commovido, d'outro modo não escreveria.

AINDA O CASO SHAKESPEARE

Longworth Chambrun escreveu em "La Revue Universelle" um artigo referente á existencia de Shakespeare, de que fizemos este resumo. A primeira allusão formal a Shakespeare, como escriptor, encontra-se em "Willobiehis Avisas", livro sem valor litterario, apparecido pelos fins de 1594 com o pseudonymo de Hadrian Dorelle. O autor menciona Shakespeare como tendo feito apparecer o volume de "Lucrecia". A censura ordenou a suppressão da obra, sob o pretexto de que as personagens eram facilmente reconheciveis sob as suas iniciaes... Quando Shakespeare morreu em Stratford, em abril de 1616, muitos dos seus contemporaneos celebraram-lhe a gloria com versos elegiacos, cuja mór parte foi inserta na edição das suas obras publicadas pelos seus camaradas do theatro, em 1623. Além destas peças semi-officiaes, ha outras mais modestas, como os versos ingenuos compostos em 1626 sobre "a morte do poeta do Avon". Ben Jonson escreveu a ode ao "doce cysne do Avon". Os biographos, mesmo os mais antigos, divergem quanto á condição da familia de Shakespeare. Rowe, na sua noticia biographica, declara que a familia do poeta era de bom tom e fazia boa figura no condado ("people of good figure and foshion"), ao passo que Aubrey, historiographo consciencioso, invocou o testemunho de um velho vizinho de Henley Street que conheceu os Shakespeares no momento dos embarços financeiros. Este contou que o pae tinha sido açogueiro e que William, por certo tempo, foi aprendiz nesta profissão. Rowe allude á condição de nobreza da familia (gentilhomens de pequena nobreza) e fala da sua condição social numa epoca em que o poeta, tendo abandonado a scena, voltou para os seus coberto de ou-

ro e de louros. As informações de Aubrey remoniam a vinte annos antes: por conseguinte não ha contradicção entre ambos os trechos.

ROMANCISTAS INGLEZES

David Garnett estreou nas letras inglezas com uma novella *A mulher transformada em raposa* ("Lary into Fox"), recentemente traduzida para o francez por André Maurois. H. G. Wells fez-lhe os maiores elogios. É uma historia de imaginação, bella, viva, de uma pureza classica de linhas, e uma maravilhosa resurreição do estylo do seculo XVIII. Muita gente, tendo em linhas de conta o lado artificial da obra, isto é, o pastiche do estylo, acreditou que D. Garnett seria sempre o "homo unius libri". Garnett publicou este anno outra obra: "Um homem no jardim zoologico" ("A man in the Zoo"). É um livro imaginoso, pessoal, phantastico e realista. Descreve as aventuras de um homem que, tendo brigado com a noiva, se offerece para figurar no jardim zoologico. Todo o livro é a narração das suas experiencias psicologicas. D. Garnett é afinal um romancista do sentimento como Richardron, Stendhal, Tolstoi, Dostoiewsky, Proust e Pirandello. Pelo espirito, pela imaginação e pela psychologia, é ao mesmo tempo um escriptor inglez e universal. Outro escriptor inglez, de uma psychologia profunda e kaleidoscopica (e eis unia das magnificas qualidades da litteratura ingleza em que primam A. Bennett, D. H. Lawrence, G. Cannan, W. L. George e Garnett), é E. M. Forster. Forster é um escriptor de escol, afastado do grande publico e que não chama a attenção nem pelo methodo nem pela quantidade das obras. Em 1910 publicou "Howard's End". Este anno appareceu "A Passage to India". Forster é um observador de personalidades e dos seus estados psychicos. Trata das relações anglo-hindus, e nisto está o merito do livro por ser o primeiro a tratar de tal assumpto de uma maneira intelligente e sympathica. O livro não agradará ao inglez burocrata nem talvez ao hindu dominado, mas áquelle que tiver uma visão esthetica do universo. Outro escriptor inglez cujos livros o fazem impor-se é T. F. Powys. Pertence á estirpe de Hardy. Os seus livros "The left leg", "Black Bryony" e "Mark only" descrevem a vida camponesa da Inglaterra de uma maneira pungente, satyrica e brutal, fazendo pensar no realismo romantico dos russos como Dostoiewsky e Sologus.

LAFCADIO HEARN

A "Revue des Deux Mondes" publicou recentemente em dois numeros passados extractos da correspondencia de Lafcadio Hearn, o celebre autor de "Kokoro", "Kwaidan" e outros livros sobre o Japão. A correspondencia é uma das mais bellas que se tem escripto. Hearn nasceu em Santa-Maura, a antiga Lençada, filho de um official inglez em guarrição nas ilhas Jonicas, então occupadas pela Inglaterra, e de uma grega. Aos vinte annos, depois de ter abandonado a familia, chega a Nova York faminto. É creado de um mascate syrio, compositor, corrector de provas, secretario de uma

bibliotheca, reporter de um jornal. Em Nova Orleans é jornalista, consagrando o resto do seu tempo a estudos literarios. Seducido pela literatura franceza, traduz Gautier, Maupassant e Loti. Começa a escrever. Um editor norte-americano envia-o ás Antilhas. Daqui, parte para o Japão, um pouco antes dos quarenta annos. O Japão é o paiz dos sonhos da imaginação de Hearn. Possuido pelo encanto intangível e volátil da terra, Hearn decide-se a ficar ali até á morte. Escreve os seus magníficos livros sobre o Japão. Casa com Setza Koizumi, filha de um sumurai nobre e pobre. Koizumi significa em japonês "Pequena Primavera". Estuda o Japão de todas as fórmás, com uma honestidade inexcedível: a lingua, a historia e a religião. Por isso é que os seus varios livros são menos instructivos, menos espontaneos que os de Loti. Hearn estuda. Loti vê o que ha de permanente além do fugidio e instavel, sem nenhuma preparação anterior. Toda a alma japoneza, heroica, patriótica e ardente, espalha-se nos livros de Hearn, que hoje é o guia indispensavel para quem quer que tente comprehender algo do character e do temperamento japonês. Quando os seus livros começavam a espalhar-se, quando a Inglaterra e os Estados Unidos lhe prestavam homenagens, que a Universidade de Oxford o convidava a fazer uma serie de conferencias, elle morreu. Foi enterrado á moda buddhica, e os japonezes fizeram-lhe funeraes magníficos. "O que amo no Japão, são os japonezes, a simples e pobre humanidade deste paiz. E' divinal. Não ha nada no mundo que possa comparar-se com o seu encanto ingenuo e natural...", disse do Japão.

A QUESTÃO DOS CELTAS

A raça celtica, cujos fragmentos sobrevivem ainda na Escossia, no Paiz de Galles e na Bretanha, dominou outrora uma grande parte da Europa. A lingua irlandeza formou-se nas priscas eras em que o idioma celtico era falado nas margens do Mar do Norte e em que os germanos acompanharam os Celtas á Irlanda. Regiões inteiras da Alemanha moderna são habitadas principalmente por uma população de origem celtica. Os antepassados dos inglezes actuaes não eram talvez germanos, mas celtas germanizados. No começo da idade do ferro, os celtas occupavam as passagens dos Alpes, do Rheno e do Danubio, e eram a principal nação commerciante do norte dos Alpes. Faziam, como intermediarios, o commercio do estanho. A palavra grega que serve para designar o estanho deriva, segundo a opinião dos sabios, do celta. Afim de se apoderarem das minas de estanho, os celtas occuparam a Bretanha, o nordeste da Espanha e as montanhas do Hartz na Bohemia. Tambem se estabeleceram na península da Jutlandia, á procura do ambar que, nessas épocas, tinha o valor actual do diamante. Tacito já dizia que a lingua dos esthonianos apresentava muitas relações com a dos bretões. Os cimbras e os teutos, que no seculo II invadiram o Imperio romano, vinham da Jutlandia. Muitas razões tendem a provar que eram celtas. Os nomes cimbras que nos vieram até hoje não são certamente de origem germanica. O nome cimbro do mar do norte da Jutlandia, "Morimarus" é formado por duas palavras celtas que significam "Mar Morto". Quanto á palavra "Teutão" parece derivar da palavra celtica "teuta" de onde proveiu a palavra irlandeza "tuath" (povo). Os celtas eram muito ricos e muito poderosos, de modo que impuzeram a sua civilização aos povos mais fracos e incultos. Foi assim que o seu culto de Nerthus, ou a Mãe-Terra, communicou a raça germanica uma religião mais humana. Nerthus entrou na mytho-

logia escandinava e parece ter sido a principal divindade dos Esthonianos. A influencia celtica foi predominante na antiguidade escandinava e póde ainda hoje ser reconhecida graças a numerosos vestigios philologicos, archeologicos ou historicos. Estas provas, diz o Dr. Bugge num artigo do "Nordisk Tidsskrift", fazem despojar-nos de uma illusão a mais a respeito da pureza da origem das raças.

A "LINGUA" NORTE-AMERICANA

Nos Estados Unidos e na Inglaterra discute-se a questão de saber se a lingua não se seccionará formando uma lingua propriamente norte-americana. H. L. Meinken, um dos maiores criticos norte-americanos, escreveu um livro sobre "American Language", defendendo este ponto de vista nacionalista. Outros opinam que não. Se ha differenças ou particularidades, são-nos locais, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. O leitor norte-americano lê e relê Hardy, Wells e Brunett, o inglez lê e relê J. B. Cabell, I. Sergesheiner e Sinclair Lewis. Ha realmente particularidades. Mas é facil encontrar duzentos termos norte-americanos, cuja equivalencia se exprime em inglez por outra palavra. Por exemplo: "cane" e "stick" (bengala); "bathrobe" e "dressing-gown" (robe de chambre); "boardwalk" e "promenade"; "chicken-yarts" e "fowl-run"; e muitos outros. Praticamente, os anglicismos e os americanismos em nada alteram a estrutura interna da lingua.

PATRIOTISMO NORTE-AMERICANO

Nos Estados Unidos, o patriotismo é um sentimento particular, resultado dos acontecimentos historicos de que surgiu a União, consolidada pelas guerras civis libertadoras. Não ha, actualmente, nenhuma hostilidade aberta entre os diferentes estados que compõem a União. Esta é uma realidade viva. Entre os norte-americanos nunca se viram lutas como entre, por exemplo, os Venezianos e os Florentinos. E' verdade que, na America Central e na Meridional, se emprestam aos Estados Unidos velleidades de conquista brutal e de hegemonia pan-americana. O verdadeiro patriotismo actual norte-americano parece ser "minado por uma vontade ardente de paz e de união". Todos os que conservaram nos Estados Unidos as tradições de Washington e de Lincoln, confundirão patriotismo com o amor pela humanidade.

G. APOLLINAIRE

Acaba de apparecer, pela primeira vez em castelhano, o "Poeta Assassinado", de G. Apollinaire, traducção de R. Causinos Assens, e com um prologo do nosso illustre collaborador, Ramón Gómez de la Serna. Apollinaire, além do extraordinario papel que representou na literatura franceza de 1905 a 1915, é figura extremamente anedoctica, a começar pelo nome e pela origem: Guilherme Apollinaire Kostrowitzky; origem: entre polaca e italiana. Erudito, modernista, admirador incondicional das aventuras de "Fantômas", propulsor do cubismo, trombeta do genio de Picasso, de Féral e de Rouseau, megaphone do modernismo. Supposto autor do roubo da Gioconda que aliás detestava cordialmente. Morto na guerra por um estilhaco de granada Apollinaire deixou admiradores como Cocteau, Billy, Rovère, Rouveyre, André Salmon e outros. As suas audacias imaginativas, poeticas e typographicas não escandalizam mais ninguém, os seus paradoxos, as suas phrases e as suas imagens dominam até hoje pelo espirito, pelo simultaneismo e pela alegria. Apollinaire teve e continúa a ter admiradores commovidos. Mas a critica microscopica de toda a sua obra está por fazer-se.

E' um erro dizer que, quando um escriptor deixa, em duas ou tres linhas, uma idéa original, ella não irá influenciar no cerebro de um individuo são ou desequilibrado. A esse proposito basta abrir as "Intenções", de Wilde. Ha dias aconteceu um caso dramatico (e de drama ultra-romantico) em Genebra: uma mulher, desejando desfazer de qualquer modo os ciúmes do marido, decidiu sacrificar a sua belleza, disfigurando-se por meio de um acido corrosivo... Toda a gente exclamou: é Barbey d'Aureville! é Villières de l'Isle-Adam! Não, é apenas Léon Bloy, no seu romance, "O desesperado", em que a casta companheira do escriptor Marchenoir se desfigura para não suscitar nelle máos desejos. A literatura parece preceder a vida...

UM RECORD

Estamos na epoca dos records. Um jornal de Buenos Aires deu o nome de um cavalheiro:

Don Juan Iturriberrigorrigococrataberri-cochea

Não é, no entanto, o nome mais comprido do mundo. O rei de Burma tem um nome que dá a volta ao mundo duas vezes e meia:

Siritavibhavanadityapauarapenditasudhammarajamahadhipatinarapatisthur.

COMMERCE

Acaba de sahir o primeiro numero da revista trimestral, *Commerce*, sob a direcção de Raoul Valéry, Léon-Paul Fargue, Valery Larbaud. O sumario contém: Carta, por Paul Valéry; admiráveis poemas em prosa de Fargue; "Amizade do Principe", "Saint-John Perse"; fragmentos do extraordinario "Ulysses" de Joyce. E' uma magnifica revista animada por um espirito moderno, lucido, intelligente e universal.



Oswaldo Orico: *COROA DOS HUMILDES*, Nova Era, S. Paulo, 1924. Os novos poetas brasileiros, que despontam nesta hora constructiva da nacionalidade, neste periodo da puberdade do Brasil, veem animados por uma visão da vida sadia, muscular e sanguinea. Em uma essa novação ou renovação dionysiacca dos valores da vida; apparece totalmente em outros, a alegria é mais medida, mais sobria e mais suave. O Sr. Oswaldo Orico pertence á categoria fluctuante destes ultimos. O seu livro de poemas, *Coroa dos humildes*, faz suppôr uma alegria simples de quem contempla o fluir sereno das aguas castas, um prazer imemorial de quem se deixasse ficar a imaginar mais fabulosas construcções com os seixos do regato. O A., no poema, "as aves e aos peixes", diz:

*Belleza da humildade incomprehendida,
Virtude humilde, qualidade sem relevo,
Gloria velada, sem alardes e esplendor.
A vida me ensinou a alegria da vida.*

Neste ultimo verso claro e aromado está toda a essencia do livro, como um perfume dentro do vidro. Parece-nos um aspecto velho e novo ao mesmo tempo da vida, esse de se ver a alegria volátil

das coisas através de uma janella aberta para o sol, ouvindo o murmúrio da natureza, e toda a orquestração das vozes humanas, dentro de uma paisagem primitiva onde predominam os sons crús vermelhos, verdes e amarelos dos pomares, das chacaras, dos jardins, das mattas e das montanhas, onde se ouvem as vozes estridentes e sem rythmo das crianças e do povo em motivos de alegria ou em motivos de annuncio do seu trabalho co-roudo pelo sol do dia a dia. Esse aspecto suggestivo entrou na poesia moderna pelos epigrammas do Sr. Ronald de Carvalho, e do Sr. Guilherme de Almeida, e pelo maravilhoso "rythmo dissoluto" das *Poesias* do Sr. Manuel Bandeira. Neste ha um tendencia de aproveitar themes populares e folk-loreicos. Na *Corôa dos humildes* advinha-se e vê-se, na maioria do casos, esse mesmo aspecto das coisas. Mas a suggestão reveste-se de mais pudor, só acceta caricias brandas de plumas, vela-se dos tons fortes do sol, e agasalha-se na espessura dos bosques. Ha tambem certa estylisação agri-doce de aspectos urbanos, como, por exemplo, nas quadras da "musica da rua". O A. compra-se em busacr a agua dos mananciaes abandonados da poesia lyrica de Bernardim Ribeiro, Crisfal e Rodrigues Lobo, querendo canalizal-o, dragando-a de todas as impuzeras do caminho, e apresentando-a fina, transparente e saborosa.

França Pereira: *TERRA PATRUM*, Livraria Universal, Recife 1924. O A. escreve, em versos vibrantes, um livro de exaltação e amor á terra pernambucana. Todos os feitos, nimbados pelo ouro da historia, tragicos, altivos e abnegados, da terra dos Cavalcantis, dos Albuquerque e dos Mouras, perpassam rimados neste livro de forte enthusiasmo. O A. afirma-se-nos um conhecedor da nossa historia, e principalmente da historia do grande Estado, e é poeta de subido valor.

Mario Sette: *A FILHA DE DONA SINHA*, Imprensa Industrial, Recife 1924. O Sr. Mario Sette, conhecido e operoso escriptor do Norte, que já tem na sua bagagem litteraria, composta de livros de contos e um romance, uma obra como *Senhora de Engenho*, acaba de enviar-nos do Recife o seu ultimo livro, *A filha de Dona Sinhá*. É um romance de amor, bem brasileiro pela sua atmospheria, pelas suas figuras (e isto é a melhor coisa que se póde dizer delle), de uma arte simples, sobria e commovida. É um livro irmão de *Senhora de Engenho*.

Claudio de Souza: *A MATILHA*, Rev. de Lingua Portuguesa, Rio 1924. Claudio de Souza, o novo "immortal", o festejado autor de *Flôres de Sombra* e de *Os bonecos articulados*, acaba de enviar-nos a ultima peça, *A matilha*. É uma peça que pretende mostrar, como aliás mostra, os effeitos tragicos, em sociedades como a nossa, da falta de divorcio com dissolução do vinculo conjugal, segundo a opinião do A. Desapparecido o amor, a indissolubilidade da união apenas institue a hypocrisia, o embuste e favorece as escapadas pela porta do adulterio. Outra consequencia tragica dessa anomalia é o desfecho, na maioria dos casos, do assassinio covardissimo de mulheres inermes, de tal modo que, no Brasil, por motivos taes, se mata uma mulher de meia em meia hora, segundo estatistica ultimamente reenseada pela *Revista Feminina*, de S. Paulo! É uma comedia bem urdidada, silhuetada de figuras vivas, verdadeiras photographias, que encontramos a todo o instante: a intrigante do salão, o novo-riço que compra por 5 e vende a 15 e ainda depois (consegue um titulo do Papa e os cogumellos encasacados). A historia do amor de Arnaldo, que abandona nobremente a espera para dedicar-se a Angelita, é resumante de sinceridade, mostrando que os preconceitos e as proprias relações sociaes, como uma matilha, buscam o momento azado para

despedaçarem uma felicidade que cresceu espontaneamente.

Rocha Ferreira: *O PECCADO ORIGINAL*, M. Victor, S. Paulo, 1924. O A. já tem varios livros de versos impressos, lisongeiramente recebidos pela imprensa e pelos circulos litterarios. O *Peccado original*, recentemente publicado, é um livrinho de pequenos poemas, syntheticos, ou imaginarios e repassados de um pessimismo por assim dizer cosmico, que vae desde Deus e a geração até ás pequenas banalidades quotidianas que constituem o amor.

Agostinho de Campos: *LER E TRESLER*, Aillaud e Bertrand, Lisboa. O nosso illustre collaborador, Sr. Agostinho de Campos, é uma das figuras mais suggestivas da litteratura portugueza. Pela linguagem clara, rythmica, sobria e moderna é um espirito de hoje; mas, encarado pela vernaculidade da phrase é um classico leve e saboroso da linhagem dos D. Francisco Manuel de Mello e dos Bernardes. Em sua vasta obra de pedagogico, critico e chronista, o passado e o presente, a tradição classica e o espirito de hoje reúnem-se numa encurilhada paradoxal. Além destas qualidades, já de si extraordinarias, o A. é um dos fortes baluartes da pureza vernacula. A sua "Anthologia portugueza", que já está em vinte e tantos volumes, é um monumento, de bom gosto, de critica e de uma perseverança incommum. Como pedagogico, afirmou-se com essa obra, em que se casam sciencia e arte, *Casa de paes, escola de filhos*, livro unico no genero tanto em Portugal como no Brasil. O seu livro recente, *Ler e tresler*, de titulo tão ironico e suggestivo, é uma collecção de chronicas interessantes sobre coisas e livros de varias litteraturas, desde os Cacioneiros e Camões até Eugenio de Castro e A. Lopes Vieira, desde o Poema do Cid até Peguy e Tagore. A graça, e bom humor e a observação justa como uma alfinetada palpitam em todas as páginas. Os dois estudos sobre Camões,

"Camões e o sentimento nacional" e "Camões em França", mereceriam ser postos em relevo nas paginas de uma revista que dedicasse um numero especial ao quarto centenario do nascimento do Genio da raça, que passou numa indiferença incolor, pelo menos no Brasil.

Sousa Costa: *AS GRANDES AMOROSAS*, Annuario do Brasil, Rio 1923. Este livro comporta as conferencias realizadas pelo A. no Rio, em 1923: "As grandes amorosas", "Tomada do mar", "Usanças da minha terra", "As cathedraes portuguezas". Quatro bellas conferencias em que o A. pesquisa os circulos da consciencia das grandes amorosas, pinta com um regionalismo claro e colorido, que afinal é a propria vida portugueza, uma "tourada no mar" e "usanças da minha terra", e na ultima conferencia evoca as cathedraes portuguezas. A linguagem alimenta-se do humus popular: é regionalista, ardente e incisiva como recorte de uma moeda. É um capitulo formoso e alegre na obra do romancista do *Fruto prohibido*, *Coração de mulher*, *A peccadora* e de outros livros muito lidos em Portugal.

Castello Branco Chaves: *FIALHO DE ALMEIDA*, "Lumen", Lisboa 1923. O espirito critico é raro em Portugal e no Brasil. Cada critico que apparece, intelligente, culto e bem intencionado, disposto a ser um factor de progresso litterario e do todo de uma finalidade artistica, cada critico assim deve ser saudado com enthusiasmo. Irá esborvar o preconceito de que o critico é um homunculo que se põe a dissecar tecido por tecido, cellula por cellula, o corpo de um gigante. O A. apresenta-se com um estudo sobre Fialho, precedido de um prefacio interessante de Antonio Sardinha. O caso de Fialho, que, querendo ser o mais rea-

lista dos realistas, foi o mais romantico dos realistas, é estudado com muita argucia. A. Sardinha diz no prefacio que Fialho não passou de um *inadantado*. Para outros, Fialho é um demagogo romantico, preocupado com o eu, preocupado em recrear o mundo através da sua sensibilidade, por assim dizer, por osmose. Todos os matizes fugidios da personalidade de Fialho são focalizados á luz de uma critica severa, intelligente e raramente parcial.

Ludovico de Menezes: *CAMILLO*, Portugalia, Lisboa, 1924. Teixeira de Pascoaes estabeleceu o confronto entre Camões e Camilo, os dois marcos millia-rios da mentalidade portugueza, as duas maiores figuras da litteratura da lingua. Camillo é, por si só, todo o romance portuguez, sob o ponto de vista de originalidade. Felizmente o culto camilliano augmenta nos proselytos. Escriptores e criticos analysam-lhe a vida e a obra, como Alberto Pimentel, Alfredo Pimenta, Antonio Cabral, A. da Costa Leão, Castello Branco Chaves, José Caldas, L. d'Almeida Braga, N. C. Cardoso e muitos outros. O Sr. Ludovico Cardoso, sacóde os archivos, estudando Camillo á luz de documentos e factos inteiramente novos. É um livro curioso, alicerce de uma obra em mais dois ou tres volumes, repleto de documentos do mais alto valor sobre o nascimento e a familia de Camillo, merecendo, portanto, os mais francos elogios.

César de Frias: *AO SÓPRO DA VIDA*, Lusitania Ed. Limitada, Lisboa. O Sr. César de Frias, poeta, novellista, romancista e critico ao mesmo tempo, autor de *A affronta a Antonio Nobre*, *Nossa-Senhora Eva*, e as *Grandes Nupcias*, é uma figura interessante do actual movimento litterario portuguez e muito pouco conhecida no Brasil. *Ao sópro da vida* é um livro de novellas fortes, realistas e bem portuguezas pelo estylo, pelo traço das figuras e por toda a atmospheria creda.

César de Frias: *AS GRANDES NUPCIAS*, "Lumen", Lisboa, 1922. *As grandes nupcias* são um romance da estirpe camilleana. Nas terras adustas do Alemtejo, num meio campeзино, o A. descreve paralelamente a historia de duas familias, os Parros e os Bouças. Todas as figuras movem-se, gesticulam e palpitam num scenario colorido de terras fertéis e bem cultivadas. Mas o A. parece preocupar-se mais com a atmospheria moral, e nisto está o valor do seu livro que subterraneamente se aparenta com os grandes romances de Camillo. Destarte segue a verdadeira tradição do romance portuguez. Nesse ambiente familiar estreito, os egoismos levedam e duas familias, material e moralmente diferentes, odeiam-se. Desde o começo até ao fim do livro, o destino implacavel não lhes deslaça da cabeça as mãos invisíveis, e o romance termina numa scena tragica de loucura e de morte, mostrando que o amor é sempre irmão da morte.

Ramón Gómez de la Serna: *POMBO*, Madrid, 1924. O autor da *Viuva branca e preta* envia-nos de Madrid, o segundo volume da historia do celebre café, o *Pombo* (tomo II, dunque independente del I, pudiendo leer-se el II sin contar con el I). O *Pombo* é o centro de reunião dos modernos escriptores hespanhóes. Neste volume de 600 paginas, profusamente illustrado, Ramón Gomez de la Serna descreve a vida anecdotica e intima do café, fundado em 1827, e celebre por todos os titulos em Madrid.

R. Blanco-Fombona: *CRISPULO Y SU ENAMORADA*, La novela semanal, Madrid, 1924. Esta obra do nosso illustre collaborador é o n. 151 de "La Novela Semanal" que se publica em Madrid. É uma novella densa, contando uma historia amorosa de desenlace tragico. Traz um prefacio de Elyσιο de Carvalho.

LIVROS NOVOS

Editados nos mezes de Julho, Agosto e Setembro do corrente anno, pelo editor Jacintho Ribeiro dos Santos

- DIREITO PENAL BRASILEIRO** — Commentario do Codigo Penal, 2º vol., parte especial, pelo Dr. Galdino Siqueira, acaba de ser publicado, 1 grosso vol. cerca de mil paginas, encadernado. 50\$000
- PROCESSO CRIMINAL**, de Galdino Siqueira, 2ª edição, correcta, augmentada, volume encadernado. 45\$000
- A NOVA LEGISLAÇÃO DA INFANCIA** — por Levi Carneiro — (Relatorio sobre as leis e tendencias legislativas em favor da infancia, contemporaneas da guerra europea. Registro Civil. Regulamento de menores abandonados), 1 volume brochado, 6\$000 — encadernado. 8\$000
- INFANCIA ABANDONADA E DELINQUENTE** — Decreto numero 16.272, de 20 de Dezembro de 1923; decreto n. 16.308, de 27 de Fevereiro de 1924; decreto n. 16.444, de 2 Abril de 1924, seguidos de um minucioso formulario das acções e processos respectivos, por Ribeiro dos Santos — um volume cartonado. 7\$000
- CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS PENAES** — 2ª edição, accrescida da legislação posterior a 1917, anno em que foi publicada esta obra até o corrente anno, por Eugenio Ferreira da Cunha, advogado nos Auditorios da Capital Federal, 1 volume encadernado. 13\$000
- GEOGRAPHIA COMMERCIAL** — (Ilustrada com varias cartas economicas) por Lindolpho Xavier, 2ª edição, refundida e augmentada, 1 grosso volume encadernado. 10\$000
- HISTORIA ECCLESIASTICA** — de Funch, traduzida pelo Dr. Salvador Penna, 1 grosso volume brochado, 15\$000 — encadernado. 20\$000
- CHOROGRAPHIA DO BRASIL** — pelo Dr. Marlo Da Veiga Cabral, 9ª edição, adoptada em todos os collegios do Brasil, 1 volume encadernado e illustrado. 10\$000
- NOSSA PATRIA** — (Noções de Chorographia do Brasil, para uso das escolas primarias), pelo professor da Escola Normal, Dr. Mario Da Veiga Cabral, 3ª edição, 1 volume cartonado e illustrado. 3\$000
- PEQUENA HISTORIA DO BRASIL** — pelo Dr. Marlo Da Veiga Cabral, 2ª edição, 1 volume cartonado e illustrado. 3\$000
- HISTORIA UNIVERSAL** — pelo Dr. João Ribeiro, 4ª edição, correcta e augmentada, com numerosas gravuras, encadernado. 10\$000
- PEQUENO ATLAS DO BRASIL** — 3ª edição, annotado pelo Dr. Mario Da Veiga Cabral, 1 volume. 3\$000
- GRAMMATICA DE LINGUA NACIONAL** — para as escolas primarias, pelo Dr. Porto Carrero, 1 vol. illust., com numerosas gravuras de Raul Pederneiras. 3\$000
- DECRETO N. 4.743, DE 31 DE OUTUBRO DE 1923** — (Regula a liberdade de imprensa e dá outras providencias), profusamente annotado com todas as decisões dos Tribunaes, por um distincto Magistrado, volume IV da Collecção das Novas Leis Annotadas. 5\$000
- CYRANO DE BERGERAC** — por Edmundo Rostand, traduzido pelo Dr. Carlos Porto Carrero, 3ª edição, 1 volume brochado. 6\$000 — encadernado. 10\$000

PEDIDOS AO EDITOR JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

82, RUA S. JOSÉ, 82

RIO DE JANEIRO

N. B. — Remettem-se catalogos a quem requisitar, franco de porte.

“A Equitativa” dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Sede Social: Avenida Rio Branco, 25 — Rio de Janeiro

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO
73º SORTEIO — 15 DE OUTUBRO DE 1924

129.220 — D. Helena Carrano.	Curityba, Paraná.	119.366 — Fabio da Silva Prado.	S. Paulo, S. Paulo.
139.454 — Benedicto Nobrega dos S. Passarinho.	Belém, Pará.	125.755 — Antonio P. da Silva Barros	Pindamonhangaba. idem.
95.969 — Epaminondas de Moura Ferro.	S. Luiz, Maranhão. Fortaleza, Ceará.	139.062 — Manoel Duarte Couceiro	S. Paulo, idem.
135.817 — Efreim Pequeno Gondim.	Porto Alegre, Rio Grande do Sul.	119.362 — Fabio da Silva Prado.	Idem, idem.
140.516 — Francisco Bento Netto		140.081 — José Gomes de Azevedo.	Ibitiuva, idem.
98.334 — Guilherme Edmundo Richards.	Corumbá, M. Grosso. Pilar, Alagoas.	113.367 — Pietro Carrer.	S. Paulo, idem.
40.386 — Pedro Pierre de Araujo.	Manãos, Amazonas.	120.474 — Dr. Calixto de Sousa Medeiros.	Baurú, idem.
130.069 — Paulo Corrêa de Araujo.	S. Salvador, Bahia.	139.252 — Francisco Marcondes de Mattos.	Taubaté, idem.
108.017 — Joaquim Quintino Carvalho	Areia, idem.	128.040 — Daniel Bicudo e Silva.	S. Paulo, idem.
98.451 — Tercio Emygdio Ramos.	Petropolis, E. do Rio.	137.332 — Adolpho Bevilacqua.	Osasco, idem.
128.477 — Alfredo Pinto da Silva.	Niotherohy, idem. Magdalena, idem.	140.887 — Dr. José Ferreira Santos..	S. Paulo, idem.
118.310 — Daniel da Costa.	Recife, Pernambuco.	134.770 — Alfredo Luiz Felner.	Santos, idem.
140.691 — Virgilio Augusto Fortes.	Idem, idem.	142.003 — João Domingues Sampaio .	S. Paulo, idem.
134.609 — Walfredo Pessoa de Mello.	Idem, idem.	121.529 — Luiz Vicente de Affonseca: Idem.	Capital Federal.
134.245 — Diniz Perylo de Albuquerque Mello.	Idem, idem.	140.808 — Mario J. A. Gonçalves.	Idem.
117.572 — Joaquim Xavier de Moraes	Goyanna, idem.	124.791 — Augusto Mendes Corrêa.	Idem.
113.413 — Alvaro Magalhães.	S. Paulo Muriahe, Minas Geraes.	101.096 — José Rodrigues de Oliveira	Idem.
126.035 — Benedicto R. Ribeiro de Souza.	Ponte Nova, idem.	136.371 — Bernardino Ribeiro da Fonseca.	Idem.
104.553 — Epaminondas Porto.	Santa Luzia Caran-gola, idem.	127.387 — Gideon Stephanus de Clercq Junior.	Idem.
111.629 — Manoel Ribeiro Gomes.	Diamantina, idem.	132.367 — Benedicto Luiz Antonio.	Idem.
97.604 — Tobias Varella de Azevedo.	S. Paulo Muriahe, idem.	132.368 — Alberto José Caldeira.	Idem.
128.935 — Manoel Cesar P. da Silva Junior.	Jequiry, idem.	132.369 — José Vargas da Silveira.	Idem.
133.913 — João Amancio da Silveira.	Passos, idem.	132.370 — Paulino de Oliveira Silva..	Idem.
139.358 — Manoel M. de Oliveira Brandão.	Juiz de Fóra, idem.	132.362 — Manoel Victalino da Silva..	Idem.
125.694 — Dimirio Mello Padua.	Abre Campo, idem.	101.098 — Venerando Alvarez Coelho	Idem.
132.776 — Vicente Beghelli.		131.212 — Antonio Leite de Mello.	Idem.
140.643 — José Grossi.		106.953 — Antonio Fernandes dos Santos.	Idem.
		124.092 — Joaquim Pacheco Rocha Duarte.	Idem.
		134.846 — Ernani Rodrigues Teixeira	Idem.
		103.659 — Simão Fernandes Castro.	Idem.
		141.925 — Adamastor Antonio Cantarino.	Idem.

NOTA — A Equitativa tem sorteado, até esta data, 2.190 apolices no valor de 10.030.369\$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor, com direito aos sorteios ulteriores.



EXTRACTO
 "FLORIENT"

DE

"COLGATE"

SUAVE E PERSISTENTE
 DÁ UM "CACHET" DE DISTINCCÃO
 A QUEM O USA

AGENTES GERAES

LEONE & C.

1.º DE MARÇO, 89 — RIO —————||————— PRAÇA DA SÉ, 34—S. PAULO

BANCO HYPOTHECARIO
 DO BRASIL

50 - AVENIDA RIO BRANCO - 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

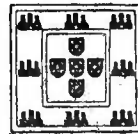
Depositos em contas correntes
 á vista e a prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

LVSITANIA

REVISTA DE ESTVDOS
 PORTVGVESES



LISBOA

*Directora: D. Carolina Michaelis
 de Vasconcellos*

*Secretarios: Affonso Lopes Vieira
 e Reynaldo dos Santos*

Editor e Redactor gerente: Camara Reis

Assignaturas por series de 6 numeros:

Portugal.....	60\$000	Brasil.....	80\$00
Ultramar.....	70\$000	Estrangeiro.....	£ 0.12

Numero avulso 10\$00 Esoudos

Administiação: Praça Luis de Camões, 46-2º

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000\$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente de
movimento,

CONTAS CORRENTES

LIMITADAS

COM TALÃO DE CHEQUES,

Conta Corrente a

prazo fixo e

encarrega-se da administração

de propriedades



FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO



